

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

NATASHA REIS FERREIRA

**JOVENS COM DEFICIÊNCIA: ESTUDO DE PERCURSOS DE PARTICIPAÇÃO
SOCIAL NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS, SP**

SÃO CARLOS
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

NATASHA REIS FERREIRA

**JOVENS COM DEFICIÊNCIA: ESTUDO DE PERCURSOS DE PARTICIPAÇÃO
SOCIAL NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS, SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional.

Linha de Pesquisa: Redes sociais e vulnerabilidade.

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Corrêa Oliver

SÃO CARLOS
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Natasha Reis Ferreira, realizada em 17/02/2017:

Profa. Dra. Fátima Correa Oliver
USP

Profa. Dra. Ana Paula Serrata Malfitano
UFSCar

Profa. Dra. Stella Maris Nicolau
Unifesp

RESUMO

A juventude, período de transição para a vida adulta, abrange idades entre 15 e 29 anos. Aproximadamente 6 milhões de jovens brasileiros têm pelo menos uma deficiência e, mesmo após a promulgação de políticas voltadas principalmente à educação, existem defasagens em seus níveis de instrução e participação no trabalho quando comparados às pessoas sem deficiência. Dessa maneira, é importante a constituição de políticas, programas e ações para a garantia de seus direitos à participação social. Este estudo teve como objetivo identificar as oportunidades e barreiras para a participação social de jovens com deficiência desvinculados da escola, por desistência ou conclusão de curso, e teve como hipótese que essas oportunidades são escassas, principalmente, após a desvinculação escolar. É um estudo de abordagem qualitativa, que incluiu pesquisa documental sobre as ações voltadas à participação social dos jovens, realizadas em secretarias do município de São Carlos, como também entrevistas e registro do cotidiano por jovens com deficiência desvinculados da escola regular entre 2005 e 2010. Os jovens foram encontrados por meio do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência do município e por indicação de seus pares, sendo contatados em duas etapas. Na entrevista, as questões versaram sobre o cotidiano e atividades de participação social (trabalho, estudo, lazer), sendo realizada nos domicílios, trabalho ou espaço público com 4 entrevistados homens. A segunda etapa consistiu no conhecimento do cotidiano dos participantes por meio de fotografias realizadas pelos entrevistados com base no método *photovoice*. Com o levantamento de ações, obteve-se resposta de seis das nove secretarias municipais, no qual a Secretaria de Trabalho, Emprego e Renda e da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida apresentaram ações voltadas ao público alvo de forma geral. Observou-se poucas ações específicas para a juventude, sobretudo para aquela com deficiência. Para entender os percursos de participação social possíveis no município foram construídos mapas com registro das oportunidades (trabalho, lazer, ensino fundamental II e médio, unidades de saúde, transporte coletivo, entre outros elementos), sendo também sinalizada a região de moradia dos participantes. O discurso de três entrevistados indicou que as experiências escolares negativas, além de marcarem a vida escolar, mostraram-se decisivas nos percursos de participação trilhados. A hipótese de a desvinculação do ambiente escolar influenciar na participação social pôde ser confirmada por um entrevistado. As informações dos mapas, falas e registros confirmam o fato da participação social de jovens com deficiência ser prejudicada pela maior concentração das oportunidades na região central do município como pelos obstáculos percebidos no acesso e acessibilidade.

Palavras-chave: participação social, juventude, deficiência, terapia ocupacional.

ABSTRACT

Youth, period of transition to adulthood, range from 15 to 29 years. About 6 million young Brazilians have at least one disability, and even after promulgating policies focused primarily on education, their levels of education and participation in work is lower than compared to people without disabilities. In this way, it is important to establish policies, programs and actions to guarantee their rights to social participation. The study's purpose was identify the opportunities and barriers for the social participation of young people with disabilities disengaged from school, by dropping out or completing a course, and hypothesized that these opportunities are scarce, especially after disengaged. It's a qualitative study, which included documentary research on the actions aimed at the social participation of young people, held in secretariats of the city of São Carlos, interviews and recording of daily life by young people with disabilities disengaged from regular school between 2005 and 2010. The young people were found through the Municipal Council of the Person with Disabilities of the municipality and by appointment of their peers, being contacted in two stages. In the interview, the questions dealt with daily and social participation activities (work, study, leisure), being carried out in the homes, work or public space with 4 men interviewed. The second stage consisted of the participants daily knowledge through photographs taken by the interviewees based on the photovoice method. With the survey of actions, a response was obtained from six of the nine municipal secretariats, in which the Secretariat of Labor, Employment and Income and the Person with Disabilities and Reduced Mobility presented actions aimed at the general public. There were few specific actions for young people, especially those with disabilities. In order to understand the possible social participation paths in the municipality, maps were created with registration of the opportunities (work, leisure, elementary and secondary education, health units, collective transport, among other elements), also indicating the residence region of the participants. The speech of three interviewees indicated that the negative school experiences, besides marking the school life, were decisive in the trajectories of participation. The hypothesis that the disengagement from the school environment influences social participation can be confirmed by a respondent. The information from the maps, speeches and registers confirm the fact that the social participation of young people with disabilities is hampered by the greater concentration of opportunities in the central region of the municipality as by perceived obstacles in access and accessibility.

Keywords: social participation, youth, disability, occupational therapy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa da Cidade de São Carlos – Oportunidades de educação.....	69
Figura 2- Mapa da Cidade de São Carlos – Oportunidades de Saúde, Trabalho e Lazer.....	70
Figura 3- A semana de Mateus: Dia 1	72
Figura 4- A semana de Mateus: Dia 2	73
Figura 5- A semana de Mateus: Dia 3	73
Figura 6- A semana de Mateus: Dia 4	74
Figura 7- A semana de Mateus: Dia 5	74
Figura 8- A semana de Mateus: Dia 8	75
Figura 9- Obstáculos no cotidiano de Mateus	75
Figura 10- A semana de Jean: Dia 1.....	78
Figura 11- A semana de Jean: Dia 3.....	78
Figura 12- A semana de Jean: Dia 4.....	79
Figura 13- A semana de Jean: Dia 5.....	79
Figura 14- A semana de Jean: Dia 6.....	80
Figura 15- A semana de Jean: Dia 7.....	80
Figura 16- Obstáculos no cotidiano de Jean.....	81
Figura 17- A semana de Gustavo: Dia 1	83
Figura 18- A semana de Gustavo: Dia 2	84
Figura 19- A semana de Gustavo: Dia 3	84
Figura 20- A semana de Gustavo: Dia 4	85
Figura 21- A semana de Gustavo: Dia 5	85
Figura 22- A semana de Gustavo: Dia 6	86
Figura 23- A semana de Gustavo: Dia 7	86
Figura 24- A semana de Ricardo: Dia 1	88
Figura 25- A semana de Ricardo: Dia 2	89
Figura 26- A semana de Ricardo: Dia 4 parte I.....	90
Figura 27- A semana de Ricardo: Dia 4 parte II.....	91
Figura 28- A semana de Ricardo: Dia 4 parte III	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Leis e Decretos voltados à Pessoa com Deficiência	17
Quadro 2 - Ações do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência por eixo	20
Quadro 3 - Programas e ações do Governo Federal por Ministério -2006.....	25
Quadro 4 - Informações sobre o registro do cotidiano	46
Quadro 5 - Secretarias Municipais e Ações.....	47
Quadro 6 - Informações dos entrevistados	51
Quadro 7 - Categorias e Subcategorias de Entrevista.....	52
Quadro 8 - Níveis de análise da imagem – Baseado em Panofsky	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-Matrícula em classe comum de Ensino Fundamental II e Médio por tipo de deficiência em São Carlos- SP (2014)	41
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIPD	Ano Internacional das Pessoas com Deficiência
AOTA	Associação Americana de Terapia Ocupacional
CIF	Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde
CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado em Assistência Social
COFFITO	Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional
CONDEF	Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
CORDE	Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
e-SIC	Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao cidadão
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
ProEx	Pró - Reitoria de Extensão
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
USF	Unidade de Saúde da Família
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1. DEFICIÊNCIA, JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL	14
1.1. Deficiência.....	14
1.2. Juventude.....	22
1.2.1. Estudos das Juventudes.....	22
1.2.2. Garantia de Direitos à Juventude.....	24
1.3. Cotidiano.....	28
1.4. Participação Social.....	29
2. OBJETIVO.....	36
2.1. Objetivo Geral.....	36
2.2. Objetivos Específicos.....	36
3. METODOLOGIA	37
3.1. Caracterização do município.....	37
3.2. Participantes do estudo.....	39
3.3. Procedimentos de pesquisa.....	42
4. JOVENS COM DEFICIÊNCIA: AÇÕES, PERCURSOS E COTIDIANO	47
4.1. Ações Municipais.....	47
4.2. Entrevistados.....	50
4.2.1. Educação Básica.....	52
4.2.2. Trabalho e Renda.....	55
4.2.3. Contexto Familiar.....	58
4.2.4. Círculo de Amizades.....	59
4.2.5. Redes Sociais Online.....	59
4.2.6. Relacionamentos Amorosos.....	60
4.2.7. Lazer.....	61
4.2.8. Participação Política.....	63
4.2.9. Acesso e Acessibilidade.....	64
4.2.10. Reconhecimento.....	66
4.3. Mapas.....	67
4.4. Cotidiano.....	71
4.5. Percursos: Oportunidades e Desafios.....	94
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
6. REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE A - Carta às Secretarias do Município	111
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Participantes e/ou Responsáveis.....	112
APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista Semi Estruturada com Participantes.....	115
ANEXO A - Comitê de Ética: Parecer nº 1.434.441.....	118
ANEXO B - Resposta da Secretaria Municipal de Trabalho, emprego e renda.....	121
ANEXO C - Transcrição das entrevistas.....	122

APRESENTAÇÃO

Durante meu percurso escolar, tive grande interesse na temática da pessoa com deficiência, pois me chamava a atenção o fato de poucos alunos nessa condição frequentarem a escola. Além disso, um dos alunos me fez refletir sobre o quanto as pessoas com deficiência enfrentam barreiras e obstáculos em suas atividades cotidianas. Seja em uma atividade física, em sala de aula ou no trajeto para sua casa. Essa memória me levou a trilhar alguns caminhos acadêmicos.

Primeiramente, realizei a graduação em terapia ocupacional e me encantei com seus campos de atuação e população alvo. A área da educação me chamou a atenção, além de atividades com crianças e adolescentes, que incluíam desde a temática envolvendo a vulnerabilidade social até a deficiência. Envolvida também com atividades esportivas e de lazer, me arrisquei a estudar o esporte adaptado na terapia ocupacional, me motivando a tentar novamente um curso superior.

Na continuação do meu percurso, ingressei na licenciatura em educação física. Nessa segunda experiência enriquecedora tive contato com a realidade escolar (a mesma também discutida na terapia ocupacional) e com preocupações dos docentes em relação ao aluno com deficiência. Com a falta de informações ou diagnóstico multiprofissional, a falta de acessibilidade, materiais e espaços, ou de suporte teórico e prático para a inclusão de estudantes com deficiência nas aulas, me vi em situação de estudar novamente essa temática.

Por essas vivências, o estudo aqui proposto visa refletir sobre o jovem com deficiência do município de São Carlos e seus percursos ou trajetórias, seja na vida escolar ou em demais atividades cotidianas, uma vez que possivelmente foram marcadas por barreiras e obstáculos diferentes daqueles dos demais.

Em reflexão acerca da terminologia a utilizar, na tese de Silva (2011), entende-se como trajetória as mudanças ou transições (como a passagem da infância e adolescência para a vida adulta), termo utilizado para discutir a passagem dos jovens pela escola (trajetórias escolares). Já o termo percurso foi utilizado para discutir os diferentes caminhos trilhados durante a vida dos jovens estudados.

Com isso, considera-se percursos de participação social o termo mais adequado, referindo-se ao caminho completo, levando em consideração tanto aquele realizado durante a vida escolar da pessoa com deficiência como posteriormente a sua desvinculação da escola, considerando-se as barreiras e oportunidades de participação em ambos os períodos.

Além do estudo levar em consideração o percurso trilhado pelo jovem com deficiência, também tem intenção em conhecer o cotidiano do mesmo. O cotidiano e a participação social são de grande importância na terapia ocupacional, principalmente pelo fato de estudar as potencialidades e limitações das pessoas com deficiência em sua vida diária, o acesso e acessibilidade a diferentes espaços.

No capítulo I será discutida a deficiência, juventude e participação social. Os jovens, com pelo menos uma deficiência no Brasil, totalizam mais de 6 milhões, o equivalente a 14,5% do total de pessoas com deficiência no país (IBGE, 2012). Além de abordar questões pontuais de seus direitos, há recentemente a Lei 13.146/2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), dando ênfase às questões referentes aos direitos da pessoa com deficiência de forma abrangente, assim como muitas ações para a juventude.

A juventude, considerada como um período de transição para a vida adulta (VERHOOF et al., 2012), é comumente compreendida a partir de marcadores temporais, sendo eles o final do ciclo escolar básico, a entrada no mercado de trabalho, o matrimônio e a maternidade/paternidade seus principais, apesar de existirem trajetórias diversas (CAMARANO et al., 2006). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, existiam aproximadamente 51 milhões de jovens no Brasil, sendo 10 milhões só no estado de São Paulo. Considerando o indivíduo com idades entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013b), muitas vezes o jovem é visto enquanto problema social, seja por situações de exclusão, de desemprego ou de violência em sua vida cotidiana (SPOSITO, 2000; LOPES; SILVA; MALFITANO, 2006).

A participação social, central à pesquisa, diz respeito ao acesso e envolvimento em atividades do cotidiano e exercício da cidadania, o que inclui o estabelecimento de relações sociais, como ter seu círculo de amigos, interação familiar, se envolver em relações afetivos-sexuais, sendo relevante na terapia ocupacional, mas pouco refletida por muitas profissões.

O cotidiano, diretamente relacionado à participação social, é também associado à prática da terapia ocupacional e ao fazer humano em suas diferentes conceituações. Salles e Matsukura (2013), em revisão sistemática acerca do termo cotidiano na terapia ocupacional, identificaram diferentes definições, sendo entendidas por muitos como uma série de acontecimentos vivenciados, relacionados aos diferentes espaços sociais, tempos, pessoas e objetos, possibilitando a construção da história pessoal e social de cada sujeito.

Acredita-se que o estudo também seja importante para outras áreas, sejam aquelas relacionadas à formulação de políticas públicas, como por exemplo as de educação. Para entender os percursos, devemos entender a passagem do indivíduo pelo ambiente escolar, pois além de a escola estar presente da vida do indivíduo por muitos anos, é local de estabelecimento de relações interpessoais, realização de trocas culturais ou simplesmente de engajamento em atividades curriculares e extracurriculares.

Estar vinculado ao ambiente escolar traz possibilidades de participação em diferentes setores, seja em atividades culturais, de lazer, esportivas, ou até relacionadas ao trabalho. Atividades oferecidas em contra turno escolar (como a escola da família, ou treinamentos esportivos oferecidos pela escola, por exemplo), divulgadas na escola ou a ela vinculadas (como oportunidades de emprego, participação em passeios, atividades culturais, ou até mesmo colônias de férias). Com isso, se o jovem com deficiência não concluiu seus estudos ou o tenha realizado sob diversas barreiras e obstáculos, essas oportunidades para a participação em atividades podem ser prejudicadas.

O capítulo III traz informações sobre a escolha do município e os instrumentos metodológicos utilizados para a identificação e compreensão do percurso de participação social realizado pelo jovem, além das oportunidades e barreiras enfrentadas. Os instrumentos utilizados durante o estudo foram a pesquisa documental, a entrevista e o registro fotográfico de atividades cotidianas.

Por fim, o capítulo IV traz os protagonistas da pesquisa, os jovens, seus percursos, cotidiano, além de levantamento das ações municipais voltadas a esse público.

Nas considerações finais, confirma-se o fato de a deficiência ser uma condição social, com a necessidade de políticas públicas para os jovens com deficiência no município. O acesso e acessibilidade são os impedimentos presentes nas falas dos entrevistados, assim como na disposição de serviços identificados nos mapas. É também possível considerar a participação da terapia ocupacional em locais e serviços de acompanhamento da população alvo, agregando possibilidades às políticas e ofertas de ações do município. Além das limitações apresentadas no capítulo final, o fato de nenhuma mulher ter participado do estudo sinaliza a necessidade de realização de outros estudos na área.

1. DEFICIÊNCIA, JUVENTUDE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

1.1. Deficiência

Pensando na necessidade de conceituação e classificação da deficiência, apareceram ao longo dos anos documentos norteadores. A Classificação Internacional de deficiências, incapacidades e desvantagens, por exemplo, surge em 1989 (AMIRALIAN et al., 2000).

Neste documento, definições de terminologias como deficiência, incapacidade e desvantagem são encontradas. A deficiência é comumente considerada como perda ou anormalidade de estruturas ou funções, de cunho anatômico, fisiológico ou psicológico, gerando limitações no desempenho de atividades. A incapacidade, por sua vez, é a restrição da habilidade de desempenhar uma atividade, resultante de deficiência. E, por fim, a desvantagem é o prejuízo para o sujeito no desempenho de papéis, relacionado à idade, gênero, fatores socioculturais, e resultante de deficiência ou incapacidade (AMIRALIAN et al., 2000; OMS,1989).

Essas definições são oriundas do modelo biomédico, popular em pesquisas demográficas, ações assistenciais e políticas no Brasil e que preconiza a incapacidade como uma desvantagem natural, além de ser causadora de desvantagens sociais enfrentadas pelas pessoas com deficiência, como baixa escolaridade, segregação, desemprego, entre outras, além de que essa incapacidade seria passível de reabilitação ou cura (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2010). Apesar das terminologias serem relacionadas ao modelo biomédico, a desvantagem não se centra apenas no indivíduo e em sua problemática (AMIRALIAN et al., 2000).

Por outro lado, a Lei Brasileira da Inclusão (Lei nº 13.146/15), trata a deficiência como um impedimento de longo prazo, que poderia ser físico, mental, intelectual ou sensorial, que, em contato com uma ou mais barreiras, impede a participação da pessoa na sociedade (BRASIL, 2015). A definição toma um enfoque diferente do modelo biomédico, pois em vez de apontar as limitações, responsabiliza as barreiras do ambiente pelas defasagens na participação. Ainda, a deficiência:

[...] não é algo que emerge com o nascimento de alguém ou com a enfermidade que alguém contrai, mas é produzida e mantida por um grupo social na medida em que interpreta e trata como desvantagens certas diferenças apresentadas por determinadas pessoas (OMOTE, 1994a, p. 68-69).

Ou seja, as diferenças asseguram ao resto do grupo sua normalidade, enquanto trazem ao deficiente desvantagem e descrédito social (OMOTE, 1994a), sendo também uma questão social.

O modelo social de compreensão da deficiência surgiu em meados de 1970 (SANTOS, 2016) na Inglaterra, sendo entendida como “manifestação da diversidade humana”, em que as barreiras sociais e a organização da sociedade, essa não inclusiva, levam aos processos de exclusão, desigualdade e não participação (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2010, p.100).

Para maior entendimento acerca da deficiência, precisa-se levar em consideração:

[...] os fenômenos de natureza anátomo-fisiológica (lesões, malformações, disfunções, etc.), somato-psicológica (manifestações psicológicas resultantes de alterações constitucionais) e psicossocial (autopercepção, identidade pessoal, autoconceito, etc.) manifestados pela pessoa deficiente, além das reações das audiências, particularmente dos outros significativos e das agências de controle. As relações interpessoais e sociais entre o deficiente e suas audiências constituem elementos importantes para a construção e legitimação da deficiência sobreposta à pessoa identificada como deficiente. (OMOTE, 1994b, p.131)

A audiência, nesse contexto, diz respeito ao grupo no qual os indivíduos estão inseridos. A pessoa com deficiência, em sua trajetória, lidou e ainda lida com diferentes olhares dessa audiência, vivenciando diversos processos, sendo muitas vezes privada de exercer seus papéis sociais e ocupacionais e alvo de diversas violações de seus direitos. Em decorrência de olhares sobre seus impedimentos, viviam e ainda vivem a marginalização e o preconceito em suas diferentes manifestações, como a não garantia dos direitos e a desvalorização social e política (OHL et al., 2009).

No Brasil, em meados de 1970, as pessoas com deficiência se articularam com organizações locais, com o objetivo principal de solidariedade, ganhando força em meados de 1980, por meio de participação em movimentos conjuntamente com outros segmentos em desvantagem social (negros, mulheres, entre outros) na busca por seus direitos. Como influenciador dessas lutas, está o Ano Internacional das Pessoas com Deficiência - AIPD, de 1981, evento mundial regido pelo tema Participação Plena e Igualdade, dando ênfase à participação das pessoas com deficiência, que em conjunto com os movimentos sociais, influenciaram a garantia de direitos pela Constituição Federal de 1988 (LANNA JUNIOR, 2010). Além disso, com a elaboração da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde – CIF em 2001, novos olhares para compreensão e avaliação da deficiência surgiram (SANTOS, 2016).

Após tal marco, diversas são as leis, portarias, decretos e ações relacionados às pessoas com deficiência de maneira geral ou individualizada¹, corroborando para a garantia da participação. Santos (2016), em levantamento de documentos de grande importância para pessoas com deficiência no país, traz as seguintes:

- CIF;
- Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência das Nações Unidas;
- Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/15);
- Lei Orgânica da Assistência Social (Lei nº 8.742/93);
- Lei de Aposentadoria das Pessoas com deficiência seguradas pelo Regime Geral de Previdência Social (Lei Complementar nº 142/13) e seu decreto (Decreto nº 8.145/13)
- Instituição do Comitê do Cadastro Nacional de Inclusão da Pessoa com Deficiência e da Avaliação Unificada da Deficiência (Decreto de 27 de abril de 2016);
- Benefício de prestação continuada da assistência social à pessoa com deficiência e ao idoso (Decreto nº 6.214/07);
- Portarias Interministeriais do Instituto Nacional do Seguro Social e do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Além dessas indicações, levantamento realizado pela pesquisadora, também destacou diferentes legislações sobre o tema, apresentadas no quadro 1:

¹ Para mais informações, acesse: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/legislacao>>, site referente a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência; <<http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/acessibilidade/legislacao-pdf/legislacao-brasileira-sobre-pessoas-portadoras-de-deficiencia>>, documento referente à Legislação Brasileira sobre Pessoas com Deficiência.

Quadro 1 - Leis e Decretos voltados à Pessoa com Deficiência

LEI	DECRETO
Lei nº 7.405, de 12 de novembro de 1985 - Torna obrigatória a colocação do “Símbolo Internacional de Acesso” em todos os locais e serviços que permitam acesso das pessoas com deficiência	
Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989 - Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (Corde), institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes	Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999 Regulamenta a Lei nº 7.853/1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção
Lei nº 8.160, de 8 de janeiro de 1991 - Caracterização de símbolo que permita a identificação de pessoas portadoras de deficiência auditiva	
Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991 Planos de benefícios da Previdência Social (Lei de Cotas para o Trabalho)	
Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993 - Organização da Assistência Social e dá outras providências (Benefício da Prestação Continuada).	Decreto nº 6.214, de 26 de setembro de 2007 Regulamenta o benefício de prestação continuada Lei nº 8.742/1993
Lei nº 8.899, de 29 de junho de 1994 - Passe livre às pessoas portadoras de deficiência que comprovem carência no sistema de transporte coletivo interestadual	Decreto nº 3.691, de 19 de dezembro de 2000 Regulamenta a Lei nº 8.899/1994
Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (Conta com capítulo voltado à Educação Especial)	
Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000 - Dá prioridade no atendimento de pessoas com deficiência.	Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004 Regulamenta as Leis 10.048/2000 e 10.098/2000
Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000 - Normas e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida	
Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 - Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras)	Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 Regulamenta a Lei nº 10.436/2002 e o art. 18 da Lei nº 10.098/2000 (Referente à formação de intérprete de Libras e de escrita em braille para a comunicação das pessoas com deficiência)
Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003 - Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências (Acessibilidade do torcedor com deficiência)	
Lei nº 10.845, de 5 de março de 2004 Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas com Deficiência (Complemento a Lei nº 9.394/1996)	

(Continua)

Quadro 1 - Leis e Decretos voltados à Pessoa com Deficiência
(Conclusão)

LEI	DECRETO
Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005 Direito da pessoa com deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes coletivos acompanhado de cão-guia	Decreto nº 5.904, de 21 de setembro de 2006 Regulamenta a Lei nº 11.126/2005
Lei nº 11.133, de 14 de julho de 2005 Institui o Dia Nacional de Luta da Pessoa Portadora de Deficiência	
Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011 - Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego- PRONATEC (Estimula a participação de pessoas com deficiência, além de estímulo de expansão de oferta de vagas para os mesmos)	
	Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009 - Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007
	Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011 - Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Plano Viver sem Limite
Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).	

Fonte: (BRASIL, 2013a; BRASIL, 2015).

Além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, destacada no quadro anterior (Lei nº 9.394/96), outros documentos relevantes na educação da pessoa com deficiência em âmbito global são as Declarações de Jomtien, de 1990, e de Salamanca, de 1994 (LAPLANE, 2014). A Declaração de Salamanca é um:

[...]Documento internacional que em muito influenciou nossa legislação educacional a partir do meio da década de 1990, foi legitimado o conceito de ‘necessidades educativas especiais’, referindo-se a todas as crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua capacidade ou de suas dificuldades de aprendizagem. Esta declaração fortalece a proposição de que as escolas devem acolher todas as pessoas, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras, com utilização de uma pedagogia equilibrada e capaz de beneficiar todas as crianças. Nesse momento histórico, é fundamental observar que essa nova proposta fortalece a necessidade de transformações socioeducacionais, consolidando a educação inclusiva e respeitando a diversidade humana (OHL et al., 2009, p.245).

Esses documentos foram inspiradores de ações como a Política Nacional de Educação Especial, publicada em 1994, que possibilitou o acesso às classes regulares daqueles que

conseguissem acompanhar e realizar as atividades programadas, porém, isentando a escola de modificações em seu sistema; e ações mais integradoras, como as do Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade, de 2003, que apresenta como proposta a transformação da escola em um sistema inclusivo, com estímulo para a formação dos gestores e educadores dos municípios nesse âmbito (BRASIL, 2008).

As ações realizadas pelo Brasil estão em congruência com o movimento social internacional que deu origem à Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CORDE, 2008), também destacada no quadro 1.

Já voltadas ao trabalho e renda, a Lei de Cotas (Lei nº 8.213/91) determina percentual de vagas proporcionais para pessoas com deficiência em empresas com mais de 100 trabalhadores, sendo este de 2% a 5% das vagas, além da implementação do Benefício da Prestação Continuada (Lei nº 8.742/93), um benefício social.

Percebe-se também políticas incentivadoras da participação da pessoa com deficiência na sociedade, como acessibilidade em diferentes espaços (Lei nº 10.098/00), no transporte coletivo (Lei nº 8.899/94), nos ambientes esportivos (Lei nº 10.671/03), nos ambientes de uso público, nos atendimentos prioritários (Lei nº 10.048/00), na acessibilidade no âmbito da comunicação (Lei nº 10.436/02), entre outros.

As proposições citadas, em sua maioria, buscam ser implementadas para superar o assistencialismo, trazendo oportunidades de ir e vir, de estar na escola, de ter um trabalho, corroborando para que a pessoa com deficiência seja um sujeito de direitos e protagonista de sua trajetória (BRASIL, 2007a).

Atualmente, uma das ações com grande evidência, e também destacada no quadro 1, diz respeito ao Decreto nº 7.612/11 e sua publicação detalhada se refere ao Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limites, que tem como objetivo a garantia de oportunidades, além do exercício da cidadania pelas pessoas com deficiência.

No Plano Viver sem Limites são levantados quatro eixos e listadas algumas diretrizes, como o acesso à educação, por meio de garantia de um sistema educacional inclusivo, além da garantia de acesso aos equipamentos de educação, inclusive transporte; a atenção à saúde, com prevenção de causas de deficiência; ampliação e melhoria na rede de atenção à saúde da pessoa com deficiência, com enfoque nos serviços reabilitativos; a inclusão social, por meio de estimulação da participação das pessoas com deficiência no mercado de trabalho, sua capacitação e qualificação, ampliação do acesso a políticas de assistência social e combate à pobreza; e a acessibilidade, pelo apoio à habitação adaptável e com recursos de acessibilidade,

além do desenvolvimento e acesso aos recursos em tecnologia assistiva (BRASIL, 2011). Algumas ações realizadas e idealizadas nesses quatro eixos são apresentadas no Quadro 2:

Quadro 2 – Ações do Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência por eixo

Eixos			
Acesso à educação	Inclusão social	Acessibilidade	Acesso à saúde
<p><u>Implantação Sala de recursos Multifuncionais</u>; Escolas beneficiadas pelo <u>Escola acessível</u>, por meio de repasse de verbas para a acessibilidade; <u>Transporte escolar acessível</u>; <u>PRONATEC</u>, com a prioridade de preenchimento de vagas por pessoas com deficiência; <u>Incluir</u>, por meio de projetos para acessibilidade em universidades federais; <u>Educação bilíngue</u>, por meio de professores, tradutores e intérprete de línguas contratados, além de cursos criados na perspectiva bilíngue; <u>BPC na escola</u>, ampliando o número de pessoas de 0 a 18 anos matriculadas na escola que recebam o benefício de prestação continuada.</p>	<p><u>BPC no trabalho</u>, por meio de mudança da legislação para garantia de emprego e retorno ao benefício caso a pessoa com deficiência perca o emprego, além de seu acúmulo no caso da pessoa com deficiência ser contratada como aprendiz; <u>Criação de Residências inclusivas</u>, voltadas à jovens e adultos com deficiência para acolhimento de até 10 pessoas por residência, estimulando o desenvolvimento de capacidades de vida diária, autonomia e participação social; <u>Centros-Dia de Referência</u>, oferta de cuidados pessoais à jovens e adultos durante o dia, por meio de atividades na comunidade e domicílio, promovendo inclusão social.</p>	<p><u>Minha casa, minha vida II</u>, por meio de garantia de moradia adequada à pessoa com deficiência e oferta de kits de adaptação; <u>Criação de centros tecnológicos de formação de instrutores de cães-guia</u>; <u>Programa Nacional de Inovação em Tecnologia Assistiva</u>, com o intuito de fomentar em empresas e universidades o desenvolvimento de produtos, metodologias e práticas inovadoras para a autonomia e independência de pessoas com deficiência; <u>Centro Nacional de Referência em Tecnologia Assistiva</u>, fomentando o aumento de pesquisa e produtos de tecnologia disponíveis; <u>Crédito facilitado para produtos de Tecnologia Assistiva</u>.</p>	<p><u>Identificação e intervenção precoce de deficiências</u>, por meio de exames para detecção e classificação das principais doenças e fatores de risco em crianças de 0 a 2 anos (Triagem ocular, auditiva e teste do pezinho); <u>Diretrizes terapêuticas</u>, informações sobre diagnóstico, tratamento, controle e acompanhamento em relação aos agravos à saúde (Diretrizes para Síndrome de Down, pessoa amputada, com lesão medular, paralisia cerebral, transtorno do espectro autista, entre outros); <u>Criação de Centros especializados em reabilitação</u>; <u>CER</u>; <u>Transporte para acesso à saúde</u>; <u>Criação de Oficinas ortopédicas e ampliação de oferta de órtese, prótese e meios auxiliares de locomoção</u>; <u>Atenção odontológica às pessoas com deficiência</u>.</p>

Fonte: Brasil (2013b).

Entre os programas listados, os que são voltados de forma direta ao jovem com deficiência e sua participação na sociedade têm ações presentes no eixo Acesso à Educação, ou indireta, abarcando também a população adulta, como é o caso das ações do eixo Inclusão Social; além de ações como Minha casa minha vida II; o Crédito facilitado para aquisição de produtos de Tecnologia Assistiva; o Transporte para o acesso à saúde, a Utilização dos serviços dos Centros de Reabilitação, a Atenção odontológica e maiores oportunidades para aquisição de órtese, prótese ou demais meios de locomoção.

Além do plano Viver sem Limites, foi promulgada, em 2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que detalha entre outros elementos, a definição de deficiência e sua avaliação, assim como direitos fundamentais. Há também a responsabilização do Estado, sociedade e família em assegurar o exercício dos direitos decorrentes da Constituição Federal e da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, tais como:

- Garantia da capacidade da pessoa com deficiência em exercer os direitos civis, como: casar-se ou ter união estável; exercer direitos sexuais e reprodutivos/fertilidade, ter filhos; ter direito à convivência familiar e comunitária; votar ou ser votado; participar ativamente de organizações que defendam seus interesses; tutela e adoção; direito de ter um tutor, sendo que este não interferirá em seus direitos fundamentais e sociais (corpo, sexualidade, matrimônio, privacidade, educação, trabalho, saúde ou até mesmo o voto);
- Dever do Estado em promover e garantir a participação das pessoas com deficiência em atividades de cultura, lazer, esporte, visando sua participação com as demais pessoas e seu protagonismo (no âmbito escolar ou em outros);
- Assegurar educação inclusiva em todos os níveis (infantil, fundamental, médio, técnico e superior), que favoreça o acesso, permanência, desenvolvimento e participação do aluno com deficiência (BRASIL, 2015).

Apesar do destaque dado à legislação, as leis são uma das inúmeras tentativas de garantia de direitos não alcançados das pessoas com deficiência, não sendo única em falha com a população alvo de maneira geral.

Percebe-se também que os direitos previstos em lei são abrangentes, considerando vulneráveis e conseqüentemente passíveis de maior proteção as crianças, adolescentes, mulheres e idosos com deficiência (BRASIL, 2015), ficando falha para a juventude com deficiência.

1.2. Juventude

Para melhor compreensão das políticas ofertadas aos jovens, existe a necessidade em primeiro lugar de se compreender a que faixa etária está referida a juventude. Esta é uma divisão etária imprecisa, uma vez que não existe consenso em sua delimitação, inclusive na literatura.

A faixa etária considerada no Brasil definida pelo estatuto da Juventude é aquela entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013b). A Política Nacional de Juventude considera a mesma faixa etária em diferentes divisões, sendo: adolescentes jovens, aqueles entre 15 a 17 anos; jovens –

jovens, aqueles entre 18 e 24 anos e jovens adultos, aqueles entre 25 a 29 anos (BRASIL, 2006a). A Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde consideram o jovem como o indivíduo entre 15 e 24 anos, existindo também subdivisões, sendo: adolescentes jovens, aqueles entre 15 e 19 anos e adultos jovens, aqueles entre 20 e 24 anos (BRASIL, 2007b).

Sendo assim, além da divergência entre os limites etários das legislações específicas e da Organização Mundial da Saúde (BRASIL, 2007b), em ambos a juventude adentra no limite etário da adolescência (BRASIL, 2013b), sendo também passível de prolongamento para formulação de políticas públicas (LEÓN, 2005). Porém, na discussão a ser realizada nesse estudo, pretende-se utilizar como parâmetro a delimitação etária do Estatuto da Juventude.

Existe grande utilização dos conceitos adolescência e juventude como sinônimos (LEÓN, 2005; ZANELLA et al., 2013), entretanto Dayrell (2003) considera que a adolescência marca o início da juventude, pelas mudanças corporais, afetivas e sociais.

Apesar das mudanças presentes, a juventude também é considerada um processo mais amplo, relacionado à especificidade de cada sujeito, não se reduzindo às transições, mas também influenciada pelas concepções da sociedade (DAYRELL, 2007) e pelo contexto em que se vive (LEÓN, 2005).

1.2.1. Estudos das Juventudes

Por ser influenciada pelas concepções da sociedade, muitas pesquisas referentes à juventude são relacionadas a temas depreciativos, como rebeldia, delinquência, violência, entre outros (ABRAMO, 1997) e, com isso, os autores privilegiam o fato de que os jovens passam por diversos embates em relação a seus papéis e responsabilidades, sendo constantemente obrigados a deixar de lado o seu querer para priorizar o dever, além de serem convidados a pensar seu amanhã e a deixar em segundo plano o seu hoje (DAYRELL, 2003; 2007).

Inicialmente, as pesquisas que tratam sobre a juventude eram voltadas apenas às instituições presentes em suas vidas, como escola, família, ou o sistema jurídico, sendo menos presentes estudos sobre as percepções dos jovens acerca de seu cotidiano e relações sociais significativas em suas vidas (ABRAMO, 1997). Zanella et al. (2013), em levantamento de artigos de periódicos brasileiros acerca da juventude, publicados de 2002 a 2011, trazem como resultado a proeminência da tutela como temática dos estudos, seja ela familiar, do Estado ou das instituições presentes na vida do jovem.

A literatura sobre adolescência e juventude e saúde relacionada a estudos de pós-graduação, realizados entre 1987 a 2010, enfoca a juventude na dimensão dos problemas

epidemiológicos e/ou clínicos e/ou laboratoriais, representando 53,6% dos trabalhos e valorizando em excesso o processo saúde-doença e, novamente, com pouco interesse em aspectos sociais desse período da vida (SILVA, 2014).

Zanella et al. (2013) trazem que a maioria das políticas e ações para a juventude, levantadas em periódicos, foram relacionadas à saúde, educação e assistência social, pois abarcam grande parte dos serviços voltados à infância e juventude, porém encontram escassez de estudos direcionados ao esporte, lazer e cultura ou temas contemporâneos como sexualidade, gênero, violência, jovens indígenas, do campo, entre outros.

Em levantamento sobre a juventude nos estudos de pós-graduação em educação, serviço social e ciências sociais realizados entre 1999 a 2006, a temática da deficiência aparece apenas na área da educação e de forma tímida, com 33 de 971 trabalhos (SPOSITO, 2009). Essa defasagem é coerente, já que os estudos a respeito da deficiência e desigualdade nas ciências sociais e humanas são tardios (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2010).

Apesar de poucos dados acerca dos jovens e a deficiência, sugere-se que essa população seja uma grande parcela da juventude nas sociedades, inclusive entre os mais marginalizados, seja por exclusão educacional, social, nas oportunidades de trabalho e até culturais, ou seja, elementos da participação social (UNICEF, 2013).

Os estudos acerca dos jovens e de aspectos sociais da juventude são de grande importância, uma vez que elementos como a família, escola, trabalho e os grupos em que os jovens se inserem são distintos e têm diferente importância para os mesmos, seja em decorrência da orientação sexual e gênero, classe social, raça e etnia, ou outras condições (ser deficiente, por exemplo) ou ainda fragilidades, o que leva o mesmo a trilhar diferentes percursos, muitas vezes avessos às suas expectativas (UNFPA, 2010). Além disso, cobranças da transição para a vida adulta são constantemente realizadas (ABRAMO, 2005), que em conjunto com as diferentes identidades, realidades e contextos (SILVA; SILVA, 2011), geram diferentes ações e reações dos jovens (DAYRELL, 2007), e dessa forma pode-se dizer que existem, então, diferentes juventudes (SILVA; SILVA, 2011). Por outro lado,

[...] a estrutura socioeconômica capitalista da sociedade ocidental define uma importante vertente de análise que também cria diferenças nas possibilidades de vivência das juventudes. O acesso aos direitos sociais – como educação, cultura, saúde e outros –, aos bens materiais e à possibilidade de inserção no mundo do trabalho são elementos relevantes para se refletir sobre quem é o jovem e quais as perspectivas e possibilidades nesse estágio de liminaridade e transição para a vida adulta (MALFITANO, 2011, p.524).

As vivências de juventude e a transição para a vida adulta se dão de forma distinta para os jovens com deficiência, principalmente para aqueles com deficiência intelectual. Percebidos, em sua maioria, como eternas crianças, que são sempre considerados passíveis de supervisão e de que outros os representem em suas ações e direitos (SILVA, 2016).

Conhecendo os diferentes estudos e as diferentes juventudes, é possível identificar a necessidade de diversas políticas e ações a elas destinadas.

1.2.2. Garantia de Direitos à Juventude

A garantia de direitos dos jovens está prevista em legislação, relativamente recente, em saúde, educação, cultura, esporte, lazer, trabalho, renda, entre outros campos, o que favorece a que o jovem seja reconhecido como um sujeito de direitos (SPOSITO; CARRANO, 2003; BARREIRO; MALFITANO, 2014). Além disso se consideram a importância da promoção de sua autonomia e emancipação, seu desenvolvimento integral e participação social (BRASIL, 2013b). Porém, esses direitos são assegurados de forma distinta nas diversas condições sociais (MALFITANO, 2011).

Na afirmação de direitos há destaque para as ações na educação ou relacionadas ao ambiente educacional (SILVA; SILVA, 2011), seguida de programas de formação profissional, visto que são atividades cotidianas que, teoricamente, facilitam ao jovem o acesso ao lazer, esporte e cultura (ABRAMO, 2005; DAYRELL, 2007).

Nesse sentido, ações distintas são apresentadas pelo Guia de Políticas Públicas de Juventude (BRASIL, 2006b), e também por Barreiro e Malfitano (2014), que informam diferentes políticas relacionadas a esse público, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3- Programas e ações do Governo Federal por Ministério- 2006

Ministérios							
Educação	Esportes	Desenvolvimento Agrário	Defesa	Desenvolvimento Social e Combate à Fome	Meio Ambiente	Trabalho e Emprego	Cultura
Brasil Alfabetizado - alfabetização para jovens acima de 15 anos	Bolsa Atleta - bolsa para atleta acima de 12 anos que não tenham patrocínio	Pronaf Jovem - Programa de Agricultura Familiar, para filhos de agricultores de 16 a 25 anos	Projeto Rondon - estágios universitários em locais desfavorecidos	Agente Jovem - para jovens de 15 a 17 anos, no contraturno escolar, capacitação para o mercado de trabalho permanência no ensino	Juventude e meio ambiente - debate e mobilização ambiental com jovens de 15 a 29 anos	Estímulo ao primeiro emprego - qualificação profissional para jovens desempregados de 16 a 24 anos	Cultura viva - fortalecer iniciativas culturais existentes e seu acesso
Escola aberta - escola aberta aos fins de semana com atividades lúdicas, esportivas e geradoras de renda							
Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na modalidade EJA - vagas para jovens acima de 21 anos em cursos profissionalizantes	Segundo Tempo - prática esportiva no contraturno escolar						
Universidade para todos PROUNI - bolsas de estudo em IES privadas							
Saberes da Terra - Agricultores e familiares no ensino formal	Praças da Juventude - construção de espaços esportivos	Nossa Primeira Terra - financiamento concedido à jovens para aquisição de imóveis	Soldado Cidadão - preparo do jovem ex servidor militar para o mercado de trabalho				
Escola de Fábrica - cursos profissionalizantes para jovens de 16 a 24 anos							
Melhoria e expansão do Ensino Médio - cursos profissionalizantes e vagas para o ensino médio nas instituições federais							
Livro didático para o ensino médio - distribuição para os alunos							

Fonte: Brasil (2006b) *apud* Barreiro; Malfitano (2014).

Nota-se a prevalência nas ações de educação, sendo que a maioria está concentrada no Ministério da Educação (oito programas). Dos onze programas restantes, ações como o

Segundo tempo (fomentado pelo Ministério do Esporte), Projeto Rondon (fomentado pelo Ministério da Defesa), Agente Jovem (fomentado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome), e Estímulo ao primeiro emprego (fomentado pelo Ministério do Trabalho e Emprego) também têm ligação com o âmbito educacional, seja no ensino básico, técnico ou universitário.

Na pesquisa de Leão, Dayrell e Reis (2011) é atestada a importância de ações no âmbito educacional e profissional, já que uma parcela significativa dos jovens participantes apontou como propósitos futuros continuar os estudos e ter um emprego.

Embora as ações e programas apresentados anteriormente tenham intencionalidade de assegurar o acesso a direitos aos jovens, principalmente à Educação, Silva e Silva (2011) levantam que os jovens de faixas etárias entre 18 a 24 (jovem-jovem) e 25 a 29 anos (jovem-adulto) são menos contemplados em ações voltadas para a juventude, se comparados à primeira faixa etária (15 a 17 anos, ou adolescente-jovem). A menor faixa etária, além de ter maior oferta de ações, também é contemplada com projetos da Política da Criança e do Adolescente. Com a maior oferta de ações relacionadas ao âmbito educacional, pode-se deduzir que, além da idade, a evasão escolar e não continuação dos estudos são fatores limitantes para o acesso às ações.

Pode-se também associar o fato das políticas públicas abarcarem a faixa etária mais jovem à necessidade de inserção ao mundo do trabalho logo ao início da idade adulta. Castel (2009) considera o trabalho como um dos eixos fundamentais de pertencimento dos sujeitos a determinados grupos sociais. E, nesse sentido, pessoas em situações adversas de vinculação ao trabalho podem ser consideradas “inválidas socialmente”, sendo que facilmente lhes é atribuído o título de “vagabundas”.

O autor sugere a utilização de dois critérios para a distinção das situações de exclusão vivenciadas pelos sujeitos: a ausência de trabalho e o não pertencimento comunitário, apesar de a maioria dos “ditos vagabundos” não se enquadrarem em tais condições (CASTEL, 2009). Tanto a população com deficiência como aquela em situação de pobreza poderiam ser consideradas “vagabundas em potencial”. É comum a simplificação da interpretação dos processos de exclusão e conseqüentemente as alternativas para promover maior inclusão social, pois há diferentes motivos e processos a considerar. Para o autor, a exclusão social, conceito amplo e pouco explicativo pode e deve ser considerada em sua complexidade. O autor sugere a ideia de zonas de vulnerabilidade, que envolvem a zona de integração (integração social e de trabalho estáveis); zona de vulnerabilidade (integração social e de trabalho precárias); e a zona de desfiliação (total isolamento das relações e ausência de trabalho). Ainda, existe uma quarta

zona, de assistência, voltada à 'vagabundagem' inválida, em que ocorreria a proteção nos moldes da caridade (CASTEL, 1997). A desfiliação, situação de máxima impossibilidade de integração no eixo social, familiar e no trabalho, e a assistência, possível vivência precária de integração, são situações atuais e que exigem novas intervenções e possibilidades para construir e aumentar os processos de inclusão social, de apoio a sujeitos e coletivos.

Nesse sentido, e tendo em vista a escassez de propostas e ações para os jovens-jovens e para os jovens adultos é possível considerar as dificuldades que esse grupo etário terá para participar de processos que promovam maior integração social, visto a quase inexistência de propostas que apoiem sua participação no mundo do trabalho, por exemplo, ou mesmo propostas insuficientes de proteção social para as famílias mais vulneráveis.

Associam-se também a essas questões aquelas vivenciadas pelos jovens com deficiência, com menores oportunidades de participação social. Estudos em países em desenvolvimento apontam que a deficiência está associada à maior taxa de analfabetismo, maiores taxas de desemprego e com isso mais vulneráveis à pobreza, se comparados à população sem deficiência, o que pode ser fator impeditivo de participação social (UNITED NATIONS, 2016; UNICEF, 2013).

Apesar da escola ser um ambiente importante no acesso aos programas e projetos, dados apresentados em 2004 indicam que apenas 20% das escolas no Brasil seriam acessíveis às pessoas com deficiência (INTERNATIONAL DISABILITY..., 2004), podendo contribuir para a evasão escolar de adolescentes com deficiência e para a maior taxa de analfabetismo, além do pouco suporte e acesso às oportunidades de participação nas diferentes faixas etárias, o que pode incluir a juventude.

Apesar de ações voltadas às pessoas com deficiência e em consonância com dados demográficos do estado e demais pesquisas, as pessoas com deficiência de São Carlos também apresentam baixa escolaridade se comparadas às sem deficiência. Segundo o Censo de 2010, identificou-se como sem instrução ou com ensino fundamental incompleto 52,1% das pessoas com deficiência do município, enquanto apenas 18,6% da população sem deficiência têm esse nível educacional, ocorrendo também diferenças significativas nos demais níveis. Além disso, os jovens com deficiência do município de São Carlos também apresentam disparidades em relação ao trabalho, apenas 53,5% dos jovens com deficiência trabalhavam, em comparação a 61,8 % dos jovens sem deficiência (IBGE, 2015).

Ao refletir sobre as políticas públicas para os jovens de maneira geral, percebe-se maior oferta para determinadas faixas etárias com enfoque dado ao âmbito educacional. E, com isso,

barreiras no acesso por parte de jovens não inclusos na faixa etária abarcada. O mesmo acontece para o jovem com deficiência, sendo seu obstáculo ainda maior, pois a não garantia de direitos, como acessibilidade, acesso e permanência na escola, por exemplo, conseqüentemente afetam o seu acesso às políticas públicas citadas anteriormente (quadro 3), que se tornam algo distante de seu cotidiano e realidade.

1.3. Cotidiano

A participação social da juventude com deficiência, tema central na discussão apresentada, envolve situações e atividades diárias e estabelecimento de relações. Por se tratar de situações diárias, o entendimento acerca do cotidiano é importante para sua compreensão. O cotidiano é uma palavra que pode nos remeter à rotina, atividades do dia a dia e até mesmo a um ciclo. Para Certeau:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...]é um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres[...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível (CERTEAU, 1996 p.31).

O cotidiano, portanto, é algo nosso e também de nossos pares, confirmando a associação do mesmo a ciclos. Além disso, é uma história de nós mesmos, sendo por meio dessa história que conhecemos os percursos pessoais de cada indivíduo. É um termo utilizado na terapia ocupacional desde a década de 1990, com sua essência incorporada desde o início da profissão (GALHEIGO, 2003), quando se apresentou como o profissional que trabalha com aspectos da vida diária.

Assim como Michel de Certeau, estudiosos como Henri Lefèbvre e Agnes Heller também se debruçaram sobre o tema, afirmando que a sociedade produz seu cotidiano, independentemente do tempo ou contexto (GALHEIGO, 2003).

Esse cotidiano é heterogêneo e subjetivo em significado e conteúdo, sendo inúmeras atividades a ele pertencentes (HELLER, 1989; GALHEIGO, 2003), desde o trabalho, vida privada, lazer e descanso, ou até as atividades sociais. Além de que, no cotidiano, são depositados os sentidos e significados, capacidades, habilidades, ideologias e sentimentos do indivíduo (HELLER, 1989). Portanto, é característico e único a cada um.

Neste sentido, o cotidiano é entendido nas relações sociais, atividades rotineiras, no autocuidado, sendo o terapeuta ocupacional um profissional a contribuir para a reflexão, organização e significação do mesmo (GALHEIGO, 2003).

Vale ressaltar também que a vida cotidiana é também hierárquica, ou seja, apresenta condições de prioridade, que se modificam conforme as diferentes sociedades e situações econômicas. Por exemplo o trabalho pode ser dominante para determinadas classes ou, ainda, o estudo para determinadas gerações (HELLER, 1989), o que também pode ser diverso para as pessoas com deficiência.

O cotidiano é apreendido por meio do grupo, no qual o amadurecimento do cotidiano se dá, por exemplo, nos grupos em que há o exercício da participação social, como família, escola, comunidade entre outros (HELLER, 1989). Portanto, ao estudar a participação social de jovens com deficiência, marcada por diferentes obstáculos e privações, essa pode se apresentar diferenciadamente no cotidiano, afetado pelas diferentes possibilidades de participação na vida social vivenciadas também por aqueles com deficiência.

1.4. Participação Social

No que diz respeito à participação do jovem, Dayrell (2007) faz referência ao termo sociabilidade, atrelado a seu cotidiano, seja no trabalho, na escola, nos tempos de lazer e principalmente nas manifestações culturais, o que possibilita comunicação entre os pares, autonomia, trocas sócio-afetivas e estabelecimento de suas identidades. A identidade, elemento principal na juventude, está relacionada à sua participação, associa-se a condições individuais, familiares, sociais, culturais e está contextualizada pelo ambiente a que o jovem pertence (LEÓN, 2005).

A participação social é entendida neste estudo como o acesso, participação e ação dos indivíduos no cotidiano, ou seja, em situações diárias, em espaços da sociedade e relações estabelecidas nesse processo, elementos presentes nas lutas de diferentes juventudes e de pessoas com deficiência.

Em pesquisa bibliográfica sistematizada realizada em quatro bases de dados, Scientific Electronic Library Online (Scielo); Web of Science; Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde- Bireme (com resultados do Medline e Lilacs); e Banco de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) foram encontrados 1023 estudos relacionados a três descritores combinados (jovens ou adolescentes,

deficiências e participação social). Por análise de título e resumo pertinentes ao tema da pesquisa e faixa etária desejada, 13 artigos foram destacados.

Dos treze resultados, sete são de estudos realizados nos Estados Unidos, com ou sem associações de autores de outros países (ANDERSON; WOZENCROFT; BEDINI, 2008; CARTER et al., 2010a; CARTER et al., 2010b; KANG et al., 2010; MEJIAS; GILL; SHPIGELMAN, 2014; SHATTUCK et al., 2011; TRAINOR, 2008), e apenas um do Brasil (LOPES, 2006), o que aponta a importância de maiores pesquisas no âmbito nacional e maior divulgação científica. Já em revistas de terapia ocupacional, apenas duas publicações foram encontradas, sendo essas em periódicos estrangeiros (GULATTI et al., 2011; SALMINEN; KARHULA, 2014).

Os estudos tratavam de jovens de faixas etárias distintas que se estendiam de 10 a 35 anos, o que indica necessidade de melhor definição da população considerada adolescente e jovem. Já em relação ao tipo de deficiência apresentada pelo grupo, o tema era apresentado ora de forma geral ou não especificada (CARTER et al., 2010a; GULATTI et al., 2011; LORENZO; CRAMM, 2012; MEJIAS; GILL; SHPIGELMAN, 2014; TRAINOR, 2008) ora de maneira seletiva. Ou seja, estudos com população de uma deficiência ou condição específica, sendo os acometimentos e defasagens cognitivas/intelectuais/de aprendizagem/comportamentais ou autismo, entre as mais recorrentes (CARTER et al., 2010b; LOPES, 2006; SHATTUCK et al., 2011; WEISS; RIOSA, 2015).

Além disso, cinco resultados também apresentavam pessoas sem deficiência, sendo participantes e/ou familiares de pessoas com deficiência, ou de profissionais relacionados aos participantes (CARTER et al., 2010b; GULATTI et al., 2011; LORENZO; CRAMM, 2012; SALMINEN; KARHULA, 2014; TUFFREY; BATEMAN; COLVER, 2013).

Os estudos identificados utilizaram diferentes instrumentos de pesquisa, quatro dos treze artigos utilizaram entrevistas (ANDERSON; WOZEN-CROFT; BEDINI, 2008; KANG et al., 2010; MEJIAS; GILL; SHPIGELMAN, 2014; TUFFREY; BATEMAN; COLVER, 2013), um utilizou a pesquisa etnográfica (GULATTI et al., 2011), outro realizou intervenções em grupo (LOPES, 2006), e outro realizou uma proposta de ações junto a pessoas com deficiência (CARTER et al., 2010a). Por outro lado, sete utilizaram escalas, protocolos ou questionários (CARTER et al., 2010b; KANG et al., 2010; LORENZO; CRAMM, 2012; SALMINEN; KARHULA, 2014; SHATTUCK et al., 2011; TUFFREY; BATEMAN; COLVER, 2013; WEISS; RIOSA, 2015), o que demonstrou hegemonia na utilização de métodos mais

quantitativos para maior número de participantes, porém menor detalhamento de suas perspectivas acerca do tema.

E, finalmente, em relação aos temas investigados nos artigos, percebe-se o aparecimento da temática escolar e atividades extracurriculares, trabalho, envolvimento com atividades esportivas e de lazer, interação social e relacionamentos interpessoais, acesso aos serviços públicos, independência e autonomia em atividades do cotidiano, temas considerados como participação social neste trabalho.

Vale destacar que, segundo a página eletrônica Infojovem (2015), organização com informações e questões acerca da juventude, a participação social diz respeito ao engajamento em espaços e organizações da sociedade e comunidade, seja na vida escolar, no bairro em que se vive, ou ainda em espaços esportivos e de lazer. Seria um processo ativo em diversos setores da vida diária, inclusive no âmbito familiar (SOUZA et al., 2010) e social, também dizendo respeito às ações coletivas para integração social de pessoas em processo de exclusão (GALHEIGO et al., 2012).

Ainda, a participação social é relacionada ao envolvimento em causas e iniciativas, sejam políticas, comunitárias ou assistencialistas (SATTOE et al., 2014), relacionadas à igualdade, uma vez que trata de questões dos direitos sociais e processos decisórios em dada população (GALHEIGO et al., 2012; STOTZ, 2009; BELO HORIZONTE, 2007).

A participação social, sendo associada à autonomia, à vida social e à participação na comunidade, diz respeito ao “envolvimento na tomada de decisões dos aspectos da vida diária” (GALHEIGO et al., 2012, p.130). Essas reflexões podem ser relacionadas aos fundamentos da terapia ocupacional, profissão que atua no apoio e fortalecimento de possibilidades para que pessoas ou grupos realizem suas atividades cotidianas.

Na dissertação de Saito (2010), relacionada às atividades de lazer, a participação social é considerada como o envolvimento em dada situação de vida, com indicativos por meio de atos ou atividades cotidianas, e com isso favorecendo as redes sociais de suporte (família, amigos, profissionais envolvidos, entre outros). A participação social pode ser considerada parte da micropolítica, voltada às relações no cotidiano ou da macropolítica, relacionada ao controle cidadão, ou seja, exercício da cidadania.

Em âmbito internacional, a CIF propõe para o entendimento da funcionalidade e incapacidade os componentes atividades e participação, sendo que a atividade é "a execução de uma tarefa ou ação" e a participação é "envolvimento de um indivíduo em uma situação de vida" (OMS, 2004, p. 112). Alguns domínios analisados pelos componentes a serem

destacados² são: Comunicação; Mobilidade; Autocuidado; Vida doméstica; Interações interpessoais; Áreas principais da vida (educação, trabalho); Vida comunitária, social e cívica (OMS, 2004).

Ao que concerne a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA), a participação social, de maneira mais instrumental para a profissão, é considerada como uma área de ocupação (AOTA, 2008), assim como as atividades de vida diária e instrumentais de vida diária, descanso e sono, educação, trabalho e brincar. A participação social diz respeito aos comportamentos esperados de um indivíduo em dada posição no sistema social e no estabelecimento de relações, sendo na comunidade (envolvimento em atividades na escola, no trabalho, no próprio bairro); na família (envolvimento em atividades e desempenho de papéis familiares); e com pares e amigos (envolvimento em atividades de diferentes níveis de intimidade, inclusive sexuais). Ainda, elementos de participação são elencados dentro de algumas áreas de ocupação como o lazer, o brincar, o descanso e o sono (AOTA, 2008). Não se percebe nessa concepção uma preocupação com a participação social como possibilidade de exercício da cidadania.

Assim como discutido anteriormente e como é afirmado na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, a efetiva participação social e inclusão devem se iniciar também desde o ambiente familiar, expandindo-se aos espaços socioculturais, políticos e locais de atendimento à população (CORDE, 2008). Mesmo com as políticas públicas, ações e programas formulados e referidos anteriormente, não existe a certeza de que jovens com deficiência tenham seus direitos garantidos de forma plena. Na Lei Brasileira de Inclusão, por exemplo, são considerados como vulneráveis a criança, adolescente, mulher e idoso com deficiência, o que retira o grupo de jovens do centro das preocupações (BRASIL, 2015). Sendo assim é importante que se pense na população de jovens com deficiência como um todo, suas condições de inclusão social, seus percursos e também perspectivas de futuro.

Leão, Dayrell e Reis (2011), em pesquisa realizada com jovens do Pará, relacionam o estabelecimento de papéis e perspectivas de futuro dos jovens com o termo ‘projetos de vida’, que são planos de ações estabelecidos pelos jovens em determinado prazo, dependendo de possibilidades socioeconômicas e culturais, ou seja, as oportunidades que os jovens tiveram em sua trajetória. Diferenças de classes, de cultura, de acesso aos direitos, entre outras, podem tornar os projetos de vida compatíveis ou não às expectativas (MALFITANO, 2011).

² Para informações mais detalhadas acerca dos componentes e domínios, acesse: http://www.inr.pt/uploads/docs/cif/CIF_port_%202004.pdf

Em relação aos percursos, na pesquisa de Camarano et al. (2006), o perfil de jovens que não exerciam atividades de estudo ou de trabalho é: residentes da zona rural, pardos, baixa escolaridade, em domicílios com alto número de moradores, com renda baixa, e mulheres jovens que eram mães ou esposas. Além disso, uma variável com grande impacto e com grande probabilidade de afetar diretamente a participação nos estudos e no mercado de trabalho era a deficiência física. Portanto, buscar a equiparação de oportunidades significa criar condições diversificadas, sendo a escola inclusiva um ambiente favorável para tal ação (CORDE, 2008).

A escola, além de ser um dos principais ambientes de circulação e trocas sociais entre os jovens, é um possível local de estabelecimento de expectativas dos mesmos, o que reforça a necessidade de que essa seja condizente com a sua realidade social e cultural além de ser compatível com suas ideias de futuro (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011). Apesar disso, o censo demográfico de 2010 demonstra que é baixa a escolaridade da maioria das pessoas com deficiência acima de 15 anos no Brasil (IBGE, 2012), o que é confirmado também em estudos internacionais (LORENZO; CRAMM, 2012).

Dados referentes às matrículas de alunos com deficiência no ensino regular no estado de São Paulo registraram aumento, sendo maior a procura em escolas públicas. Entretanto, as matrículas concentram-se nos primeiros anos do ensino fundamental (TANNÚS-VALADÃO, 2014). Existe a hipótese que os alunos podem não ter progredido para os níveis seguintes por não acessarem o conhecimento ofertado pela escola de forma plena (LAPLANE, 2014) ou ainda que esse processo poderá ser modificado a longo prazo, conforme a participação e permanência das crianças na escola.

Algumas experiências negativas na escola, como possíveis insucessos (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011), falta de acesso e exclusão (LOPES; SILVA; MALFITANO, 2006), fazem a escola contribuir para desistência dos estudos e para a não continuidade da escolarização dos alunos no geral, sendo de grande importância ações para além das salas de aula, que fomentem a socialização, acesso aos espaços de lazer e cultura entre outras (DAYRELL, 2007).

Carter et al. (2010b) ao debaterem a importância de atividades oferecidas pela escola, como a participação em grupos de atividades corporais, esportivas, assim como atividades de caráter político ou informativo, elencam como benefícios a exploração e desenvolvimento de habilidades, interesses e preferências, além de expansão das relações sociais, acesso às redes de suporte e pertencimento ao meio. Para os autores, essas atividades são pouco presentes no

cotidiano dos alunos com deficiência, ocorrendo como consequência defasagens em seus percursos, metas ou aspirações após sua desvinculação do ambiente escolar.

Outro possível percurso de participação social dos jovens, como a conquista de um emprego, é retratado no censo demográfico de 2010. Apenas 46,2% das pessoas com deficiência acima de 15 anos estão empregadas, contra 56% de pessoas sem deficiência, apontando que apesar de discreta, existe certa disparidade, sendo essa diferença também encontrada em outros estudos (LORENZO; CRAMM, 2012; VERHOOF et al., 2012; SATTOE et al., 2014). Especificamente entre as faixas etárias de 15 a 19, 20 a 24 e 25 a 29 anos, respectivamente 28,2%, 56,3% e 64,6% dos jovens com deficiência estão empregados, em contraste com 32,2%, 63,2% e 72,5% dos jovens sem deficiência (IBGE, 2012).

Os menores valores apresentados na primeira faixa etária podem ser atribuídos ao fato de que os jovens entre 15 e 19 anos encontram-se em idade escolar, além das idades mínimas para o trabalho e para aprendiz de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)³. Porém, as demais diferenças percentuais entre os dados podem ser relacionadas à desigualdade de oportunidades entre os segmentos populacionais.

Sobre o acesso e engajamento de jovens com deficiência em atividades esportivas, culturais e de lazer, como ir ao cinema, bares, shopping, ou livrarias, o que se observa são defasagens na utilização de serviços oferecidos pela cidade, ou ainda comprometimento nas relações interpessoais estabelecidas, na autonomia e independência, como menor número de pessoas com parceiros, relacionamentos amorosos e iniciação sexual tardias, poucos vivem sozinhos (LORENZO; CRAMM, 2012; VERHOOF et al., 2012; SATTOE et al., 2014), e até mesmo há a baixa prevalência em comportamentos desviantes, como problemas com a polícia ou justiça, e uso de substâncias ilícitas (SATTOE et al., 2014).

Dados relacionados ao acesso à saúde e cuidados com a vida sexual indicam que jovens com deficiência são praticamente ignorados nos programas de prevenção de HIV/AIDS, o que é um fator alarmante, já que o risco de exposição ao vírus é igual ao dos demais grupos da população. Porém, por sua deficiência, são julgados como sexualmente inativos; assim como improváveis usuários de álcool e outras drogas (UNICEF, 2013).

Já no Brasil, também se observam defasagens em relação aos serviços, em que a maioria das ações culturais, de lazer e esporte para pessoas com deficiência acontecem de forma exclusiva, o que favorece sua segregação (BARROZO, et al., 2012). No âmbito do município de São Carlos, os achados de Andrade (2015) também corroboram com esses dados, nos quais

³ Para mais informações, acesse: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm >

a maioria dos programas físico-esportivos avaliados eram voltados à população deficiente exclusivamente, além de se notar um número restrito de participantes com deficiência, sendo a maioria do gênero masculino.

Dados semelhantes também são encontrados por Kanavagh et al. (2014), ao avaliarem o acesso de pessoas com e sem deficiência às redes sociais formais (capacidade de acessar informações e aconselhamento), informais (relações familiares e amigas) e de apoio social (financeiro, prático ou emocional), relacionadas a outros domínios, como saúde, bem-estar e elementos socioeconômicos. Os resultados mostraram que existem grandes desigualdades vivenciadas pelas pessoas com deficiência se comparadas às pessoas sem deficiência, sobretudo nas redes formais e de apoio social. Essas questões são mais importantes inclusive segundo o tipo de deficiência, as pessoas com deficiências intelectual e distúrbios psicológicos aparecem como as mais prejudicadas se comparadas aos demais tipos.

No que diz respeito ao auxílio do terapeuta ocupacional na participação social, por meio do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO), a Resolução nº 383/2010, referente às competências do Terapeuta Ocupacional em Contextos Sociais, o profissional tem o compromisso como mediador e estimulador da participação social do indivíduo, família, grupo ou comunidade pertencente, seja em suas atividades culturais, econômicas, lúdicas, de convivência, entre outras (COFFITO, 2010).

Apesar das conquistas advindas da legislação e da elaboração de programas, a segregação social das pessoas com deficiência é uma realidade, sobretudo dos jovens, uma vez que sua presença é pouco expressiva em setores básicos de promoção de inclusão, como a escola, o trabalho, acesso ao transporte, e serviços de saúde ou reabilitação, entre outros (CORDE, 2008).

Nesse sentido, este estudo tem como intuito contribuir para reconhecer os percursos realizados pelos jovens com deficiência e as oportunidades e barreiras para a sua participação social, pois considera-se que essas oportunidades podem estar restritas, principalmente, após seu desligamento das instituições escolares, um dos locais de promoção da participação social, também objeto de estudo e de práticas de atenção em terapia ocupacional.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Identificar as oportunidades e barreiras para a participação social de jovens com deficiência desvinculados da escola regular.

2.2. Objetivos Específicos

- Identificar os percursos e cotidiano de jovens com deficiência desvinculados da escola;
- Identificar espaços de pertencimento e de estabelecimento de relações interpessoais e de participação social entre os jovens com deficiência;
- Conhecer os motivos de desvinculação escolar de jovens com deficiência;
- Localizar nas ações municipais elementos que fomentem a participação social dos jovens, inclusive daqueles com deficiência.

3. METODOLOGIA

O estudo é de caráter exploratório, uma vez que se aproximou da realidade do jovem com deficiência e tentou desenvolver e esclarecer ideias por meio dos problemas de pesquisa e hipóteses definidos, no caso a participação social de jovens com deficiência. Além disso, é ancorado em uma abordagem qualitativa, (TRIVIÑOS, 1987; GIL, 2008), pois trata, sob o ponto de vista de jovens com deficiência, as barreiras e oportunidades de participação social presentes após sua desvinculação do contexto escolar, seja por desistência ou por conclusão dos estudos⁴.

A pesquisa qualitativa tem suas raízes na antropologia e sociologia, com estudos sobre a vida de comunidades, englobando procedimentos como pesquisa-ação, observação e entrevista (TRIVIÑOS, 1987). Seu caráter exploratório está vinculado ao fato de aproximar-se de dada realidade. A pesquisa qualitativa envolve também levantamento bibliográfico, documental, entrevistas e estudo de caso (GIL, 2008).

Este estudo implicou em realização de pesquisa de campo, que segundo Marconi e Lakatos (2003), possibilita levantamento de dados para conhecimento de uma problemática ou de dada população ou fenômenos, com observação e registro sistemático de dados. O trabalho de campo pode combinar entrevistas, observações, levantamento de material documental entre outros (MINAYO, 1994).

3.1. Caracterização do município

O estudo se desenvolveu no município de São Carlos – SP que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015), conta com população estimada em 238.958 habitantes.

Localizada no centro do Estado, foi fundada em 04 de novembro de 1857, sendo uma cidade desenvolvida tecnológica e educacionalmente através da implantação de Universidades públicas em seu território –A Universidade de São Paulo (USP), na década de 1950 e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na década de 1970 (SÃO CARLOS, 2015b).

Segundo o Censo demográfico de 2010, no município de São Carlos, 28,5% da população sem deficiência e 11,9% da população com deficiência é composta por jovens, sendo

⁴ Este estudo teve início após aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (Parecer nº 1.434.441) e os devidos esclarecimentos e autorizações. Inicialmente, foram realizados contatos com as Secretarias Municipais do município de São Carlos e Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência para a apresentação do estudo, bem como do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos participantes.

esses percentuais significativos. Na análise de Andrade (2015) sobre as ações previstas pelo Plano Viver sem Limites no município de São Carlos, destaca-se o Programa Nacional de Tecnologia Assistiva, contando com dois dos 19 núcleos de pesquisa do estado, o que se deve às pesquisas e ações das universidades públicas e presença de cursos voltados à educação, saúde e tecnologia no município, corroborando então com os estudos voltados às pessoas com deficiência.

Alguns projetos voltados às pessoas com deficiência são realizados na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, com apoio da Pró-reitora de Extensão (ProEx). Estes concentram-se nas áreas da saúde e educação, com programas em educação física, educação especial, terapia ocupacional, psicologia, fisioterapia e medicina. Em geral, são relacionados a atividades físicas, esportivas e de lazer; intervenções de forma específica, seja na disfunção física, saúde mental, ou deficiência intelectual; educação especial; inclusão e participação social da pessoa com deficiência. Já em relação à juventude, também são desenvolvidas atividades, com predominância na área das ciências humanas e educação, como Educação Física, Letras, Artes e Comunicação, Metodologia de Ensino e Práticas Pedagógicas. De maneira geral, são atividades voltadas ao esporte, lazer e cidadania, literatura, educação, educação musical e em saúde (PRÓ-REITORIA..., 2015).

Na terapia ocupacional, além de ações de extensão relacionadas à produção artística e cultural de jovens, destaca-se o Laboratório METUIA, criado em 1998 pelo Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar em parceria com outras universidades do estado de São Paulo. No METUIA são realizadas ações no contexto educacional e cultural para a garantia de direitos, participação social considerando-se o conjunto dos jovens da cidade (DEPARTAMENTO..., 2015).

Nos últimos quinze anos, as ações para os jovens no município estão relacionadas à criação de programas para convivência familiar, prevenção de violência, proibição da construção ou instalação de unidade de internação para adolescente, além de ações de auxílio ao Centro de Educação e Formação ao adolescente, atendimento de jovens em dependência química, conscientização de conservação de locais públicos entre outras (SÃO CARLOS, 2015a).

Já para a inclusão de pessoas com deficiência, apesar de em menor número, o município conta com legislações voltadas para a criação de oficinas de trabalho, ensino e profissionalização de deficientes; organização do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, instituição de dia comemorativo e conferência acerca do tema, acesso para os deficientes visuais às

correspondências oficiais e ações voltadas à acessibilidade em eventos no município (ANDRADE, 2015).

Recentemente, a Câmara Municipal votou a favor do Código Municipal de Acessibilidade e Mobilidade Reduzida, proposta de um vereador envolvido na causa (TACONELLI, 2015). No dia 25 de março de 2015, durante a 2ª Conferência Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência, houve o anúncio do projeto de lei para a criação da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida. Diante de todos os elementos apresentados, São Carlos é uma cidade relevante no estudo do jovem com deficiência e da participação social.

3.2. Participantes do estudo

Participaram do estudo jovens com deficiência com idade entre 18 e 29 anos, residentes no município, que tenham realizado percurso educacional em escolas regulares públicas ou privadas na cidade e que, no momento do estudo, estavam desvinculados das instituições escolares, seja por conclusão dos estudos ou por desistência.

Quanto ao critério de inclusão ‘tipo de deficiência’, optou-se por abranger variadas problemáticas (visual, auditiva, física, intelectual), e com isso adequar os instrumentos de coleta de dados conforme a necessidade dos participantes, uma vez que muitos estudos não são realizados a partir dessa perspectiva. Isto é, considera-se que o tipo de deficiência não seria o fator fundamental a ser considerado nos percursos de participação social dos jovens. Além disso, pesquisas atuais enfatizam a importância de se considerar a diversidade de experiências e tipos de deficiência, uma vez que diferentes necessidades, obstáculos e potencialidades são encontrados nos relatos (AITKEN et al., 2014; KANAVAGH et al., 2014).

Apesar de diferentes barreiras e restrições singulares de cada sujeito e sua deficiência, existe uma hegemonia de representação da deficiência na sociedade, que levam em consideração principalmente aquelas deficiências identificadas por marcas corporais, compreendendo prioritariamente como deficientes aquelas pessoas com deficiência física (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2010). Ao contrário dessa representação, pesquisas trazem que a pessoa com deficiência intelectual é a que mais enfrenta desvantagens (AITKEN et al., 2014; KANAVAGH et al., 2014), justificando então nossa escolha de entrevistar pessoas com variadas deficiências.

Para identificação e localização dos jovens oriundos de escolas regulares do ensino fundamental II e médio do município, efetuou-se contato com o Conselho Municipal da Pessoa

com Deficiência, para indicação e convite aos jovens por meio da técnica de amostragem por bola de neve (TURATO, 2003).

Com essas informações, realizou-se o contato com 12 possíveis participantes, no intuito de encontrar jovens com deficiência desvinculados das escolas regulares entre 2005 e 2010, pois se espera, em diferentes épocas, levantar as oportunidades e barreiras na participação social decorridos até 10 anos da desvinculação do jovem da escola. Período em que seria possível ter sido construído um percurso de participação social, também posterior à criação e desenvolvimento de propostas municipais de educação. Levantamento de reportagens em jornal impresso do município entre 1991 e 2000 apontou o ano 2000 como aquele em que mais matérias relacionadas à Educação Especial foram veiculadas, sendo 25% delas voltadas às ações da Educação Especial, apesar de a maioria ter vinculação a instituições filantrópicas ou de assistência (SANTOS; MENDES, 2014).

Para melhor entendimento do público alvo da pesquisa e de seu percurso no município, foram levantadas informações na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo⁵ sobre as escolas de Ensino Fundamental II e Médio de São Carlos. O município conta duas escolas municipais, 23 estaduais e 17 particulares, totalizando 42 escolas⁶. Já em relação ao número de matrículas de alunos por tipo deficiência em classes comuns, os dados provenientes do Censo Escolar de 2014 foram obtidos por meio de solicitação ao Governo Federal e ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira- INEP⁷ e estão apresentados na Tabela 1:

⁵ Para mais informações, acesse: <<http://www.educacao.sp.gov.br/central-de-atendimento/consulta.asp?>>

⁶ Algumas escolas encontradas apresentavam também o Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano)

⁷ Pedido realizado pela pesquisadora dia 04/08/2015 por meio do site: <<http://www.acessoainformacao.gov.br/sistema/site/index.html>>, obtendo resposta dia 07/08/2015.

Tabela 1 – Matrícula em classe comum de Ensino Fundamental II e Médio por tipo de deficiência em São Carlos – SP (2014)

Tipo	Escolas	Alunos*	Deficiência Mental	Deficiência Física	Baixa Visão	Autismo	Deficiência Auditiva e Surdez	Outros
Estadual	23	215	173	17	15	1	10 e 2	Cegueira (1) Asperger (1) Transtorno Desintegrativo da Infância (1) Surdo Cegueira (1)
Municipal	2	51	24	11	1	5	3 e 5	Cegueira (1) Asperger (1)
Particular	17	53	19	10	4	13	4 e 1	Asperger (6)
Total	42	319	216	38	20	19	17 e 8	12

Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Escolar 2014 (BRASIL/MEC/INEP, 2014) e da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (2015).

Nota:

* O número de alunos do total geral aparece com 11 a menos, em decorrência de no arquivo consultado constarem os alunos com deficiência múltipla e os diagnósticos dos mesmos de forma separada. Nas escolas estaduais, em 2014, existiam 7 alunos com deficiências múltiplas e nas escolas particulares 4, também constando na tabela essa diferença.

Conforme Tabela 1, as deficiências mais presentes entre os alunos das escolas do município foram deficiência mental, física, auditiva, autismo e baixa visão. Percebe-se que em todos os tipos de escolas, a deficiência intelectual/mental é predominante, alcançando 79% na rede estadual (173 matrículas), 47% na rede municipal (24 matrículas), 36,5% na rede particular (19 matrículas), e 67% no total (216 de 319 matrículas), o que poderia levar a outros estudos.

Por outro lado, pesquisa realizada entre professores do município informa que o perfil do aluno com deficiência nas escolas é de 80% de alunos com deficiência intelectual, percentual acima do encontrado na literatura e questionável, uma vez que também apresentou um grande número de meninos de grupos minoritários, como alunos com diferenças culturais, de baixas condições socioeconômicas e negros, dados que necessitam de maior reflexão (TANNÚS-VALADÃO et al., 2014).

Outro dado que também chama a atenção é o fato da rede particular concentrar mais matrículas de alunos com autismo (13 matrículas) do que a rede estadual (1 matrícula) e municipal (5 matrículas). Além disso, a rede municipal, com apenas duas escolas atende 51 alunos com deficiência, número similar ao número de matriculados da rede particular, 53 alunos para 17 escolas.

A caracterização dos jovens (idade, gênero, tipo de incapacidade/limitação de atividades), e conseqüentemente das escolas em que estudaram e de sua experiência educacional possibilita maior conhecimento sobre a população de jovens com deficiência.

3.3. Procedimentos de pesquisa

Pesquisa documental

Para conhecer as alternativas institucionais e de âmbito comunitário existentes para a participação social de jovens e identificar as oportunidades colocadas para aqueles com deficiência foram levantadas informações junto às Secretarias Municipais e projetos de inclusão de jovens no município. Foram consultadas as Secretarias Municipais de Cidadania e Assistência Social; Educação; Esportes e Lazer; Transporte e Trânsito; Trabalho, Emprego e Renda; Especial de Infância e Juventude; Saúde e de Habitação e Desenvolvimento Urbano, relacionadas de forma direta ou indireta com os jovens, além da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida (SÃO CARLOS, 2015c).

Esses documentos incluem registros, leis e relatórios (SÁ SILVA; ALMEIDA; GUIDANI, 2009), além de documentos internos das organizações e documentos externos à população, como folhetos e notas (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Foram formalmente solicitados relatórios e registros de ações às Secretarias, com o prazo de resposta de um mês. De nove secretarias contatadas, seis responderam ao pedido das ações (Quadro 5), sendo apenas uma resposta formal (ANEXO B).

Entrevista com jovens com deficiência

A entrevista semiestruturada (MANZINI, 1991; BOGDAN; BIKLEN, 1994, MINAYO, 1994), realizada com os jovens com deficiência desvinculados do ensino regular, teve o intuito de conhecer desafios e oportunidades em sua participação social, tratando os seguintes tópicos:

- a. Experiências de ensino e participação social nos anos escolares;
- b. Motivos de sua desvinculação da escola;
- c. Cotidiano e participação social do jovem após a desvinculação com a escola (continuação dos estudos, atividades remuneradas, utilização de serviços de cultura, esporte, lazer, entre outros);
- d. Redes sociais do jovem após a desvinculação com a escola (círculo de amigos, relacionamentos amorosos, relações familiares, entre outros);

Os entrevistados foram indicados por meio de dois membros e duas participantes do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência. Os encontros para entrevistas foram entre março e abril de 2016, e marcados por meio de contato telefônico ou via internet, sendo realizadas em apenas um dia, com duração de em média 40 minutos.

As entrevistas ocorreram em locais públicos, de trabalho ou na residência dos entrevistados, foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas posteriormente. Assim que transcritas, as entrevistas foram enviadas para os entrevistados, para que aprovassem ou realizassem modificações, caso julgassem necessário. A organização dos resultados baseou-se na análise temática, uma das técnicas da análise de conteúdo (BARDIN, 2002).

A análise temática se dá pela contagem de um ou mais itens ou temáticas significativas, ou seja, sua frequência apresentar significado para o entendimento dos resultados e pertinentes aos objetivos e hipóteses levantadas e se dá em três etapas: Pré-análise, que consiste em um reconhecimento dos documentos a serem estudados, alinhado aos objetivos e hipóteses da pesquisa; Exploração do material, ou seja, enumeração e codificação de respostas; Tratamento dos dados e interpretação, que incide na disposição dos resultados em categorias de acordo com os objetivos previstos anteriormente (BARDIN, 2002). Na pesquisa em questão levaram-se em conta temáticas muito e pouco frequentes, que se mostraram relevantes ao entendimento dos percursos de participação social dos jovens.

Pelo apoio de pessoas envolvidas com o Conselho Municipal da Pessoa com deficiência, e posteriormente com os entrevistados, foi possível realizar o contato com 9 homens e 3 mulheres, do grupo etário de jovens. Apesar das inúmeras tentativas por redes sociais, pessoais e por telefone, apenas 4 se dispuseram a participar das entrevistas, número menor do que aquele planejado inicialmente.

Todos os entrevistados são do gênero masculino, dado a ser destacado, pois é possível que a representação de mulheres com deficiência não tenha ocorrido provavelmente por sua menor participação social, apesar de as mulheres jovens serem em maior número, quando comparadas aos homens jovens com deficiência (IBGE, 2012).

Corroborando com tal afirmação, barreiras, tanto culturais, na legislação, ou institucionais facilitam que as jovens com deficiência sejam vítimas de discriminação em dobro, por seu gênero e sua deficiência (UNICEF, 2013). Por exemplo, enquanto 57,3% dos homens com deficiência estavam trabalhando, apenas 37,8% das mulheres com deficiência estavam em um emprego no Brasil em 2010 (IBGE, 2012), e apenas 27% em 2004 (INTERNATIONAL DISABILITY..., 2004).

As transcrições das entrevistas (ANEXO C) constituíram um arquivo de 41 páginas, e foram enviadas aos participantes por correio eletrônico para que realizassem as modificações que julgassem necessárias. Dois dos quatro participantes alteraram suas entrevistas, acrescentando palavras não entendidas na transcrição ou refazendo discursos de narrativa.

Levantamento do cotidiano dos jovens com deficiência - Photovoice

O procedimento de pesquisa proposto para o estudo do cotidiano dos jovens com deficiência, incluindo as barreiras ou facilitadores para a sua participação social foi uma adaptação do *photovoice*. Segundo Hartman et al. (2011), o *photovoice* é uma metodologia baseada na fotografia, e desenvolvida em 1997 por Wang e Burris.

O *photovoice* é utilizado em estudos para registrar e avaliar as necessidades que as pessoas têm em seu ambiente, comunidade e em locais em que trabalham, estudam, vivem e se divertem, sendo possível maior participação dos envolvidos nas pesquisas, já que os mesmos são os responsáveis pela execução do método e se expressam e têm voz por meio dele. Além disso, apresenta como vantagem o fato de não exigir a alfabetização ou habilidades de comunicação dos participantes, sendo útil para esta pesquisa - com exceção das pessoas com deficiência visual (HARTMAN et al., 2011).

Hartman et al. (2011) levantam que os principais objetivos de Wang e Burris com o *photovoice* são: capacitar as pessoas na reflexão acerca de seu entorno e contexto, sobretudo em relação às dificuldades e facilitadores; promover criticidade por meio de discussões acerca das fotografias; alcançar ações políticas por meio do método e, com isso, possivelmente promover mudanças sociais.

Os procedimentos para a realização são: 1- levantamento das demandas do grupo/comunidade, 2- seleção de participantes; 3- treinamento; 4- distribuição e instrução para o uso das câmeras; 5- identificação das fotos tiradas; 6- discussão acerca das fotos tiradas; 7- análise dos dados; 8- Reconhecimento de pessoas-chave para a promoção de mudanças; 9- apresentação dos resultados 10- criação de planos de ação para mudança da demanda retratada (HERGENRATHER et al., 2009).

Algumas questões a serem pensadas com o uso do *photovoice* são: necessidade de tempo para a aprendizagem da metodologia e do manuseio da câmera; o custo para que cada indivíduo tenha consigo uma câmera para registro; a forma em que o método é apresentado, sendo que exemplos podem prejudicar e alterar os resultados fotográficos e aspectos éticos, pois o

pesquisador necessitará de autorização dos participantes para utilização das imagens, além do cuidado com exposição de terceiros nas fotos (HARTMAN et al., 2011).

Nesta pesquisa, foram realizadas adaptações nos procedimentos listados por Hergenrather et al. (2009). Foram elas: 1- a identificação da demanda do grupo pesquisado já estava estabelecida, sendo o cotidiano e percursos de participação social do jovem com deficiência; 2- os indivíduos que participaram dessa etapa realizaram a entrevista anteriormente; 3- ocorreu uma breve orientação do uso, pois o equipamento utilizado era aquele dos próprios participantes (câmera de celular em todos os casos); 4- a instrução para a realização do método ocorreu posteriormente à entrevista, após o aceite em participar dessa etapa. Os participantes foram convidados a registrar fotos de seu cotidiano durante uma semana típica, disponibilizando os registros para a pesquisadora após o período, que garantiu sigilo da imagem de terceiros e a do próprio participante, caso este desejasse; 5 e 6- a identificação e discussão das fotos registradas foi realizada em local e horário a combinar entre a pesquisadora e o participante, após os registros realizados; 7- a pesquisadora realizou a análise dos dados e enviou aos entrevistados, para que tivessem participação ativa em todo o processo, além de posterior divulgação dos resultados encontrados. Os procedimentos 8 e 10 não foram realizados, sendo que o objetivo do estudo é o reconhecimento de percursos de participação social, não a promoção de mudanças nos mesmos.

Os quatro jovens entrevistados aceitaram realizar as fotografias. No mesmo dia em que ocorreram as entrevistas, foram dadas instruções para a realização do método. Após a primeira sequência de imagens, a pesquisadora encontrou-se pessoalmente com os entrevistados, buscando informações de cada foto individualmente (dia da semana, atividade, motivo de registro), quando alguns entrevistados trouxeram respostas mais reflexivas que outros. Foi indagada também a sensação de realizar as fotografias, e nesse caso, apenas um entrevistado relatou ter gostado do processo. Uma segunda sequência de fotos foi pedida aos entrevistados, referente a obstáculos em seu cotidiano, sendo que apenas dois entrevistados a realizaram. As fotografias, apesar de em pequeno número, também foram discutidas em um novo encontro. O quadro 4 organiza as informações básicas acerca desse instrumento metodológico:

Quadro 4- Informações sobre o registro do cotidiano

Entrevistado	Data de Registro	Número de Fotos	Locais registrados	Registro de obstáculos do cotidiano
Mateus	28 de março a 4 de abril	11	Casa, trabalho, locais com atividades culturais.	Julho 3 fotos
Jean	29 de março a 4 de abril	9	Casa	Julho 5 fotos
Gustavo	4 a 10 de abril	7	Casa, trabalho	---
Ricardo	4 a 10 de maio	13	Locais de treinamento	---

Fonte: Elaboração própria.

4. JOVENS COM DEFICIÊNCIA: AÇÕES, PERCURSOS E COTIDIANO

Neste capítulo são apresentados os resultados referentes à pesquisa documental, entrevista e levantamento do cotidiano de maneira a favorecer as reflexões sobre os processos de participação social entre os jovens com deficiência participantes do estudo.

4.1. Ações Municipais

A primeira etapa realizada foi a pesquisa documental, para tanto as Secretarias municipais foram contatadas, a primeira vez por correio eletrônico, quando foram avisadas da possibilidade de uma posterior apresentação da pesquisa pessoalmente. Os contatos foram realizados entre 09 e 11 de março de 2016. A pesquisadora, ao apresentar a pesquisa, disponibilizou um ofício com sua caracterização, conforme APÊNDICE A. Também solicitou de cada secretaria informações sobre as ações que realizavam, voltadas aos jovens com e sem deficiência do município. Essa correspondência foi protocolada e, após 30 dias, a pesquisadora fez novo contato, solicitando respostas. As informações estão indicadas no Quadro 5.

Quadro 5- Secretarias Municipais e Ações

Secretaria	Formas de contato	Resposta	Ações
Educação	Pessoalmente e por correio eletrônico	Sim	- Ações individuais por unidade e não sistematizadas
Saúde	Pessoalmente e por correio eletrônico	Sim	- Ações individuais por unidade e não sistematizadas
Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida	Pessoalmente, correio eletrônico e rede social	Sim	- Cartão Mais Acesso - Organização de eventos /oficinas /atividades culturais/ atividades de formação continuada e de conscientização acerca das deficiências - Participação em conferências de assuntos referentes a pessoas com deficiência a nível nacional e estadual - Acompanhamento e luta por acessibilidade em espaços culturais e vias públicas - Aquisição de tecnologias - Confecção de materiais informativos acerca da deficiência, acessibilidade, entre outros - Projetos e parcerias

Quadro 5- Secretarias Municipais e Ações

(conclusão)

Secretaria	Formas de contato	Resposta	Ações
Esporte e Lazer	Pessoalmente, correio eletrônico e telefone	Não	----
Especial da Infância e Juventude	Pessoalmente, telefone e por correio eletrônico	Não	----
Cidadania e Assistência social	Pessoalmente, correio eletrônico e telefone	Sim	- Ações não específicas aos Jovens ou jovens com deficiência
Trabalho, Emprego e Renda	Pessoalmente e por correio eletrônico	Sim	- Aprendiz São Carlos - Startup Jovem e Empreendedor
Transporte e Trânsito	Pessoalmente, correio eletrônico e telefone	Não	----
Habitação e Desenvolvimento humano	Pessoalmente e por correio eletrônico	Sim	- Ações não específicas aos Jovens ou jovens com deficiência

Fonte: Elaboração própria.

Assim, como mostra o quadro 5, as secretarias municipais de Esporte e Lazer, Especial da Infância e Juventude, e Transporte e Trânsito não responderam ao ofício, apesar da pesquisadora ter realizado novo contato por correio eletrônico e por telefone, posteriormente a entrega do ofício.

Outra secretaria municipal, que também não respondeu à primeira solicitação foi a da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida, recentemente criada pela prefeitura. Porém sua primeira ação, veiculada na mídia local, foi a criação do Cartão Mais Acesso, previsto na Lei Municipal nº 17.825/16. O cartão, que além de fornecer ao município o levantamento de pessoas com deficiência, faixa etária, localidade, entre outros dados, trará à pessoa com deficiência a garantia de direitos e melhoria no acesso em locais públicos e privados. Para obter o cartão, que não tem custo para a pessoa, a mesma deverá ser residente no município e ter laudo médico (SÃO CARLOS, 2016a).

Na resposta da secretaria municipal de Habitação e Desenvolvimento Humano foi informada a inexistência de ações específicas para a população alvo, que em resposta por correio eletrônico, alega realizar suas atividades em acordo com a norma NBR9050/2015, responsável por parametrizar as exigências relacionadas a acessibilidade de espaços físicos.

Já a secretaria municipal de Cidadania e Assistência Social, também por correio eletrônico, relatou realizar as seguintes ações: Acompanhamento de famílias que tenham pessoas com deficiência em sua composição; Desenvolvimento de Serviço de Convivência e

Fortalecimento de Vínculos, seja diretamente no CRAS localizado no Jardim Gonzaga ou em parceria com instituições inscritas no Conselho Municipal de Assistência Social (instituições mapeadas nas figuras 1 e 2), que atendem crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, não necessariamente com participantes com deficiência; Ações dos centros comunitários com oferta de atividades para crianças e adolescentes, como teatro, Hip Hop, Capoeira, DJ, circo, entre outros; e Desenvolvimento de Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS (CRAS sede, localizado na região central, sinalizado nas figuras 1 e 2), com a divisão de atendimento a idosos e pessoas com deficiência, sendo que a grande maioria dos atendimentos se desenvolve junto a adultos e idosos.

As secretarias municipais de Saúde e Educação responderam ao ofício, porém não apresentaram ações relacionadas a jovens com deficiência, alegando serem realizadas de acordo com cada unidade escolar do município, Unidade Básica de Saúde ou Unidade de Saúde da Família. Não foi possível para a pesquisadora a realização da busca individual das ações em cada serviço ou escola, esperava-se algum grau de conhecimento dessas ações por parte dos gestores.

A secretaria municipal de Trabalho, Emprego e Renda foi a única a enviar por correio eletrônico um documento com suas ações, conforme ANEXO B, onde apresenta departamento próprio para a juventude e relata as seguintes ações: Aprendiz São Carlos- atende jovens de 14 a 24 anos e pessoas com deficiência em qualquer idade, em parceria com entidades formadoras; Startup Jovem e Empreendedor- incentivo de jovens empreendedores nas escolas técnicas, superiores, e trabalho na rede pública.

Um segundo contato foi realizado no dia oito de novembro com as secretarias municipais da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida e Especial da Infância e Juventude, também indicado no quadro.

A secretaria municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida enviou uma apresentação das ações com as quais esteve envolvida ou foram por ela organizadas durante o ano de 2015-2016. Além do cartão Mais Acesso, já mencionado, foram elas: Organização de ações culturais como Dia Nacional da luta da pessoa com deficiência; Virada inclusiva; Dia mundial de conscientização do autismo; Libras na praça; Organização de eventos acadêmicos como VIII Semana de Formação em Educação Inclusiva; Oficina de Libras e Teatro Inclusivo; Participação na Conferência Estadual e Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência e no Fórum Estadual de Secretários e Gestores Municipais dos Direitos das Pessoas com Deficiência; Acompanhamento de adaptações em vias públicas; Conquista e acompanhamento

de adaptações em espaços culturais e esportivos (criação da primeira academia ao ar livre adaptada no município, localizada no Kartódromo); Parcerias com empresas para contratação de pessoas com deficiência; Construção de materiais de divulgação e conscientização acerca das deficiências; entre outras ações. Em contato com o responsável pela secretaria, a pesquisadora soube que, em decorrência da mudança de gestão, a mesma tem a possibilidade de ser extinta, assim como a secretaria municipal Especial da Infância e Juventude.

Em decorrência do levantamento de pouca informação sobre as ações relacionadas a pessoa e jovens com deficiência, não se pode afirmar se o município oferece políticas nos diferentes segmentos e possibilidades de participação social. Porém, problemáticas comuns na formulação de políticas públicas, inclusive para pessoas com deficiência são que, comumente, são realizadas em caráter emergencial, sem planejamento de sua implementação e manutenção, sendo muitas vezes encerradas. Além disso, as políticas públicas de forma geral são planejadas para determinados grupos sociais, o que pode corroborar para novas exclusões (SANTOS, 2007). Podemos perceber esse fato na criação de políticas públicas governamentais para jovens, que priorizam na maioria de seus projetos a faixa etária em idade escolar (quadro 3); e de forma contrária na secretaria municipal de Trabalho, Emprego e Renda, que abrange atividades junto a faixa etária mais ampla, sem limite por faixa etária para a participação de pessoas com deficiência.

4.2. Entrevistados

Os entrevistados deixaram de frequentar a escola entre os anos de 2005 e 2009, têm idades entre 23 e 29 anos, passaram pela escola regular e/ou ensino de jovens e adultos (EJA) além de apresentarem diferentes deficiências e percursos de participação social. No quadro 6 podem ser observadas informações básicas sobre os entrevistados, com seus nomes substituídos por nomes fictícios.

Quadro 6 – Caracterização dos entrevistados

Nome data e local de entrevista	Idade	Gênero	Ano que saiu da escola	Escola regular ou EJA	Escolaridade	Profissão	Estado civil	Deficiência
Ricardo 29/04/16 Espaço Público	23	M	2005	EJA	Ensino Médio Completo	Vendedor	Solteiro	Física Amputação por tumor Adquirida
Gustavo 29/03/16 Casa	24	M	2009	Regular	Ensino Superior Completo	Professor de Educação Física	Solteiro	Visual Retinopatia Congênita
Mateus 18/03/16 Trabalho	27	M	2007	Regular	Ensino Médio Completo	Diretor de departamento	Solteiro	Física Amiotrofia Congênita
Jean 18/03/16 Casa	29	M	2006	Regular	Ensino Médio Incompleto	----	Solteiro	Física Fator RH dos pais Congênita

Fonte: Elaboração própria.

Com exceção de Gustavo, que tem deficiência visual, especificamente Retinopatia da prematuridade, os demais têm deficiência física. Ricardo realizou amputação aos onze anos por consequência de um tumor; Jean, em decorrência do RH sanguíneo nasceu com deficiência, e Mateus, com amiotrofia, essa progressiva e atingindo grande parte de sua musculatura aos dezesseis anos.

Outro acontecimento, apesar do número de entrevistados, é o fato de nenhum deles ter deficiência intelectual, sejam eles indicados pelo Conselho Municipal ou pelos entrevistados, o que é inverso ao número de pessoas com deficiência encontradas na literatura (TANNÚS-VALADÃO et al., 2014) e em estatísticas de alunos com deficiência participantes das escolas do município, conforme tabela 1. Apesar disso, segundo informações do censo 2010, a deficiência visual é a que mais acomete a população, seguida da deficiência motora (IBGE, 2012). Com isso, acredita-se que há pouca participação social das pessoas com deficiência intelectual, assim como de mulheres.

Na análise das entrevistas, categorias e subcategorias associadas aos temas sugeridos pelo roteiro de entrevista foram organizadas por meio da análise temática (BARDIN, 2002). A apresentação das categorias baseou-se no levantamento de elementos significativos, pouco ou muito presentes na fala dos entrevistados. Estas estão dispostas no quadro 7.

Quadro 7- Categorias e Subcategorias de Entrevista

Categoria principal	Subcategorias
Educação Básica	- Falhas - Influência em decisões posteriores
Trabalho e Renda	- Benefício - Trabalho voltado para PCD x População no geral - Obstáculos e preconceitos
Contexto Familiar	- Dinâmica familiar - Incentivo na autonomia e independência
Círculo de Amizades	- Perfil de amizades - Locais de estabelecimento de vínculos
Redes Sociais Online	- Uso das redes sociais
Relacionamentos Amorosos	- Namoros com pessoas com x sem deficiência
Lazer	- Perfil de atividades - Atividades esportivas: Lazer no alto rendimento - Dificuldades no acesso ao lazer
Participação Política	- Exercer Cidadania - Luta pelos direitos das PCD
Acesso e Acessibilidade	- Urbana - Transporte coletivo - Dependência - Influência em outras categorias (Trabalho, Lazer, vida social)
Reconhecimento	- De si mesmo - Das outras pessoas sobre sua deficiência

Fonte: Elaboração própria.

4.2.1. Educação Básica

A educação básica é compreendida como o período desde o ensino infantil ao final do ensino médio, totalizando mais de 10 anos da vida de uma pessoa. Por se tratar de um período longo da infância e adolescência, o ambiente escolar pode e deve influenciar em decisões e percursos futuros.

Dos quatro entrevistados, Gustavo é o único que tem ensino superior completo, enquanto Mateus e Ricardo têm o ensino médio completo. Já Jean é o único a não completar o ensino médio, abandonando a escola durante o primeiro ano.

Apesar do número de participantes ser pequeno, os mesmos apresentam alta escolaridade se comparados às estatísticas, uma vez que o número de pessoas com deficiência que têm acesso ao ensino médio (LAPLANE, 2014; TANNÚS-VALADÃO, 2014) e superior

é reduzido, (IBGE, 2012). Estima-se que no Brasil, 17% das pessoas com deficiência tenham o ensino médio completo e superior incompleto (IGBE, 2012).

Com exceção de Ricardo, os demais entrevistados vivenciaram dificuldades e situações frustrantes durante sua formação básica. Algo marcante na fala dos outros três entrevistados é o fato de serem os primeiros alunos com deficiência nas escolas em que estudaram, colaborando para maior reflexão do coletivo acerca da deficiência.

Falhas na inclusão do aluno com deficiência são nítidas nos relatos. Seja por despreparo do educador, da organização escolar ou da estrutura, três dos quatro entrevistados relataram experiências negativas durante o período escolar, o que inclusive desencorajou a finalização dos estudos de um deles:

Nem chegava a terminar de escrever, eles apagavam. Aí disse pra minha mãe que ia sair por que não tava dando resultado... E também acordava cedo e a escola lá só abria o portão às sete, e eu saía daqui seis e vinte, chegava lá e o portão tava fechado... E só abria o portão às sete horas.... Quanto tava chovendo as ve... Quando tava chovendo eu não ia por causa da chuva...Aí eu peguei e pedi pra minha mãe me tirar da escola e estou até hoje sem estudar. (Jean)

Então assim, a mais triste... Essa é realmente triste, é ... Eu tinha nove anos... E aí foi uma professora substituta lá na escola e tudo mais... Ela falou assim.. Eu sempre fui muito, muito tranquilo em relação a isso.. Então cheguei e falei ‘professora, olha só, eu não enxergo de um olho, a gente trabalha assim, assim, assim... Tal, não sei o que... Qualquer coisa conversa comigo, me pergunta...’ E naquela época eu tinha essa questão de estar aberto a conversar em relação a sobre né... Porque se não também não estudava... Aí ela virou pra mim e falou assim pra mim: ‘Não, beleza, fica...’ Não lembro o que ela falou, eu tô falando como eu lembro, tá? Mas enfim, ela falou: ‘Não, beleza, fica sentado aí, por que eu não sei trabalhar com você...’ Tipo... Exclusão total né... E naquela época era muito comum.... Mas enfim, né. (Gustavo)

Em pesquisa em município do estado acerca da época escolar de jovens com e sem deficiência, indicações da falta de estrutura da escola e de preparação dos professores (especialmente no que tange ao respeito e real inclusão do aluno com deficiência) apareceram também como relatos (OHL et al., 2009).

Apesar de não ser o caso dos entrevistados destacados abaixo, suas falas trazem a reflexão de que dificuldades e situações desconfortáveis enfrentadas na escola (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011; LOPES; SILVA; MALFITANO, 2006) podem desencorajar a continuidade dos estudos:

Eu tava tipo, na segunda série... E aí tinha que descer pra cantar o hino... Não sei quantas vezes na semana lá, né... E aí eu fui descer, e tudo mais... Tava

todo mundo lá em filinha pra cantar, e não sei o que... E aí tinha a galera do ginásio, lá do... Tava sentada... Na escada, né... E eu fui tentar desviar e acabei... Caindo, fui rolando escada abaixo... Tipo, uns vinte degraus, assim... fui rolando lá em baixo... (risos) Eu ergui assim... Todo mundo olhando... A escola inteira, assim... Bem coisa de... de filme mesmo, sabe?... E aí, os professores já vieram me levantar, não sei o que, [...] Mas... Mas demonstra obviamente, um despreparo... Completo, naquela época da escola... Hoje em dia, eles reformaram... Não sei como que tá... Na verdade não tá muito melhor... Mas tem né... Tem umas rampinhas ou outras ali... Mas assim, por exemplo... Se tivesse uma pessoa usuária de cadeira de rodas, com certeza ela teria muita dificuldade pra acessar várias partes do... Da escola... Principalmente... É... Sala de leitura... é... pátio... refeitório... enfim, quadra... Não tinha como... (Gustavo)

[...] a única dificuldade de ir pra escola, que me lembro que quando, no colegial, que eu saí do ***** (nome da escola) em 2003, aí me matricularam em uma escola de manhã... De manhã tinha duas salas em baixo, uma de vídeo e uma de aula... E na de vídeo não tinha como transferir minha sala e na outra já tinha um cadeirante... Aí eu falei 'Eu não vou ficar subindo degrau' falei 'Vou escorregar de lá de cima e é... fatal'... Aí me transferiram pra outra escola... O ***** (nome da escola) fica aqui perto... Aí lá... A rampa era totalmente inclinada... Sem chance nenhuma... Não tinha banheiro adaptado... Fiquei quinze dias... ia um dia sim, outro não porque [...] só podia usar o banheiro às seis horas da manhã... e depois a uma hora da tarde, foi bem complicado... Aí entrei em contato com direção da escola e pedi pra me transferirem pra antiga a noite. (Mateus)

A necessidade de se adaptar ao ambiente escolar e ao ensino também foi marcada pela fala de um dos entrevistados:

Eu sempre fui muito próximo da direção, assim... Dos professores... Por que tinham muitos professores que realmente não se interessam e tinham muitos que se interessavam... Então essa... Essa conversa... É... É... De, de como melhorar... Era meio que diária, assim, sabe?... E como também eu era meio *nerd*, então era bom aluno, então a relação com o professor era muito facilitada, assim... Principalmente com a direção... Então... Quando chegava um aluno com deficiência, eu mesmo... Engraçado isso, né... Engraçado e trágico, mas enfim... É... quando eu tinha, sei lá, doze anos que eu comecei a ter um discernimento maior ... Eu meio que falava 'ó, é legal vocês fazerem isso, isso e isso'... É... 'tentem não fazer isso'... (risos) Inclusive me colocaram uma vez, pra conversar com a mãe de um aluno [...] (Gustavo)

Assim como as atividades em período escolar, a oferta de atividades extracurriculares aos mesmos também era falha, e além disso, os entrevistados evitavam participar. Esse fato também influencia na desvinculação escolar, o que traz defasagens futuras (CARTER et al., 2010b).

Não, é por que... tinha tudo que sair... Vamos supor... Vai ter exposição pra ir pra ***** (nome da faculdade) sei lá... E eu quando era na questão de sair de um lado pro outro assim... E não tivesse como ir sem fazer transferência, eu preferia ficar quietinho... Com medo assim, alguém pega pra ajudar e derruba e quebra alguma coisa... Sempre fiquei... Sempre tive muito receio. (Mateus)

É... Tinha o grêmio, né... Grêmio escolar... E Jogos... Jogos escolares ... Que eu sinceramente não tinha... Não tinha... motivação alguma de participar, né... Na verdade, naquela época, é... Em que? Em Dois mil e pouquinho, vai... Tava se começando a pensar ainda na educação física adaptada [...] E ainda tava muito naquela... Naquela ideia da segregação... Então a pessoa com deficiência, ela fazia parte da aula... Mas ela não tava incluída na aula... Ela tinha o seu papel específico, né... E... E quando ela não era excluída, né?... Exclusão, é... Enfim... Foi esses dois cenários que eu, hoje como profissional, eu consigo enxergar nitidamente, né... O como ocorria a educação física, né... E.. E eu tenho esse... Esse parâmetro pra tá falando, né?... Então, assim... Eu ficava nas aulas de Educação Física, por exemplo, eu ficava sentado jogando pebolim... Com uns alunos que não queriam fazer atividade, né... E eu conversando com as meninas e tudo mais, enfim... Mas... Até por que não tinha condição alguma, né. (Gustavo)

4.2.2. Trabalho e renda

Dos quatro entrevistados, apenas Jean nunca trabalhou. O desemprego da pessoa com deficiência está associado a uma gama de variáveis, sendo algumas delas: falta de formação, locais sem acessibilidade e falta de transporte acessível (INTERNATIONAL DISABILITY..., 2004). Mesmo com interesse, o entrevistado não procurou por emprego principalmente por questões de acessibilidade.

A acessibilidade, assim como relatada pelos participantes no município de São Carlos, também apresenta falhas em diferentes locais. Em pesquisa de 2005, realizada em 114 países, apontam que apesar das políticas públicas existentes, 54% destes não apresentavam padrões de acessibilidade para as ruas e vias públicas e 44% não apresentavam padrões em escolas, unidades de saúde e espaços de serviços públicos, sendo uma problemática a nível mundial (OMS, 2012). Além da acessibilidade, Jean se desencorajou de conseguir um emprego pela possível não aceitação da pessoa com deficiência:

Tenho.. [...]Ah, coisas que eu consiga fazer [...]Ah, secretário ... Que é o mais fácil de fazer.. [...] É meio difícil [...] Eu acho que é... A empresa também... E também é... As pessoas... Não são, é... Muito... Como posso dizer... Educadas com deficientes. (Jean)

Os entrevistados Jean e Ricardo recebem benefício de prestação continuada, sendo que Ricardo necessita passar por perícia, assim como Mateus passou por determinado tempo. Dois tipos de benefício são associados às pessoas com deficiência, sendo o Benefício de Prestação Continuada – BPC e a aposentadoria por invalidez.

O primeiro, voltado aos idosos e pessoas com deficiência em qualquer idade, é disposto a famílias pobres, com renda de até ¼ do salário mínimo por pessoa, sendo o valor de um salário mínimo. Já o segundo é disposto aos trabalhadores, que por doença ou acidente, são considerados incapacitados pela perícia. O beneficiário deverá ter contribuído por 12 meses em caso de doença e, em caso de acidente, apenas inscrito na Previdência Social (INSTITUTO BRASILEIRO DOS DIREITOS..., 2009), sendo o caso de Ricardo e Mateus. Conseqüentemente, Ricardo não trabalha com carteira assinada.

Gustavo também não tem registro em carteira, não por sua deficiência, mas porque essa é uma condição muito comum de sua área de atuação como educador físico.

Relacionando o emprego à deficiência, as pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida no Brasil têm a menor taxa de emprego, sendo 24,8%, seguidas pelas pessoas com deficiência auditiva (34,0%) e deficiência visual (40,8%) (INTERNATIONAL DISABILITY..., 2004), com resultados semelhantes no Censo de 2010 (IBGE, 2012).

Gustavo teve experiências profissionais como estagiário durante a graduação. Mateus é o entrevistado com maior número de experiências profissionais, sendo algumas dessas negativas às suas expectativas:

Aí depois passei no concurso da ***** (nome da empresa)... E como no edital constava que eu seria obrigado a ficar fora da cidade pra fazer curso, eu tive que abrir mão do meu concurso [...] Eu sei que... Aquilo lá foi... Foi tipo ... falar 'vai pra lá' e... Eu sei que até o dia que eu tive que ir pra ***** (cidade) assinar, eles falaram 'você tem que fazer noventa dias de treinamento em Campinas, Bauru, ou Ribeirão Preto... A gente vai te dar hotel, tudo... Aí eu pensei 'mas como que eu vou fazer se eu sou dependente?'... Aí é com você.... Falei 'Ahhh, que bom, no edital não tinha nada'... Ah, mas deve ser uma falha... Aí falei 'então faz o seguinte... pode abrir minha vaga pra algum amiguinho de vocês. (Mateus)

Comparando as experiências atuais de Mateus e Gustavo, a subcategoria trabalho para Pessoa com deficiência versus População no geral foi identificada, pois são situações distintas. Enquanto Gustavo é professor de academia (hidroginástica e natação), tendo como público alvo a população em geral, Mateus é diretor de departamento, responsável por questões da população com deficiência.

Gustavo, por trabalhar com clientela sem deficiência, sofreu com o preconceito em relação à sua capacidade durante seu período de estagiário, quando os empregadores tinham receio quanto à sua capacidade para as atividades práticas.

Atitudes negativas e preconceituosas acerca da deficiência são barreiras para possíveis experiências bem-sucedidas de emprego. Ideias como maiores índices de abstenção, maiores gastos com adaptações do ambiente, menor grau de confiança ou menores possibilidades de atender a demandas de produtividade infelizmente são comuns (UNICEF, 2013).

Porém, a cada experiência, Gustavo adaptava sua forma de trabalho para facilitar sua atuação:

Então quando eu comecei a estagiar... Eu percebia que as pessoas... Elas me colocavam pra fazer algumas funções... Que não eram tão relevantes... Então por exemplo... Ah... Tô dando aula, sei lá... Tem quatro crianças... Eu percebia que eu era monitorado ali... O tempo todo... Até eles pegarem confiança.. Depois que pegou confiança... Depois, sei lá, de um, dois meses... Aí era tranquilo... [...] Mas eu entendo que isso, na verdade, infelizmente, é algo que tem que acontecer... O pessoal só vai ter confiança em você, a partir do momento que ela achar que tem que ter confiança... Então... Por mais que seja realmente um pré... Por que o pré conceito nada mais é que um conceito antes de ter um fato... Propriamente real, não é?! Então... eles achavam que eu não conseguiria dar conta... Isso não é um fato, Isso é um pré conceito... E aí realmente, conforme eu fui trabalhando, eu fui adaptando a minha forma de dar aula... Por exemplo... Eu dava aula de natação.. Então eu fazia bastante trezinho... Por quê? Por que eu conseguia colocar as crianças de forma que eu conseguir ter uma visão maior.. Eu ficava muito mais próximo das crianças... Eu... Inventava brincadeiras em que elas não ficassem espalhadas ... Eu adaptei minha forma de dar aula... E aí conforme eles foram entendendo isso... Provavelmente foram dando mais linha, assim... (Gustavo)

Assim como o preconceito e a acessibilidade, outro obstáculo foi identificado nas falas dos entrevistados, a oferta de ônibus. Enquanto Mateus conta com o transporte porta a porta⁸, Gustavo reside em um bairro com pouca oferta de ônibus:

Na verdade, assim... Eu já fui muito mais independente, né... Onde eu morava antes, tinha muito mais ônibus... Linhas de ônibus.. Aí antes diria uns oito, nove... Hoje é quatro porque aqui passa ônibus de três em três horas...(risos) É...então assim... Então, por exemplo, na minha área inclusive, não é.. Não sou quem faço os horários, né... São os horários das aulas, e principalmente quando eu dô personal, o horário que as pessoas têm disponível né... Então

⁸ O transporte porta a porta, direito conquistado pelas pessoas com deficiência do município, contava em 2011 com 4 microônibus e 1 van, atendendo aproximadamente 300 pessoas com deficiência cadastradas e interessadas em sua utilização. Para maiores informações:
<<http://www.saocarlosagora.com.br/cidade/noticia/2011/05/13/17716/scarlos-tem-17-onibus-para-transporte-de-portadores-de-deficiencia/>>

dependo muito mais de carona hoje em dia... Principalmente dos meus pais, e familiares né. (Gustavo)

4.2.3. Contexto Familiar

Todos os participantes vivem com os pais, com exceção de Mateus, que vive apenas com a mãe, em decorrência do falecimento de seu pai. Quanto à contribuição para a renda familiar, todos os participantes auxiliam, seja com o benefício de prestação continuada recebido ou com o salário. Gustavo é o único que alegou contribuir de maneira simbólica na renda total de sua casa, uma vez que seu pai é quem colabora com a maior parte.

Os participantes também relataram um ótimo relacionamento familiar. Gustavo e Mateus relatam com maior ênfase o contato com suas mães:

[...] A gente é muito parceiro assim, ela na verdade, especificamente com minha mãe... desde pequenininho ela sempre me acompanhou em várias atividades, porque por exemplo... quando eu era pequeno eu estava em uma sala de recursos e... enfim, a gente tinha uma festinha alguma coisa ela sempre ia comigo. Meu pai sempre trabalhou. Minha mãe também trabalhava, ela era diarista na época, só que ela conseguia remanejar, ela era mais flexível ao horário dela, então... A minha relação com ela é muito mais, é...profundo vamos dizer assim do que com meu pai. (Gustavo)

[...] Com a mãe, eu sempre fui mais apegado com a mãe, assim... (Mateus)

As atividades diárias e cotidianas se concretizam em grupos, sendo a família um deles (HELLER, 1989). Assim como destacado anteriormente, a Lei Brasileira de Inclusão prevê que, além do Estado, é também dever da família a garantia do exercício de direitos das pessoas com deficiência, inclusive no que diz respeito à participação, independência e autonomia, por exemplo para estudar, trabalhar, participar de diferentes atividades, ter vida sexual ativa e relacionar-se afetivamente, por exemplo (BRASIL, 2015).

Quanto ao estímulo à independência e autonomia, todos relataram receber incentivo de familiares para a realização de atividades dentro e fora do ambiente doméstico. Apesar disso, Ricardo relatou que no começo não existiu incentivo, assim como Gustavo, que relatou receber incentivo específico de seu pai em relação à realização dessas atividades:

[...] “Atualmente sim, meu pai na verdade, é.. por preocupação, ele fica “toma cuidado”, “leva bengala”, porque eu utilizava a bengala branca pra atravessar a rua né, como meio de segurança. E... Mas assim, no começo foi muito difícil assim quando eu comecei a... Na adolescência, pré-adolescência né, que eu queria sair de casa e tudo mais foi bem difícil. E a minha mãe assim, foi, teve um papel muito importante nesse desenvolvimento, porque que ela falou ‘vai’

[...] No meu caso meu pai, obviamente, meu pai e alguns familiares ficaram extremamente receosos no começo né, mas... acabaram aceitando o que minha mãe entendia que seja por ela né, como sempre né. E, então assim, hoje em dia, ele aceita assim, aceita não, ele entende, é, como fundamental né, mas ele ainda tem preocupações, né, obviamente. É que as pessoas, elas costumam a olhar muito o que as pessoas com deficiência não conseguem fazer né. (Gustavo)

4.2.4. Círculo de Amizades

De todos os entrevistados, Jean é o que parece menos interagir com os amigos fora do ambiente familiar, citando frequentemente visita de primos ao ser questionado sobre as amizades:

Tem meus primos, tem um que mora aqui do lado... meus primos, meus tios...Vem aqui de vez em quando... (Jean)

Quanto ao círculo de amizade dos demais, estes relataram sempre colegas e amigos com estilos de vida semelhantes. Gustavo tem amigos com e sem deficiência, que em sua maioria estão em relacionamentos estáveis, e que não fazem uso de bebida alcoólica, preferindo encontros mais tranquilos, como reuniões na casa de algum deles.

Já Mateus relata amizades voltadas ao seu universo de trabalho, citando um deles, que também é deficiente. Porém, afirmou ter mais colegas e amigos sem deficiência.

E Ricardo, que tem amigos principalmente das equipes de atletismo e handebol adaptado, os encontra todos os dias, sendo a grande maioria com deficiência.

4.2.5. Redes Sociais *On line*

Quanto ao uso de tecnologias e redes sociais, apenas Jean não as utiliza por não gostar. Apesar disso, o videogame, mesmo não sendo considerado uma rede social, parece ter importância para Jean, que relatou seu uso frequente, durante a entrevista.

Os demais, utilizam diariamente redes sociais como WhatsApp® e Facebook®. Mateus também utiliza outras redes como Instagram® e Twitter®, e Gustavo utiliza o Youtube®, que diferente das citadas anteriormente, é mais voltada ao compartilhamento e acesso de vídeos.

Os entrevistados que utilizam redes sociais relataram ter feito amizades por meio delas, sendo que Gustavo alegou ter mais contatos de jogos online. Já Mateus afirmou ter criado vínculo de amizade por meio das redes sociais atuais e de outras também extintas, como MSN® e Orkut®, indo inclusive conhecer uma dessas pessoas, com o apoio da família:

[...] Eu conheci uma menina lá de Santa Catarina, ela morava há setenta quilômetros da casa da minha avó... E acho que dois mil e ... Se não me engano dois mil e doze, dois mil e onze... Ah... Dois mil e dez... Eu peguei e fui de viagem pra lá... Daí falei pro pai e pra mãe [...] Mais a mãe, que pegou amizade com ela, conversava [...] Aí eu falei ‘mãe, eu vou pra lá... Se vocês me levarem até na rodoviária, pra eu pegar um ônibus’... ‘Não... Tá com carro, por que não vamos de carro? Vamo todo mundo’.. Fechou... Dai que a gente foi se conhecer lá... Foi, conheceu ela, conheceu a mãe dela, o filho dela, tudo... Foi um negócio assim que eu acho... Por um lado é tranquilo...mas por outro A gente tem que tomar cuidado que vai, hoje em dia a gente não sabe o que as pessoas são capazes.... Por outro a gente tem que ver que não são todos que tão ali pra maldade né... (Mateus)

4.2.6. Relacionamentos Amorosos

Apesar de todos os participantes viverem com suas famílias e apresentarem menor número de parceiros, se comparados às pessoas sem deficiência (LORENZO; CRAMM, 2012; VERHOOF et al., 2012; SATTOE et al., 2014), três dos quatro entrevistados em questão teve experiências de relacionamentos afetivos.

Três dos quatro entrevistados estão solteiros, e Ricardo, que se considera em um relacionamento ainda sem definição, relatou estar ‘enrolado’. Jean é o único que nunca namorou.

Gustavo expôs que a maioria das suas namoradas não tinha deficiência, e apesar disso também alegou que namorar alguém com deficiência foi menos conturbado:

[...]As namoradas que eu tive, uma só foi... Ela tinha deficiência visual também... E é muito diferente, isso, é muito.... As que não tinham nenhum tipo de deficiência... É... tinham, tinham alguns fatores que, que não tinham como explicar, não tinha como compreender, e isso, isso, é... Eu não tô falando que não é possível, isso é... Culturalmente do ser humano, entende?... Então por exemplo.. Ah, eu tô a fim de sair... Beleza, vamos sair, onde você quer sair?... Ah, quero ir, pô, tem um show de não sei de quem... Cara, show é uma *****... Por que você tromba pra *****, desculpa... Você tromba, você, pô, eu não bebo.. Então, nego, sabe? Enfim... E, e... A... A pessoa com deficiência, é claro, tem suas exceções, tem gente que gosta, enfim... É... Mas, mas, acaba sendo um pouco mais, mais facilitador, esse tipo de discussão, assim, né. (Gustavo)

Mateus namorou durante três anos. Sua ex-namorada não tinha deficiência e, até hoje, os dois mantém contato. Mateus, diferentemente dos demais entrevistados, teve um relacionamento de maior responsabilidade com sua ex-namorada, uma vez que a mesma tem um filho:

[...] Ahh... A gente ainda tem ligação pelo seguinte... Até já fiquei mais de seis meses sem conversar com ela, tudo... Mas, como falei... Dela não vou conseguir, ah... Como que fala... Me separar muito dela... Assim... Por causa que ela tem um menino, do primeiro casamento dela... Ahm.. E aquele menino, eu conheci com um ano... Aí você já sabe, criança... Hoje ele tá com cinco aninhos... E onde que ele me vê é papai, papai, papai, então....[...] Meu sonho... Mas eu considero, M. (Nome da criança) sendo meu filho... Que eu.. Que até no dia do meu aniversário, ele me viu, ele veio correndo, me deu um abraço... ‘Parabéns pai’ [...] Que eu perdi o pai em dezembro... Eu tava tão pra baixo que não tinha saído de casa... Aí minha mãe falou ‘vamos lá na lanchonete, no seu irmão também, não sei o que’... ‘Não quero’... Daí eu fui pra lá, nisso ele chegou, a minha irmã tinha ido buscar ele... Aí ele veio, e brincava, e conversava, e não sei o que ‘ai papai’... ‘Você é o melhor pai do mundo, você é meu paizinho’... Aquilo lá foi... Como que fala? Eu ganhei meu dia vendo ele. (Mateus)

4.2.7. Lazer

Jean é o único participante a não sair de casa com frequência. Vai a lugares extremamente necessários, como médico, dentista e, raramente, sai para se divertir. Apesar de dizer que prefere ficar em casa, o mesmo também considera difícil deslocar-se:

[...] Ah, eu gosto mais de ficar em casa... Aqui tem acesso pra eu ir na cozinha, no banheiro, essas coisas... E outros lugares não... É muito difícil. (Jean)

Gustavo, apesar de sair frequentemente ao trabalho e, anteriormente para estudar e treinar, se considera também uma pessoa caseira, preferindo programas como reuniões em casa de amigos. Além disso, também relata a dificuldade de frequentar certos locais:

[...] Na verdade a questão é mais por dificuldade mesmo, de ir, assim, de locomoção mesmo, é... Do que, do que pela questão social... Do processo... Por que na verdade, é aquela coisa, beleza, você vai no cinema... Aí vamo supor que eu vou sozinho... tem que comprar a porcaria do ingresso... Onde que é a porcaria da fila do ingresso?... Aí beleza, Ah, é na sala três... Onde que é a sala três?... Aí você entra na sala... Aquela puta sala escura... Você fala ‘bom, tenho que ficar esperto pra não sentar em uma pessoa’... É a primeira preocupação, assim, não é nem achar um lugar legal pra assistir... É pra não sentar na galera, você vê (não entendível) meio que tá cheia a sala, sabe... Enfim, e inclusive é engraçado, né [...] Cinema você senta na metade ali da sala, e já era, dá pra assistir tranquilo... Mas tem que ser dublado, tem que ser... Aquela questão, né... [...] Por exemplo, ah, sei lá, to com vontade de comer, pra sair um pouco do cinema... Tô com vontade de comer, sei lá, cachorro quente... Beleza, onde que eu vou comer cachorro quente? Pessoal que dirige, pessoal que anda tranquilo na rua, Ah, lá não sei aonde, tem em tal lugar... Vai lá, chama uma galera e vai... [...] Cinema e teatro, principalmente cinema é mais tranquilo [...] Por que na verdade, assim, né... Pra pessoa com deficiência, principalmente pra quem não dirige, é muito complicado essa questão de sair, de conhecer novas pessoas, e tudo mais... Então por exemplo, quando eu vou num bar, por exemplo, talvez

eu ache uma pessoa, uma menina que me interesse... É muito difícil eu, eu, me arriscar a chegar nela, sendo que eu não vejo se ela tá com aliança ou não [...] E, assim, então sei lá, vou pra balada, por exemplo.. É.. A gente sabe que os fatores importantes, pra um bom xaveco, né, é a questão do olhar e tudo mais... Então assim, é... Pô... É muito, é muito difícil isso... Será que a pessoa tá olhando pra mim, ou tá olhando pra pessoa que tá olhando pra pessoa que tá atrás de mim... Ou não tá nem olhando pra mim, tá só com o rosto virado?... Então assim... Eu, eu, obviamente eu só tento, aquela questão, né... Você fica reduzido a alguns momentos em que você sabe que, que, é... Você tem certeza que, você tem cem por cento de certeza que pelo menos a pessoa não é comprometida, entendeu?! Então, é, sinceramente eu não vejo muito... Muito.. É... muito, muitas vantagens em sair, assim, por que você corre o risco de apanhar, por que né... E às vezes coisas de bobeira, assim, sem saber.. Tive amigos que tavam em bar, não sei o que, e o cara já chegou socando, enfim, já comentei com você isso antes, né... E... Então assim... Eu prefiro, além da minha personalidade, normalmente prefiro mesmo ficar mais em casa...Eu sou mais, mais interior, né... Mas também tem esse fator né, então são vários fatores que interferem... Tem essa questão do lado social mesmo de, de ter dificuldade de relacionamento. (Gustavo)

Mateus sai constantemente, seja em bares, shows ou reuniões em casa de amigos, sendo que antigamente os encontros eram mais frequentes. Além disso, gosta de futebol, de ir ao estádio da cidade assistir aos jogos. Por outro lado, diz não ter paciência para ir ao cinema.

O acesso e engajamento em diferentes atividades de lazer entre as pessoas com deficiência são marcados por maiores dificuldades identificadas também na literatura (LORENZO; CRAMM, 2012; VERHOOF et al., 2012; SATTOE et al., 2014) e na fala dos entrevistados em questão. E ao ser em questionados sobre demais atividades, a acessibilidade é um fator desestimulante em sua realização, conforme indica um dos participantes:

[...] Ao parque, às vezes eu vou ao zoológico... Mas, lá também é... Eu acho que como um todo, deveria ter um projeto de acessibilidade, alguma coisa... Porque se entrar ali pela parte ali do lago, ali na... Tem uma rampa lá que fizeram, que não sei se é pra ver se é um apoio à natação, pra soltar a cadeira e já cair dentro da água, ou coisa assim (risos) Ou se você for pelo outro lado você fica... Você não consegue ter acesso a uma parte, então... Acho que... A partir do momento que começam algumas limitações... Você já começa a ficar meio... Você não quer participar. (Mateus)

Ricardo também saía com frequência, principalmente quando não conhecia a cidade. Em decorrência do esporte, o mesmo diminuiu a frequência de suas saídas, uma vez que as atividades esportivas demandam disciplina e constante treinamento.

Quanto às atividades esportivas, Jean e Mateus não as realizam. Gustavo foi atleta e atualmente, em decorrência do seu trabalho e rotina, pratica pouca atividade física. Já Ricardo ainda é atleta de handebol em cadeira de rodas e de atletismo para pessoas com deficiência e,

além de competir, realiza apresentações e demonstrações em escolas e demais eventos. As atividades culturais e esportivas na cidade são em sua maioria exclusivas para pessoas com deficiências, assim como aponta o estudo de Andrade (2015).

4.2.8. Participação Política

Apenas um dos entrevistados não tem título de eleitor, já os demais o utilizam. É previsto pelo Tribunal Superior Eleitoral a possibilidade de o voto ser facultativo para pessoas com deficiência, nos casos em que sua deficiência dificulte ou impossibilite o voto (BRASIL, 2004). Apesar disso, na Lei Brasileira de Inclusão, é previsto o voto da pessoa com deficiência e ações que garantam seu acesso, como seções eleitorais adaptadas e até auxílio de terceiros, se necessário, assegurando seu direito de cidadania e participação política (BRASIL, 2015).

Mateus, Ricardo e Gustavo também são ou estiveram envolvidos na luta por direitos das pessoas com deficiência, seja na área do esporte (Ricardo), para a otimização das oportunidades e acessibilidade; na assistência social, para fiscalização de organizações e serviços (Mateus); ou no Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência (CONDEF), para questões voltadas às pessoas com deficiência de forma geral (Mateus e Gustavo). Por meio dessa participação, ganhos foram relatados por um dos entrevistados:

Isso... A gente conseguiu bastante coisa... Esse *Bus alert* aí, esse aplicativo pra identificação de ônibus aí, é ... A gente conseguiu, nessa briga aí, né... Ahm... Foi algo muito importante pras pessoas com deficiência... Principalmente as que não enxergam, né?... Hoje em dia... hoje em dia não uso tanto, por que eu não pego tanto ônibus... [...] Mas, quando eu morava em outros lugares, no outro lugar que tinha bem mais ônibus era ... Era realmente era uma mão na roda, assim... Principalmente pra pegar e pra voltar... Porque se não, tinha que ficar parando, e perguntando pra galera qual ônibus que era, enfim... [...] Mas é isso, assim... Foi essa... Foi talvez uma das grandes vitórias que nós tivemos nesse processo todo, assim... Inclusive, na verdade o conselho continua, né... Mas eu sinceramente não sei como que tá atualmente. (Gustavo)

Assim como situações desconfortáveis, desencorajando a continuação no grupo:

O de ***** (nome do conselho) a gente tinha que fazer visitas nas entidades, é... Visitas estilo fiscal.. Então lá, era uma coisa assim que eu não gostava... Porque eu sei que... É muita... É muita coisa que o conselho exige... Nem é o conselho, é a prefeitura exige, essas coisas lá ó... ‘Tem que seguir tal, tal, e tal’ .. E você vê hoje que as entidades só quem tem muito .. Alguém muito forte por trás mantendo.. Que você consegue ter todos os cem por cento... E aí você fica com aquele... Como é que posso te falar?! Aquele receio de, eu posso colocar uma palavrinha aqui, eu posso detonar a entidade e acabar com ela.. Aí então eu já me sentia ‘eu não vou conseguir fazer isso’... Então até foi

um dos... Uma das coisas que eu tive que... Preferi me afastar dessas visitas, dessas coisas, por que... Assim... A gente sabe o quanto é difícil. (Mateus)

Apesar de depoimentos pontuais, percebe-se pela fala dos entrevistados que o Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência exerce um papel importante para a população alvo no município. Sua contribuição e atuação se caracteriza por fiscalizar ações previstas, incentivar e estabelecer parcerias com organizações não governamentais, e principalmente atuar como um veículo de comunicação e de debate junto à população em geral, de maneira que seja possível estimular a conscientização acerca das barreiras vivenciadas pela população com deficiência e tentar propiciar o debate e cobranças junto ao poder público.

4.2.9 Acesso e Acessibilidade

A principal temática levantada nessa categoria foi a precariedade de acessibilidade no espaço público. Todos os entrevistados relataram obstáculos para o lazer, trabalho, acesso a serviços ou até mesmo locomoção pelo próprio bairro ou pela cidade:

Por exemplo lá no mercadão, tem aquele piso tátil... Eu acho que isso é uma grande enganação né... As pessoas colocam piso tátil ali, colocou o piso tátil ali pra matar a pessoa com deficiência, Porque eles colocam bem em cima, bem na beiradinha da escada, assim... Se o cara dá uma escorregada, passa um ônibus, já era a pessoa com deficiência... Acho que é pra acabar com a estatística da cidade, não sei, enfim... Porque não faz sentido, não faz sentido colocar bem na beiradinha da calçada. (Gustavo)

Que no meu caso mesmo... Eu pego.. de sair... Vamo dar uma volta?... Eu não ando na calçada... Eu ando na rua... Aí a pessoa deixa a calçada... Eu brigo pra pessoa que tá comigo ficar na calçada e eu fico na rua.. Que eu não consigo.. É uma ou outra calçada que eu vou.. Mas eu prefiro andar pela rua mesmo. (Mateus)

Ó, de modo geral, quando eu tô com a perna é muito mais difícil, as subidas, por que tem calçada alta, calçada baixa, aí você tem que andar pelo meio da rua do que por cima da calçada. (Ricardo)

Aqui não... Aqui é difícil... [...] Aqui... pra andar aqui precisa ter um pouco paciência com o carro... Aqui é muito movimento de vez em quando [...] É meio difícil, é que eu vou de cadeira motorizada... Então é meio difícil... Carro passando para tudo quanto é lado. (Jean)

Já o transporte coletivo, outro tema citado, também é considerado precário, uma vez que não atende à demanda de pessoas com deficiência e até mesmo falha em oferecer o serviço em todos os bairros, além de contar com profissionais pouco preparados para lidar com questões referentes à deficiência:

Mas se for o caso do de linha, esse aí já é mais... É muito complicado pelo seguinte... É... Os motoristas... Um ou outro são... Às vezes não são preparados... É poucos que são... Você vai conversar com a empresa e eles falam que todos passam por treinamento... Você conversa no ônibus, tal... conversa com o motorista... Ele não teve preparo nenhum... Até chegou a acontecer casos do ônibus parar pra descer a rampa e o motorista não sabia como é que descia... Daí eu explicava 'ó, só puxa o maneco', Infelizmente não é só em São Carlos, mas... (Mateus)

É também prevista na Lei Brasileira de Inclusão a acessibilidade ao transporte coletivo, entendendo como tal os terminais ou estações, pontos, sistema viário, segurança no embarque e desembarque e a prestação do serviço, ou seja, motoristas, cobradores e demais funcionários envolvidos (BRASIL, 2015), sendo pouco garantida ou inexistente nos casos de alguns entrevistados.

Esses fatores limitantes influenciam na procura por trabalho, nas opções de lazer, na independência, e até mesmo na 'personalidade' da pessoa com deficiência, uma vez que em decorrência das dificuldades e da dependência de locomoção, preferem não sair:

[...] Aquela questão, né... Volta, com quem que vai? Como que vai? Vai pegar qual ônibus? ... São fatores que acabam, acabam... [...]Mas isso é um pouquinho mais complicado por que... alguns fatores interferem... Locomoção... Cara, tô saindo na rua aí, dois palitos pra tropeçar, à noite ainda entendeu? (Gustavo)? (Gustavo)

Ah, eu não gosto muito de sair não.. Eu não sou a fim de sair não. Eles falam pra eu sair, mas eu não sou muito a fim de sair não... Até pra ir no shopping é difícil...Eu prefiro ficar em casa. (Jean)

Sabe-se que a Lei Brasileira de Inclusão prevê a acessibilidade de locais públicos e privados de uso coletivo. Esta também valida a Lei nº 10.257/01, promovendo programas de construção e melhoria de moradias, saneamento básico, calçada, passeios públicos, mobiliário urbano e demais espaços de uso coletivo. Além disso, define que as cidades com plano diretor (cidades com mais de 20 mil habitantes) devam elaborar planos de rota acessíveis em todas as vias existentes, inclusive em locais de maior circulação de pedestres e locais com serviços públicos e privados de saúde, educação, assistência social, esporte, cultura, entre outros, e integrada aos sistemas de transporte coletivo local (BRASIL, 2015).

Apesar de uma das secretarias municipais alegar adaptações de acordo com as normas técnicas, por reconhecimento visual, por fotografias (Figura 9), e fala dos entrevistados, infere-

se o não cumprimento da lei no âmbito da acessibilidade nas principais vias públicas do município.

4.2.10. Reconhecimento

Para Santos (2007), o sujeito de maneira geral se constitui e se percebe a partir de suas relações, sejam elas no âmbito familiar, cultural, social ou legal. Deduz-se que, com maiores frustrações e falhas nessas relações, sua autopercepção possa ser a mais negativa possível.

Pelas falas e formas de encarar determinadas situações, percebe-se possível pessimismo em relação à própria deficiência, como por exemplo Jean, que se caracterizou como “encostado” ao ser questionado sobre atividades de trabalho, ou mesmo revelou certo receio:

No começo, eu mesmo tinha, pra mim tinha, por que era preconceito você ir conhecer os amigos, pensando que eles iam ter preconceito com você... Mas não, era eu mesmo que tinha. (Ricardo)

A empatia e compreensão sobre a deficiência são fatores que fazem a pessoa realizar escolhas, inclusive voltadas ao seu círculo social e relacionamentos interpessoais:

[...] Tanto é que você vê muitas pessoas com deficiência se relacionando com pessoas com deficiência... Porque elas acabam entendendo esse lado, né... (Gustavo)

Além disso, a identidade da pessoa com deficiência é construída por meio de um equilíbrio entre a limitação e a luta por direitos, ou seja, ao mesmo tempo que é a pessoa vista por seus impedimentos, é também percebida como alguém que irá se mobilizar e conseguir conquistar seu espaço (SANTOS, 2007). Essa perspectiva é fortemente identificada em falas de Gustavo e Mateus. No relato a seguir, percebe-se a busca por maior aceitação social da deficiência, problematizando-a por meio de brincadeiras:

Eu lembro que quando eu comecei no grupo, eu vi que eles ficavam meio que com medo... Não sei o que.... Aí fui e pensei ‘Eu vou ter que tentar fazer alguma coisa pra eles se sentirem mais a vontade’ ...Aí, vamos supor... Você tá a toa... [...] Vamo supor... O apresentador lá ‘Hoje o fulano vai dar uma palestra, não sei o que, e todo mundo de pé’... Aí eu sempre falava assim... ‘menos eu e aí’... Na hora que ‘todo mundo de pé, não sei o que’, aí eu pensei ‘Vou começar a quebrar o clima deles nessas coisas, pra eles verem que eu não esquento’... Aí ‘Não vou ficar de pé não, por que eu tô cansado, vou ficar sentado’... Aí já... Eu sempre ia brincando... ‘ó, vamo fazer isso, não sei o que lá’... As coisas se entenderam...Aí eles foram se soltando... Foram se... Como

é que fala? Ah... Foram ficando mais tranquilo... Viram que não era aquele bicho de sete cabeças. (Mateus)

A falta de conhecimento sobre a deficiência é um dos principais fatores para conceitos negativos. Seja no emprego, na educação, ou até mesmo nas horas de lazer, o deficiente é avaliado ou mal interpretado a todo momento, o que influencia a forma de olhar para si próprio e o desencoraja a realizar atividades:

Cheguei na escola... Daí passou um cara do meu lado... ‘Você é vagabundo, você parou de andar porque você quis’... Aí fiquei meio assim... Daí o cara saiu... [...] ‘Você sabe que ele é vagabundo, que ele parou de andar por que queria, não sei o que lá... ‘ ‘Então vamo conversar, vamo... Eu só tenho três coisas pra te falar.. Primeira, você acha que eu não taria feliz agora se eu não pudesse andar mesmo que pouco... você acha que eu quis parar [...]Você acha que eu ia fazer tantos anos pra... Viajei até São Paulo... E duas ou três vezes por semana eu ia fazer fisioterapia... Você acha que eu quis isso pra mim?... Acho que seria bom você se informar direito e outra... Quando você quiser eu trago o raio X da minha coluna, o jeito que ela ficou... Você acha que eu queria passar por nove horas de cirurgia?... Eu acho que ... Se eu fosse vagabundo... Eu não teria... Passado por todos esses tratamentos... ‘Cabou... (Mateus)

Eu já cheguei a ter amigos que apanharam, por que tava olhando pra frente, são cegos total, né... E aí apanharam por que tavam olhando pra frente... O cara achou que tava olhando pra mina dele... E aí, enfim... (Gustavo)

Como um professor de matemática, um dia ele me chamou de burro... pra dizer a verdade... ele me chamou de burro e de lazarento. [...] Só por que eu dei convulsão no dia... [...] Aí pedi pra minha mãe me tirar da escola [...] Amigas minhas quando escutaram isso do professor, começaram a chorar... (Jean)

Jean abandonou a escola e tem receio quanto a tentar trabalhar; Mateus cogitou abandonar o curso e desistiu de empregos e Gustavo possivelmente evita frequentar determinados locais por segurança e já vivenciou situações preconceituosas em seus estágios. Estas são situações em que retratam que a deficiência é socialmente considerada como um impedimento, incapacidade, o que atrapalha o exercício pleno da cidadania da pessoa com deficiência (SANTOS, 2007).

4.3. Mapas

Para melhor visualização das oportunidades e entendimento dos relatos e de possíveis percursos de participação social de jovens com e sem deficiência da cidade, foram realizados dois mapas com informações cruzadas sobre possíveis espaços de participação social no município. Para marcação dos espaços e levantamento dos locais, foi utilizada a ferramenta

Google Maps®, além do próprio mecanismo de busca Google® para confirmações de endereço e procura de determinados locais (clubes, cursos profissionalizantes da cidade, casas noturnas, fábricas, entre outros).

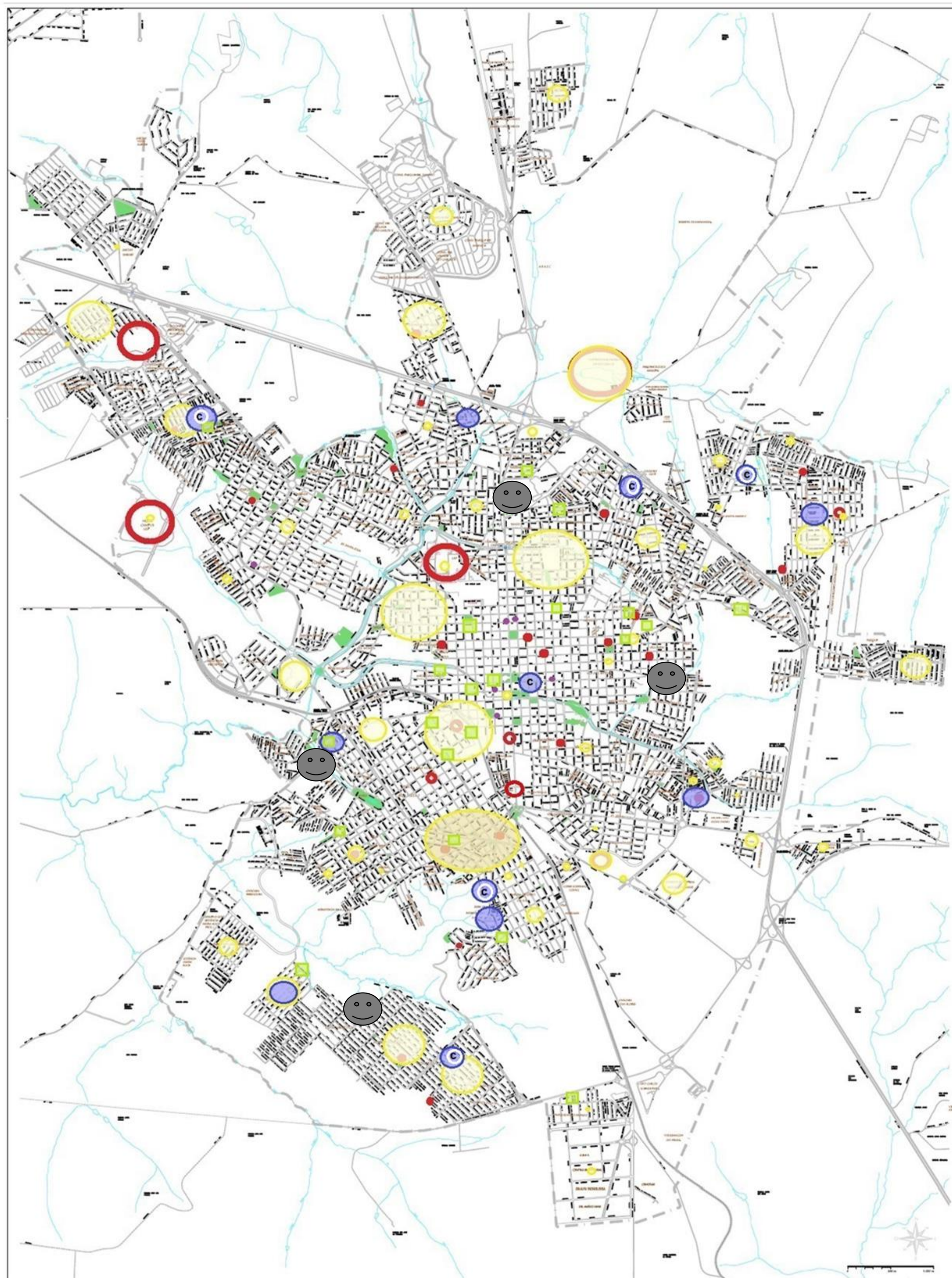
Em ambos os mapas foi sinalizada a oferta de transporte público e coletivo da cidade por meio de círculos amarelos, em que quanto maior a frequência de linhas com destino ou passagem em determinada região, maior seu círculo. Segundo o sítio eletrônico da empresa responsável pelo transporte público⁹, existem 196 linhas especiais, dispostas de segunda a sexta, e 62 linhas normais, sendo duas noturnas (ATHENAS PAULISTA, 2016). Apenas 20% da frota é adaptada às pessoas com deficiência (G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA, 2015). Percebe-se, pela disposição dos círculos, que a maior oferta se concentra em diferentes direções da cidade, chamadas estação Fepasa e estação norte, ou seja, pontos em que ocorre baldeação entre ônibus. Além disso, existe também maior concentração de linhas transcorrendo pelo centro da cidade e em bairros periféricos, e pouca concentração em bairros próximos à região central.

Nos dois mapas também foram sinalizados, em quadrados verdes, as organizações e serviços sem fins lucrativos para o jovem em geral e para pessoas com deficiência, incluindo o jovem em ambas as modalidades (ONGS BRASIL, 2016; SILVA, 2016) também foram apontados, por meio de círculos azuis, os Centros Comunitários e de Centros de Referência em Assistência Social da Cidade - CRAS (estes, sinalizados com a letra c, uma vez que os CRAS são acompanhados dos Centros Comunitários), sendo possível correlacionar sua oferta e disposição no mapa (exceto sua sede, no centro da cidade), com possíveis regiões de vulnerabilidade da cidade (SÃO CARLOS, 2016b). O Centro de Referência Especializado em Assistência Social - CREAS, localiza-se na região central. E, finalmente, com o intuito de entender os percursos, os quatro entrevistados foram representados no mapa pelo rosto cinza.

De forma distinta, na figura 1, pode-se observar também a oferta de espaços de educação da cidade, sendo os pequenos pontos vermelhos as escolas públicas de ensino fundamental II (composta pelos anos finais - 6º a 9º ano), médio, já contabilizadas e citadas anteriormente, com exceção das localizadas em distritos do município (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO..., 2015), e técnico, além de faculdades e universidades da cidade em círculos maiores. Já os cursos profissionalizantes e privados estão dispostos nos pontos roxos, notando-se sua concentração próxima ao centro da cidade. Há também a oferta de ônibus voltada às universidades, com pontos próximos ou diretamente aos locais.

⁹ Na época da realização da pesquisa de campo, a empresa responsável pelo transporte coletivo no município era a Athenas Paulista, substituída pela empresa Suzantur. Mais informações em: <<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/07/empresa-suzantur-maua-vai-assumir-o-transporte-coletivo-de-sao-carlos.html>>

Figura 1 - Mapa da Cidade de São Carlos – Oportunidades de educação



LEGENDA

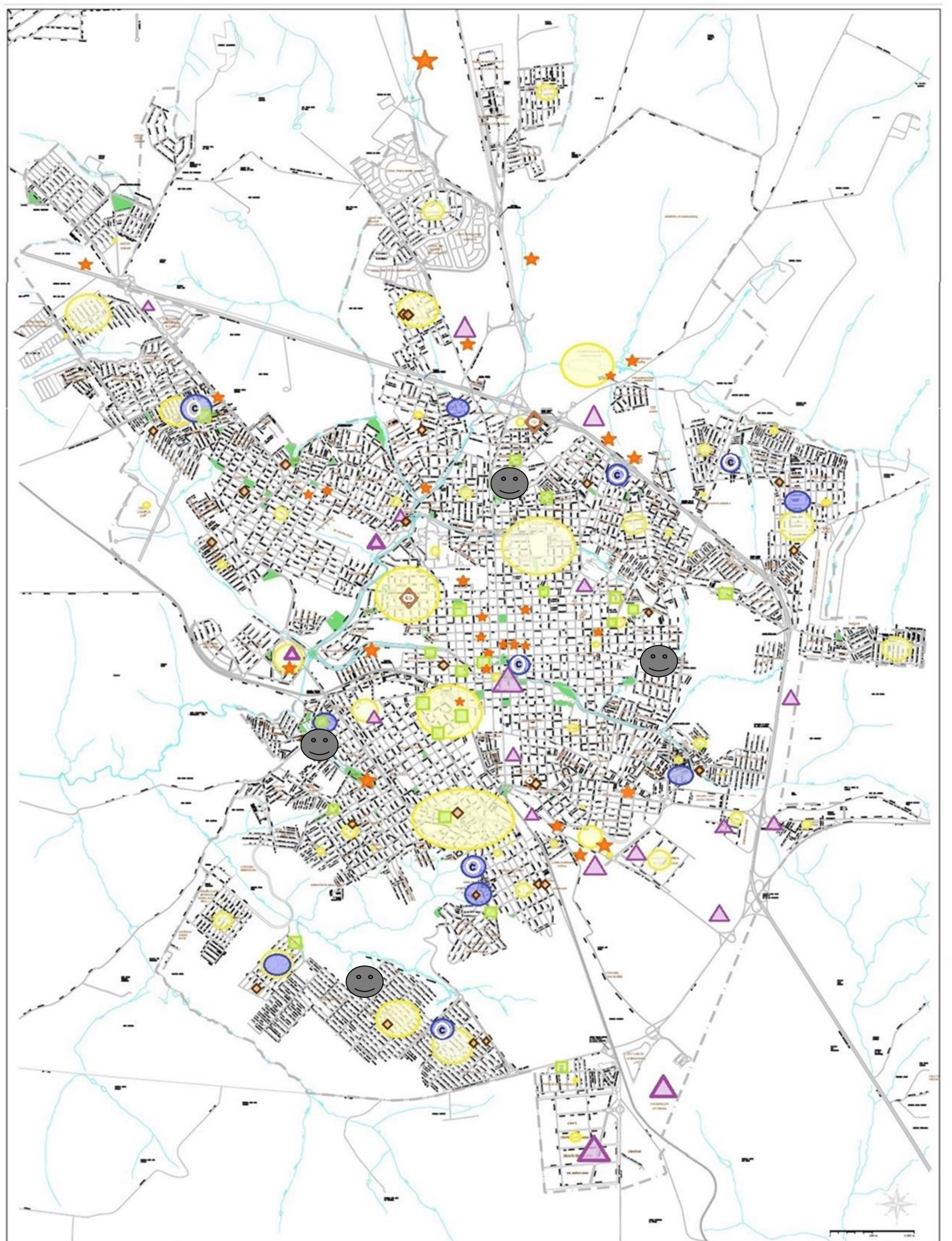
- Estudos/ Educação Básica pública e Superior pública e privada
- Cursos profissionalizantes privados
- Praças
- Edificações / Linha da área urbana
- Córrego

- Oferta de ônibus - quanto maior o círculo, maior a oferta de linhas para a região
- C CRAS + Centro comunitário
- Centros Comunitários
- ONGs e projetos para jovens ou pessoas com deficiência

FONTE

Prefeitura Municipal de São Carlos
Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social
Athenas Paulista
Google Maps

Figura 2 - Mapa da Cidade de São Carlos – Oportunidades de Saúde, Trabalho e Lazer



LEGENDA

- △ Espaços de trabalho
- ★ Espaços de Lazer
- ◇ UBS, USF e UPA
- ◇ Hospitais e Centro de Especialidade
- Praças
- Córrego
- Edificações / Linha da área urbana

- Oferta de ônibus - quanto maior o círculo, maior a oferta de linhas para a região
- ⊙ CRAS + Centro comunitário
- ⊙ Centros Comunitários
- ONGs e projetos para jovens ou pessoas com deficiência

FONTE

Prefeitura Municipal de São Carlos
Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social
Athenas Paulista
Google Maps

A figura 2 é referente aos espaços de trabalho, lazer e saúde. Os espaços de trabalho sinalizados são fábricas e indústrias, grandes mercados- atacados, o centro comercial da cidade, além de espaços com grande concentração de lojas (shopping, galerias). Visualizando no mapa, a região com maior concentração industrial se localiza ao leste da cidade, ainda que existam espaços de trabalho mais periféricos. Apesar disso, a oferta de ônibus para a região industrial é escassa.

Quanto aos serviços de lazer apontados (clubes, casas noturnas, teatros, museus, cinemas, shopping, ginásio e espaços esportivos, bosques e parques), também são em sua maioria na região central, sendo um possível problema para pessoas de comunidades periféricas ou com dificuldade na mobilidade e acesso ao transporte coletivo público.

E finalmente quanto aos serviços de saúde, marcados por meio de losangos marrons claros e escuros, contam com Centro de Especialidade e hospitais, localizando-se em espaços distantes entre si. Já as Unidades Básicas de Saúde - UBS e Unidades de Saúde da Família - USF, destacadas apenas por losangos marrons escuros, são distribuídas por todo o território, apesar de algumas regiões continuarem distantes das mesmas.

4.4. Cotidiano

A realização do registro do cotidiano se deu após a entrevista. Baseada no método *Photovoice*, a pesquisadora e os entrevistados combinavam a semana em que realizariam as fotografias e um novo encontro para a discussão das imagens resultantes. A pesquisadora orientou os entrevistados a realizarem registro de situações ou atividades significativas em seu dia-a-dia, independentemente de estarem ou retratados na fotografia ou da quantidade de imagens. A pesquisadora assegurou por meio do Termo de Consentimento que, caso não desejassem, as imagens de seus rostos seriam desfocadas, porém todos os entrevistados aceitaram que seus rostos fossem divulgados. As pessoas não participantes da pesquisa tiveram suas imagens ocultadas para preservação do anonimato.

Em decorrência do pequeno número de participantes e discussão reduzida acerca dos registros, a pesquisadora propôs ao grupo novas fotografias, referentes aos obstáculos encontrados no cotidiano, uma vez que, nos registros anteriores, as imagens versaram apenas em situações sem dificuldades.

Em relação à análise das imagens, Smit (1996) apresenta exemplos a partir de estudos do autor Erwin Panofsky, visualizadas no quadro 8:

Quadro 8 - Níveis de análise da imagem - Baseado em Panofsky

Níveis	Exemplo
Pré-iconográfico	Um homem com um chapéu levantado acima de sua cabeça
Iconográfico	Um homem erguendo seu chapéu;
Iconológico	Um homem erguendo seu chapéu, sendo gentil

Fonte: (SMIT, 1996).

As imagens deste estudo podem ser consideradas em seu nível iconográfico, pois apesar do estudo discutir assuntos secundários às fotografias em questão, a análise das fotografias se deu de maneira objetiva e direta, tendo em vista principalmente a perspectiva dos participantes, uma vez que o método *Photovoice* prevê tanto a captura como a análise da imagem a partir do ponto de vista e discurso do participante.

Por meio das fotografias, alguns eixos de participação social foram identificados. Mateus e Gustavo priorizaram o trabalho em sua rotina. Ricardo priorizou o esporte, que apesar de ser de alto rendimento, pode ser considerado uma atividade de lazer, apesar de que o entrevistado exerce função remunerada. Jean retratou a dinâmica familiar. A maioria das suas atividades ocorrem em casa. A seguir, os registros de cada participante serão apresentados por ordem cronológica.

Fotografias de Mateus

Figura 3 – A semana de Mateus: Dia 1 (jantar com familiares)



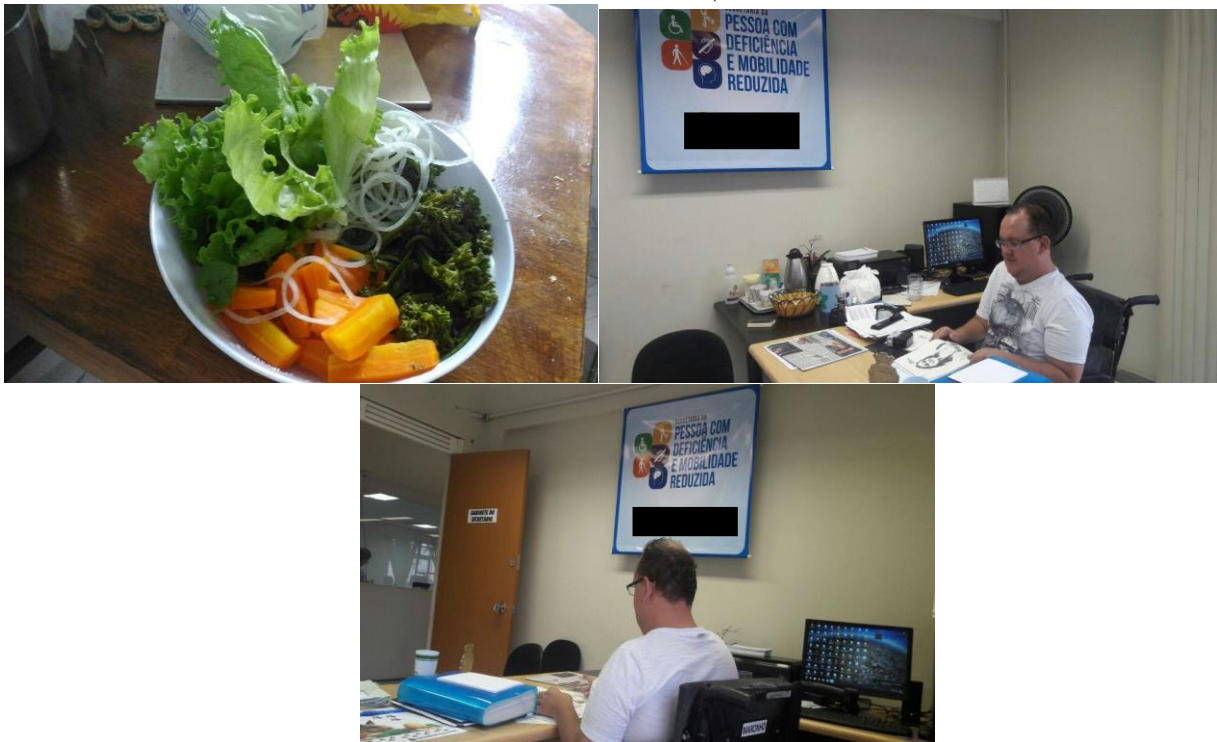
Fonte: Mateus.

Figura 4 - A semana de Mateus: Dia 2 (café da manhã e volta do trabalho)



Fonte: Mateus.

Figura 5 - A semana de Mateus: Dia 3 (almoço antes de trabalhar e realização das atividades de trabalho)



Fonte: Mateus.

Figura 6 – A semana de Mateus: Dia 4 (Evento de ONG voltada à pessoa com deficiência)



Fonte: Mateus.

Figura 7 – A semana de Mateus: Dia 5 (evento cultural voltado a pessoas com deficiência)



Fonte: Mateus.

Figura 8 – A semana de Mateus: Dia 8 (Realização de exames e entrevista na graduação)



Fonte: Mateus.

Figura 9 – Obstáculos no cotidiano de Mateus (acessibilidade de vias públicas e calçadas)



Fonte: Mateus.

Mateus realizou suas fotografias entre 28 de março até 04 de abril, totalizando oito dias. No entanto, nos dias 02 e 03 de abril, não realizou registros por motivos pessoais. Suas imagens versam principalmente sobre suas atividades de trabalho, mas também registros de momentos descontraídos e de lazer.

As fotos realizadas em 28 de março, primeiro dia, tratam de um jantar em família, com sua mãe e irmã. Mateus tem um relacionamento forte com sua mãe, já relatado durante a entrevista. Também afirmou gostar muito de comer, assunto tratado por ele com humor ao alegar que realiza ‘levantamento de garfo’.

Ambas as fotos do segundo dia (29 de março) retratam Mateus em transição ao local de trabalho. A primeira, em sua casa, tomando seu café para ir trabalhar, e a segunda voltando para casa com o transporte público. Assim como discutido anteriormente, o entrevistado conta com o ônibus porta a porta para sua ida ao trabalho, sendo considerada pelo mesmo uma atividade sem obstáculos ou limitações.

No terceiro dia (30 de março) as fotos também retratam atividades relacionadas ao trabalho. A primeira diz respeito ao seu almoço em casa, antes de ir para o trabalho. Já as demais, em seu espaço de trabalho e realizando suas funções. As imagens foram modificadas para dificultar a identificação do local em questão.

A fotografia realizada em 31 de março, quarto dia, também tem relação com o trabalho. O entrevistado, que em seu trabalho é envolvido com assuntos voltados às pessoas com deficiência, esteve presente no evento de uma organização não governamental. Sua participação no Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência e sua atuação profissional lhe permitem estar a par das atividades voltadas ao público na cidade, corroborando para a luta das pessoas com deficiência.

A foto do quinto dia (01 de abril) é também relacionada ao seu trabalho. Mateus auxiliou na divulgação do evento relacionado ao público com deficiência. Pode ser considerada uma atividade cultural, uma vez que abordava artisticamente a deficiência. O evento aconteceu no Teatro Municipal.

Percebe-se que o trabalho ocupa grande importância na atual rotina de Mateus, sendo um espaço de estabelecimento de relações interpessoais e conquistas de direitos. Apesar disso, em relatos já destacados anteriormente, o ato de trabalhar foi bastante conturbado em diversas situações, corroborando para a reflexão acerca das oportunidades e dificuldades de trabalho para as pessoas com deficiência.

Já nos dias 02 e 03 de abril, não constam fotos registradas. Porém, contabilizou um dia a mais em sua semana. As imagens realizadas em 04 de abril, oitavo dia, saem do contexto trabalho. Mateus, além de realizar exames de saúde, foi convidado a um bate papo em uma das universidades do município. O entrevistado já realiza essa visita há alguns anos. Vai até o curso de fisioterapia para que lhe entrevistem sobre aspectos da deficiência. O mesmo relatou que no início há um receio por parte dos estudantes, mas que responde às perguntas de forma humorada, além de considerar de grande importância esse contato, pois estimula os estudantes a tratarem a deficiência sem tabus, desde o início da graduação.

Assim como na situação anterior, o entrevistado também utiliza a estratégia de ‘quebrar o gelo’ sobre sua deficiência em diferentes ambientes, sendo uma forma interessante de enfrentamento.

Apesar das diversas imagens, um segundo pedido de registro foi solicitado ao participante, em consequência de não terem sido retratadas anteriormente situações de enfrentamentos ou obstáculos no cotidiano. Mateus realizou três novas fotos, enviadas no dia 8 de julho à pesquisadora.

As três fotografias caracterizam seus obstáculos e enfrentamentos no cotidiano. Apesar de relatar não sentir dificuldades no caminho de casa até o trabalho, os obstáculos aparecem na pavimentação próxima ao seu local de trabalho, que recentemente mudou. Percebe-se que as queixas são voltadas à acessibilidade do município, já que nas imagens constam calçadas com desníveis e sem guias rebaixadas.

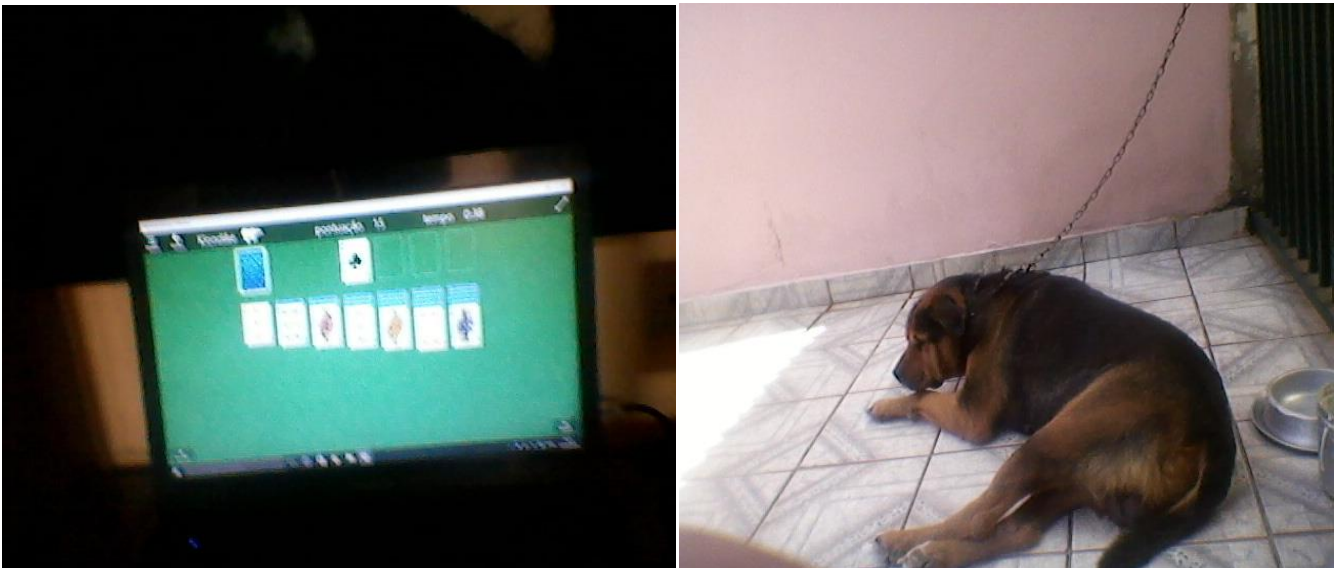
Fotografias de Jean

Figura 10 – A semana de Jean: Dia 1 (Cuidado com os peixes)



Fonte: Jean.

Figura 11 – A semana de Jean: Dia 3 (Jogos e brincadeiras com o cachorro)



Fonte: Jean.

Figura 12 – A semana de Jean: Dia 4 (Arrumando a gaveta)



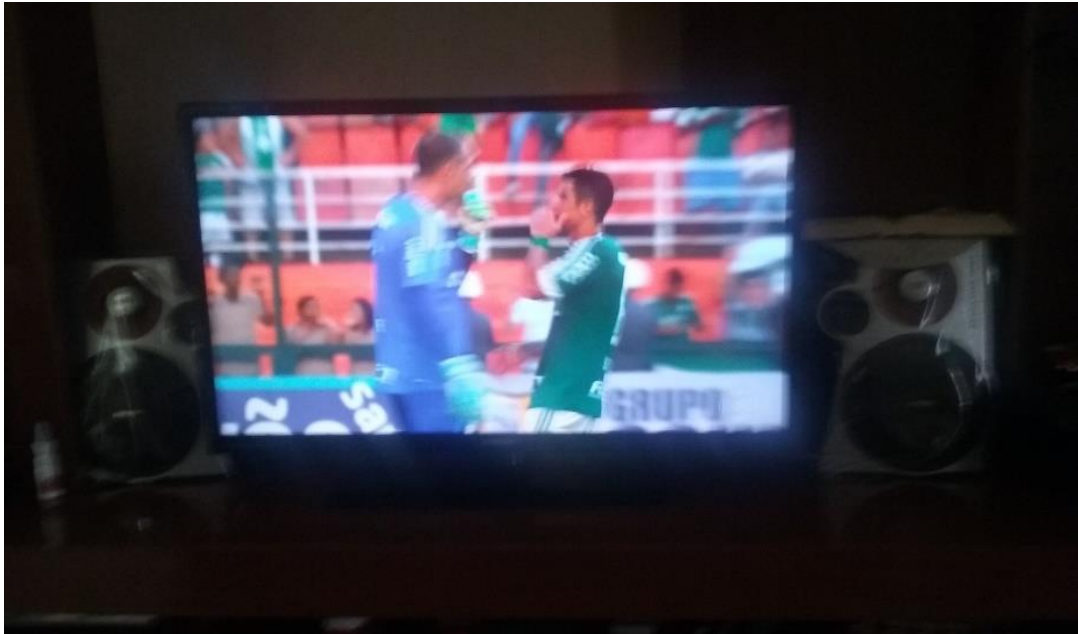
Fonte: Jean.

Figura 13 – A semana de Jean: Dia 5 (Assistindo filme)



Fonte: Jean.

Figura 14 – A semana de Jean: Dia 6 (Assistindo jogo do Palmeiras)



Fonte: Jean.

Figura 15 – A semana de Jean: Dia 7 (Escutando música)



Fonte: Jean.

Figura 16 – Obstáculos no cotidiano de Jean (degraus, passagens estreitas, realizar atividades de joelhos)



Fonte: Jean.

Jean realizou suas fotografias entre 29 de março até 04 de abril, mas não todos os dias. As imagens foram registradas em sua casa, versam sobre atividades domésticas e de lazer.

Algumas fotos saíram tremidas, pois o mesmo tem limitações na movimentação de membros superiores. Já outras, foram realizadas por parentes, sob sua supervisão.

As duas fotografias referentes ao dia 29 de março (primeiro dia), são relacionadas a uma das atividades de Jean em sua casa: o cuidado com os peixes. A primeira imagem diz respeito a troca de água, e caso esta esteja com coloração inadequada, o entrevistado pede ajuda aos familiares para a troca. Já a segunda, retrata a alimentação dos peixes, realizada por ele em dois momentos do dia.

No dia 30 de março, Jean não realizou fotografias, mas no terceiro dia (31 de março), o mesmo registrou dois momentos: jogando paciência, jogo em computador que, às vezes, gosta de jogar e a fotografia do cachorro da família. O entrevistado afirmou que o cachorro precisa ficar preso pelo fato de entrar na casa e pular em seu colo e que por ser de grande porte pode machucá-lo.

No dia 01 de abril (quarto dia), outra função doméstica foi registrada: arrumar a gaveta da sala, também citada em sua entrevista.

Acredita-se que as atividades que Jean realiza em sua casa trazem-lhe um sentimento de responsabilidade, já que quase não realiza atividades fora de casa.

O quinto dia (02 de abril) mostra uma das suas atividades de lazer: Assistir televisão, especificamente filme. Nessa situação, por assistir diversas vezes o mesmo filme, seus familiares não o acompanhavam. Seja filme, esporte, ou missa, Jean passa grande parte do seu tempo assistindo diversos programas ou jogando videogame na televisão.

Suas interações, diferente dos outros entrevistados, se dão em sua maioria em sua casa, com visitas de parentes. Pode-se supor uma possível defasagem no estabelecimento de suas relações, pois não acontecem em diferentes âmbitos ou situações de participação social, apesar de ter vontade de que acontecessem.

Assim como no quinto dia, a fotografia do dia 03 de abril (sexto dia) é referente a programas televisivos, especificamente futebol. Jean acompanha alguns jogos do time pelo qual torce, Palmeiras, apesar de afirmar não ser fanático por futebol.

A última imagem da semana, no dia 04 de abril, foi uma outra atividade de lazer presente no seu dia-a-dia, ouvir música no rádio. Percebe-se que o mesmo realiza algumas atividades sozinho, preferindo o “sossego”, como disse em entrevista.

Assim como o entrevistado anterior, Jean também realizou mais fotografias em julho e a pesquisadora reuniu-se com o mesmo para a discussão das fotos no dia 05 de agosto, em razão de estar doente nas semanas anteriores. As fotografias são referentes a obstáculos e

dificuldades em seu cotidiano. Jean realizou cinco fotografias em sua casa, e os obstáculos retratados nas imagens são referentes à acessibilidade.

Na ordem de disposição das imagens, a primeira diz respeito ao sair de casa. Descer escadas e entrar no carro são atividades com grandes desafios, necessitando de muito auxílio. A segunda e a última imagem retratam os degraus na entrada da cozinha e da sala respectivamente, e conseqüentemente quedas ao tentar descer de joelhos, pois com a cadeira de rodas isso é inviável.

A terceira imagem mostra a geladeira. Pelo fato de estar realizando as atividades de joelhos, Jean não alcança determinados objetos, tendo receio de que caíam sobre ele. A quarta imagem retrata outro obstáculo na acessibilidade, portas estreitas. Para a entrada no banheiro, o mesmo precisa também deixar a cadeira de rodas e entrar de joelhos, realizando com dificuldades atividades na pia. Além disso, também necessita de auxílio para ligar o chuveiro e abrir a torneira, uma vez que estas são inacessíveis a ele. Diferentemente de Mateus, Jean já se depara com grandes dificuldades em acessibilidade em sua própria casa, com a ausência de adaptações para sua autonomia.

Um fato interessante é que ao ser indagado sobre a realização das fotografias, o entrevistado relatou ter gostado, pensando mais nas atividades que realiza, além de afirmar ter começado a gostar mais de fotos após os registros. Jean também relatou mudanças em seu cotidiano, como realização de aulas de piano às sextas e preparação do aquário para novos peixes, pois os antigos morreram. Quanto a autorretratos, o mesmo relatou ter realizado, porém o apagou.

Fotografias de Gustavo

Figura 17 – A semana de Gustavo: Dia 1 (Atividade de trabalho I – aula de hidroginástica)



Fonte: Gustavo.

Figura 18 – A semana de Gustavo: Dia 2 (Palestra sobre a deficiência e seu dia-a-dia)



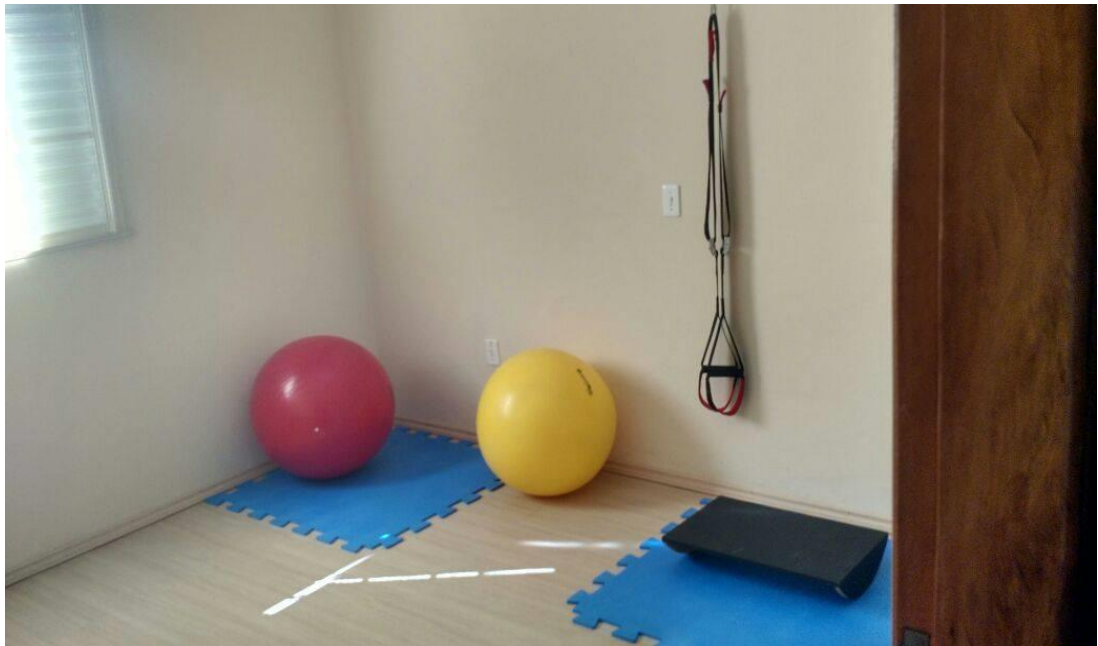
Fonte: Gustavo.

Figura 19 - A semana de Gustavo: Dia 3 (Atividade de trabalho II- aula de natação para crianças)



Fonte: Gustavo.

Figura 20 - A semana de Gustavo: Dia 4 (Atividade de trabalho III - aula de personal em clínica)



Fonte: Gustavo.

Figura 21 - A semana de Gustavo: Dia 5 (Atividade de trabalho IV - aula de personal em espaço aberto)



Fonte: Gustavo.

Figura 22 - A semana de Gustavo: Dia 6 (Churrasco com familiares em casa)



Fonte: Gustavo.

Figura 23 - A semana de Gustavo: Dia 7 (Ida à igreja)



Fonte: Gustavo.

Gustavo realizou suas fotografias entre 4 e 10 de abril, totalizando sete dias, uma fotografia por dia sobre atividades de lazer e trabalho. Gustavo não realizou registros referentes

a obstáculos em seu cotidiano, pois o mesmo alegou não ter grandes dificuldades em seu dia-a-dia, exceto pelo ônibus, necessitando de carona, diariamente.

No seu primeiro dia de registro, 04 de abril, Gustavo fotografou uma de suas atividades de trabalho, as aulas de hidroginástica, três ao dia, com turmas cheias. A foto em questão foi realizada na maior piscina da academia.

O segundo dia (05 de abril) é referente a uma palestra ou testemunho sobre a deficiência e sua vida de forma geral, além da vida escolar e trabalho. O entrevistado alegou ter falado pela primeira vez nesse encontro, que trata sobre encorajamento e aproximação com a temática Deus, de forma geral. Assim como Mateus, essa também é uma forma de discussão e problematização sobre a deficiência, sendo o diálogo de grande importância para a ruptura de preconceitos e ações excludentes e disponibilidade das pessoas com deficiência para a exposição e debate acerca da temática.

Já no dia 06 de abril (terceiro dia), outra aula foi registrada pelo entrevistado. A aula em questão é de natação, com crianças, ministrando aula com outra professora.

O quarto dia de fotografia (07 de abril) é referente à outra vertente de trabalho do mesmo, a sala em que atua como *personal trainer*. Resolveu tirar foto dos materiais para não expor seus alunos. Além de utilizar a clínica, faz aula em espaços abertos e próximos a ela.

O entrevistado, profissional de educação física, trabalha com público variado. Além da academia, com aulas na piscina e em uma sala na clínica em que atua, também atua como *personal* em espaços abertos. No quinto dia (09 de abril), Gustavo realizou uma aula de ginástica funcional e afirmou ser mais difícil do que se as aulas fossem em sua sala na clínica, seja por locomoção ou por orientação espacial.

O começo do final de semana de Gustavo, foto do dia 10 de abril (sexto dia), foi um churrasco em família na sua casa. Apesar disso, optou por registrar a foto antes da chegada de seus familiares, pois tinha receio de perguntarem o motivo de realização da fotografia. Além do ambiente familiar, as relações interpessoais estabelecidas pelo entrevistado se dão em diferentes lugares, principalmente casas de amigos.

Já no sétimo e último dia (11 de abril), também registra uma atividade religiosa, relacionada à religião católica, frequentando missas, eventos, entre outros. Passa grande parte de seu tempo realizando atividades relacionadas à religião, inclusive participando de encontro de jovens. Essa também é uma atividade que favorece o estabelecimento de relações interpessoais e conseqüentemente sua participação social.

Fotografias de Ricardo

Figura 24 - A semana de Ricardo: Dia 1 (Demonstração de salto em altura em escola de ensino fundamental I)



Fonte: Ricardo.

Figura 25 - A semana de Ricardo: Dia 3 (Treino anterior ao campeonato)



Fonte: Ricardo.

Figura 26 - A semana de Ricardo: Dia 4 parte I (Campeonato Paulista de Handebol em Cadeira de Rodas)



Fonte: Ricardo.

Figura 27 - A semana de Ricardo: Dia 4 parte II



Fonte: Ricardo.

Figura 28 - A semana de Ricardo: Dia 4 parte III (Campeonato Paulista de Handebol em cadeira de Rodas)



Terceiro dia: Campeonato Paulista de Handebol em Cadeira de Rodas

Fonte: Ricardo.

Ricardo realizou os registros entre 5 e 8 de maio, constando atividades voltadas à atividade esportiva. Ricardo é atleta de salto em altura e handebol em cadeira de rodas. São atividades, que apesar de abarcarem o lazer, não podem ser consideradas como tal, uma vez que o mesmo é um atleta de alto rendimento.

O primeiro dia (5 de maio) diz respeito a uma apresentação em uma escola de ensino fundamental I, no qual Ricardo demonstrou a realização do salto em altura, uma das possíveis vivências de esporte para pessoas com deficiência.

As ilustrações do terceiro dia (7 de maio), dizem respeito a um treino de força anterior ao campeonato disputado pelo entrevistado, relacionado ao handebol em cadeira de rodas.

Já as 10 fotografias restantes, do dia 8 de maio, são referentes ao quarto e último dia de registro e se referem ao campeonato paulista de handebol em cadeira de rodas, realizado em Santo Antônio da Posse, quando sua equipe do município obteve o terceiro lugar.

Ricardo, que relatou não ter dificuldades, não realizou novo registro de fotografias, assim como Gustavo.

O esporte, tanto nos registros quanto no relato do entrevistado, tem grande importância em sua vida, diferentemente dos demais participantes. Pelo esporte, pode-se perceber o estabelecimento de relações interpessoais, aumento de autoestima, e também sua luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

4.5. Percursos: Oportunidades e Desafios

Entendendo as categorias e subcategorias elencadas na análise das entrevistas e o registro do cotidiano, destacam-se as atividades de trabalho e renda, seguidas do reconhecimento, uma vez que imagens como a conscientização das pessoas e atividades de responsabilidade das pessoas com deficiência foram frequentemente encontradas.

Já em relação aos mapas e ao cotidiano relatado e fotografado, algumas observações merecem ser destacadas. Pode-se afirmar que apenas um dos quatro entrevistados mora próximo à região central, contando com maiores ofertas de oportunidades de participação social, exceto no acesso ao transporte coletivo, pois o mesmo é escasso em bairros próximos ao centro, e a maior parte de sua frota não adaptada, tornando-se um obstáculo para o direito de ir e vir. Com a escassez de transporte coletivo, nota-se o privilégio, e conseqüentemente maior participação, com o uso de transporte particular (automóveis e motocicletas).

Apesar de não ser possível sua visualização no mapa, outra grande dificuldade enfrentada no município em questão, é a acessibilidade urbana. Pelas imagens das dificuldades enfrentadas por Mateus, nota-se que a cidade apresenta muitos desníveis em suas ruas e calçadas, o que se traduz em possíveis barreiras à pessoa com deficiência.

Um dos eixos norteadores dos percursos dos participantes, e bastante discutido nas entrevistas, é a experiência escolar. As vivências dos participantes influenciaram na escolha de seus percursos e de maior participação social, sendo que, dentre estes, Jean é o que tem menor oportunidades de circulação e participação social. No mapa, os locais que ofertam ensino fundamental II e médio se apresentam de forma dispersa, porém em menor quantidade em regiões periféricas, o que contribui para a dificuldade em acesso ao estudo.

Apesar de Ricardo também ter interrompido os estudos, realizou o ensino médio em menor tempo posteriormente. A hipótese de que as oportunidades se tornam mais escassas após a desvinculação escolar é válida no caso de Jean, uma vez que abandonou os estudos em decorrência de vivências negativas. Pode-se imaginar que seja pela gravidade de sua deficiência, uma vez que foi mais severa que as demais e adquirida durante sua infância. Porém, esse fato não se confirma com os demais participantes, pois os mesmos terminaram, investiram ou planejam investir na continuidade dos estudos.

Em relação ao prosseguimento dos estudos, as instituições de ensino superior também se concentram em locais próximos, na região norte do município, e apenas um dos quatro participantes mora próximo à essa localidade. Essa situação, aliada ao fato de que a oferta de

transporte coletivo nessa região é escassa, se torna mais um impedimento para a pessoa com deficiência.

A categoria trabalho aparece com importância para os entrevistados, que realizaram a maioria das fotografias relacionadas à temática. Esta também é expressiva no mapa de oportunidades, no qual os locais sinalizados encontram-se em sua maioria na região sul (distrito industrial) ou na região central. Para a região sul, nota-se pouca oferta de transporte coletivo.

O acesso aos serviços de saúde, de assistência social e demais organizações aparentemente é adequado, pois os mesmos se encontram uniformemente distribuídos pelo município. Já a acessibilidade, de acordo com Jean, não é satisfatória.

Quanto às relações interpessoais estabelecidas e atividades de lazer, essas são em sua maioria prejudicadas. Os entrevistados saem pouco ou relatam poucas atividades de lazer, além de a maioria dos encontros com os amigos ocorrerem dentro de casa ou na casa dos mesmos. Além dos relatos já discutidos, o mapa de oportunidades aponta isso. A maioria dos espaços de lazer concentra-se na região central. Levando em consideração a oferta de transporte e seu horário de funcionamento, tornam-se ainda mais difíceis saídas noturnas.

As ações disponibilizadas pelas secretarias retrataram minimamente a realidade do município. Na educação e saúde, por exemplo, variam de acordo com a unidade em questão. Além disso, não são específicas ao público alvo.

A secretaria municipal da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida, apesar de recente, tem vínculos com o Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, e envolveu-se em atividades culturais, políticas, de conscientização e formação voltada à temática da pessoa com deficiência. Também participou da criação do Cartão Mais Acesso. O cartão Acessibilidade, detalhado na lei municipal nº 17.825/16, será utilizado como comprobatório de deficiência, para que seu titular, além de informar dados acerca de sua condição, possa usufruir de direitos garantidos por lei no município. O cartão tem a intenção de acesso simplificado, e com isso, o município poderá estabelecer convênios e parcerias com entidades públicas e privadas (SÃO CARLOS, 2016c).

Ainda, um fator limitante ao acesso às atividades de lazer é a oferta de ônibus e acessibilidade arquitetônica. A secretaria municipal de Habitação e Desenvolvimento Humano afirma realizar as construções de acordo com as normas técnicas, apesar de os entrevistados relatarem e fotografarem o contrário, principalmente nas vias públicas. Quanto ao transporte, espera-se mudanças com a nova gestão municipal e com a mudança da empresa responsável, uma vez que as linhas existentes estão em fase de transição.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo geral identificar as oportunidades e barreiras para a participação social de jovens com deficiência. Teve como metodologias a entrevista, registro do cotidiano e levantamento documental de ações municipais que fomentam a participação social de jovens com deficiência, procedimentos que facilitaram contemplar o objetivo geral da pesquisa.

Quanto aos objetivos específicos, por meio do registro do cotidiano e também das entrevistas, identificou-se os percursos, cotidiano, espaços de pertencimento, de estabelecimento de relações interpessoais e de participação social de jovens com deficiência, além de conhecer os motivos de sua desvinculação escolar. Finalmente, pelo levantamento documental, localizou-se as ações municipais relacionadas ao público alvo.

As principais limitações do estudo foram relacionadas ao desenvolvimento do trabalho de campo, sendo relevante a dificuldade de ampliar o número de participantes e de se acessar informações sobre as ações de secretarias municipais. De dez entrevistados previstos, indicados por meio de membros do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, foi possível resposta positiva de apenas quatro pessoas, apesar de o número de pessoas convidadas ter sido doze.

Quanto às secretarias municipais, das nove contatadas, inicialmente cinco responderam às solicitações de informações. Duas delas não apresentavam ações sistematizadas e sim fragmentadas por toda a rede municipal. Ao se contatar novamente a secretaria da Pessoa com Deficiência e Mobilidade Reduzida, obteve-se respostas de diferentes ações de âmbito cultural, esportivo, político e de formação continuada. Apesar disso, informações acerca da participação da pessoa com deficiência são escassas.

Com a criação do cartão Mais Acesso, espera-se que exista maior conhecimento acerca do perfil da pessoa com deficiência e com isso maior direcionamento do poder público frente às demandas da população alvo, principalmente os jovens. Imagina-se que sua circulação pelos espaços seja maior, desde que os mesmos estejam acessíveis, o que ainda não é a realidade do município.

No que tange aos instrumentos metodológicos voltados aos jovens com deficiência, a entrevista também tem suas limitações. Não foram previstas questões diretas voltadas à identidade do ser jovem e deficiente, temas que também não foram tratados pelos jovens, além

de melhor preparação da pesquisadora durante a realização das mesmas de maneira a possibilitar manejo das situações para que ocorressem respostas mais detalhadas.

Além da realização de entrevistas apenas com homens, os entrevistados foram indicados diversas vezes por diferentes pessoas. Destaca-se também o fato de poucas mulheres com deficiência serem indicadas como possíveis participantes, apesar de serem maioria, segundo os dados estatísticos. Assim como outra pesquisa envolvendo a temática no município (ANDRADE, 2015), pode-se afirmar que existe pouca presença das mulheres nos espaços de participação social.

Quanto a temáticas de destaque nas entrevistas, a escola toma um papel de grande importância na vida do jovem de forma geral, uma vez que é um ambiente formador e transformador. Por meio da escola nos tornamos (ou deveríamos nos tornar) pessoas críticas e reflexivas, além de ter o suporte e orientação para seguimento em inúmeros percursos de vida. Porém, muitas das experiências apresentadas mostram o contrário e os participantes relatam situações de extrema dificuldade, preconceito e, com isso, em alguns casos, menor autonomia na escolha desses percursos. Sugere-se incentivo para a formação continuada e no envolvimento dos profissionais com o contexto da deficiência, além da garantia de acessibilidade física.

Assim como a fala dos entrevistados, o mapa de participação confirmou também o fato de que o acesso ao transporte em algumas regiões é precário, assim consequentemente o acesso ao estudo, trabalho e principalmente lazer são afetados, tornando-se atividades complexas de se realizarem.

O último instrumento metodológico utilizado foi o registro do cotidiano, baseado no método *Photovoice*, que ocorreu sem interferências da pesquisadora. Em princípio, as fotos versaram sobre atividades relevantes do cotidiano e de interesse de registro do entrevistado. Com as reflexões acerca das imagens, apenas dois participantes concordaram em realizar novas fotografias, direcionadas aos enfrentamentos do cotidiano. Refletindo sobre o método, o ato de registro deve fazer sentido no cotidiano do participante, ou possivelmente se tornaria uma atividade mecanizada, sendo passível de esquecimentos ou pouca reflexão acerca das imagens. Apesar de não ocorrer sem interferências, a análise se deu de forma objetiva, uma vez que destaca a perspectiva do sujeito pesquisado.

Acredita-se que o estudo tenha trazido contribuições para compreender questões relacionadas à participação social da juventude com deficiência de forma geral. Por meio do levantamento nas secretarias, do conhecimento do cotidiano dos entrevistados e da construção do mapa de oportunidades pode-se associar a realidade da pessoa com deficiência às das demais

idades de porte semelhante, uma vez que a acessibilidade é uma questão frequentemente discutida e em defasagem; além da confirmação das diferentes juventudes presentes nos percursos, uma vez que nos relatos dos quatro entrevistados, diferentes situações foram e são vividas.

Apesar disso, para o jovem com deficiência, os percursos de participação são ainda mais difíceis em decorrência das defasagens de acesso e acessibilidade no município. Confirma-se a hipótese de a deficiência ser uma condição social imposta por uma série de fatores que dificultam, como nesse caso, as barreiras arquitetônicas, oferta de transporte, e a própria dinâmica da sociedade, privilegiando a normalidade e excluindo o comportamento considerado desviante.

Tem-se como expectativa contribuir para a reflexão acerca do planejamento municipal de oferta de transporte, serviços e espaços de oportunidades de participação social, pois apesar de alta escolaridade e acesso ao trabalho por três entrevistados, os mesmos enfrentaram e ainda enfrentam problemáticas em importantes dimensões da mesma, como escola e trabalho, o que influencia sua maior independência e autonomia. Acredita-se também que este trabalho incentive novas pesquisas na área, sobretudo com mulheres, pois, apesar de serem maioria, não foram encontradas nos percursos.

Pelos resultados do estudo é possível afirmar que a inserção do profissional de terapia ocupacional em ações junto à essa população é de grande importância. Assim como previsto pelo COFFITO (2010), o terapeuta ocupacional pode e deve orientar, estimular e propiciar o alcance da participação social da pessoa com deficiência, uma vez que esta é falha, especialmente no ambiente escolar e em atividades de lazer. Tem-se como possíveis locais de atuação do profissional os serviços que acompanham os jovens, se articulados com políticas que fomentem a efetiva participação social; atuação em diferentes esferas de participação, como a escola, inclusão ao trabalho, estímulo ao exercício da cidadania, ou até dinâmica familiar, uma vez que a deficiência e o impedimento se constroem na relação com o contexto que cerca o indivíduo.

As barreiras à participação social encontradas pelos jovens com deficiência indicam a necessidade de maior debate entre estes, ou seja, necessidade de se reconhecerem como um coletivo com direitos, ao mesmo tempo que, junto a lideranças locais de pessoas com deficiências, possam se integrar às dinâmicas de debates e de exercício da cidadania.

Ao mesmo tempo, é fundamental que os próprios familiares reconheçam as necessidades específicas desse grupo, no qual possam integrar e fortalecer a cobrança junto a gestores municipais de programas e ações para os jovens.

Apesar de diferentes juventudes e percursos, no município em questão, as demandas dos jovens com deficiência se aproximam das do coletivo dos demais jovens, sobretudo aqueles que vivem processos de exclusão social, e por isso existe a necessidade de debater essas semelhanças e considerar o respeito às diferenças, no que tange à continuidade dos estudos, à busca por emprego, e ainda à participação e fruição de atividades esportivas, culturais ou de lazer, questões e caminhos frequentes nos percursos de participação social na juventude.

Ainda, a condição social de deficiência impede, em muitos aspectos, a vivência da juventude de forma plena. Limitações apresentadas pelos entrevistados, reforçadas na literatura, e políticas para abarcar esta população mostram que a real problemática está na configuração da sociedade. Sua dinâmica, que preza a produção, a eficiência, e estabelece padrões, segrega aqueles que se considera que não atendem a padrões e perfis de “normalidade” e de “desempenhos esperados”. Esta situação se torna uma constante, e assim a pessoa, sem oportunidades, se torna excluída e marginalizada. E ao se tornar marginalizada, as oportunidades são mais restritas.

Para o jovem marginalizado, se apresenta como problemática a falta de acesso a atividades culturais e de lazer, o não incentivo à continuação dos estudos, entre outras questões; para os jovens com deficiência, somam-se a esses fatores a inacessibilidade arquitetônica e geográfica dos locais onde se realizam essas atividades, o estranhamento de profissionais, gestores e companheiros de atividades pela sua presença, além de outros fatores, como dificuldade para utilização de transporte, ou ainda aquelas existentes para o simples deslocamento no próprio domicílio. Tanto para o jovem de periferia, como para o jovem com deficiência, o jovem de zona rural, ou jovem indígena, ou ainda as populações diversas, há necessidade de políticas públicas que busquem suprir a carência de novos olhares sociais, nesse caso, que possibilitem maior integração daqueles que são diferentes, de um perfil imaginado de juventude.

Nesse sentido, as questões relacionadas ao acesso e acessibilidade, o direito de ir e vir, assim como da escolaridade, temas destacados pelos participantes, são direitos essenciais para promover a circulação em serviços, instituições e no espaço público.

Possibilitar o exercício desses direitos torna-se essencial para ampliar e fortalecer as relações interpessoais dos jovens com deficiência, sua identidade como grupo social e as

oportunidades de pertencer a um coletivo mais amplo, que também vivencia desafios semelhantes para realizar sua participação social.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação** n.06, p. 25-36, set/out/nov/dez 1997.

_____. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, M. V. (Org.) **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação educativa, 2005. p.19-35 (e-book). Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2016.

AITKEN, Z. et al. Mapping the intersections between disability, type of impairment, gender and socio- economic disadvantage. In: **DISABILITY STUDIES CONFERENCE, 7., 2014**, Lancaster. **Abstracts...** Lancaster: Lancaster University. 1 p.

AMIRALIAN M. L. T., et al. Conceituando deficiência **Revista de Saúde Pública**, v.1, n.34, p.97-103, 2000.

ANDERSON, D. M.; WOZENCROFT, A.; BEDINI, L. A. Adolescent girls' involvement in disability sport: A comparison of social support mechanisms. **Journal of Leisure Research**. v. 40, n.2, p. 183-207, 2008.

ANDRADE, A. C. **Programas físico-esportivos no município de São Carlos (SP) e as pessoas com deficiência: propostas, experiências e limites**. 2015. 178 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

AOTA. American Occupational Therapy Association. Occupational Therapy Practice. Framework: Domain & Process. 2nd. **The American Journal of Occupational Therapy**, v. 63, n. 6. 625-688, Nov/Dec 2008. Disponível em: <<http://www.polk.edu/wp-content/uploads/OTFramework2ndEdition.pdf>> Acesso em: 20 jun 2016.

ATHENAS PAULISTA. **Linhas**. Disponível em: <<http://www.athenaspaulista.com.br/LINHAS/LINHAS.HTM>> Acesso em: 8 jun. 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2002. 225 p.

BARREIRO, R. G.; MALFITANO, A. P. S. Retrato das Políticas Públicas Governamentais Brasileira para a Juventude nos anos 2000. **Última década**, Santiago, v. 22, n. 40, p. 133-157, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362014000100007&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 29 abr. 2015.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social. **Dicionário de termos técnicos da assistência social**. Belo Horizonte: ASCOM, 2007. 132 p.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. 5 ed. Portugal: Porto, 1994. 336 p.

BRASIL **Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: 13 ago. 2015.

_____. Tribunal Superior Eleitoral. **Resolução Normativa nº 21.920 de 2004**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/normas-editadas-pelo-tse/resolucao-nb0-21.920-de-19-de-setembro-de-2004-vitoria-2013-es>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. Conselho Nacional da Juventude - CONJUVE. Regina Célia Reyes Novaes, Danilo Moreira da Silva, Fernanda de Carvalho Papa (orgs.). **Política nacional de juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2006a.

_____. **Guia de Políticas Públicas de Juventude**. Brasília: Secretaria Nacional da Juventude. 2006b. 48p.

_____. **A inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho**. - 2. ed. - Brasília: MTE, SIT, 2007a. 100p. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812CCDAEDE012CD0A2B79F70B3/inclusao_pessoas_defi12_07.pdf> Acesso em: 9 mai. 2015.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007b. 60 p.

_____. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF, jan. 2008.19p. [Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela portaria n. 555/2007, prorrogada pela portaria n. 948/2007, entregue ao ministro da Educação em 7 de janeiro de 2008]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>>. Acesso em: 8 mai. 2015.

_____. **Decreto 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm> Acesso em: 10 mai. 2015.

_____. **Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência: Plano Viver sem Limite**. Decreto nº 7.612, de 17 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7612.htm>. Acesso em: 27 abr. 2015.

_____. **Lei Federal nº 12.852, de 05 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. 2013a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm> Acesso em: 26 jan 2016.

_____. **Viver sem Limite: Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2013b. 92 p.

_____. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira– INEP. Censo Escolar da Educação Básica – 2014. **Número de matrículas de alunos por tipo de deficiência em classes comuns em 2014**. Brasília: MEC/INEP, 2014.

_____. **Lei Federal nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm> Acesso em: 05 mar 2016.

CAMARANO, A. A. et al. Estão Fazendo a transição os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? In: CAMARANO, A. A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p.259-290.

CARTER, E. W.; et al. Self-Determination Prospects of Youth With High-Incidence Disabilities Divergent Perspectives and Related Factors. **Journal of emotional and Behavioral Disorders**. v. 18, p. 67-81, 2010a.

_____. et al. What Are You Doing After School? Promoting Extracurricular Involvement for Transition-Age Youth with Disabilities. **Intervention in School and Clinic**, v. 45 n. 5, p. 275-283, may 2010b.

CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. **Caderno CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997. Disponível em:<<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18664/12038>> Acesso em: 23 jan. 2017.

_____. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Tradução: Iraci D. Poleti. 8ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CERTEAU, M. Anais do Cotidiano. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano** 2. Morar, cozinhar. Tradução: Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 6ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

COFFITO. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. **Resolução nº. 383**, de 22 de dezembro de 2010. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.coffito.org.br/site/index.php/home/resolucoes-coffito/462-resolucao-n-383-2010-define-as-competencias-do-terapeuta-ocupacional-nos-contextos-sociais-e-da-outras-providencias.html>> Acesso em: 25 jul. 2015.

CORDE. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência comentada**. Coordenação de Ana Paula Crosara de Resende e Flavia Maria de Paiva Vital. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. 2008.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n.24, p.40-52, set/nov/dez 2003.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p.1105-1128, 2007.

DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL. **Laboratório METUIA**. Disponível em: <<http://www.dto.ufscar.br/laboratorios-1/laboratorio-metuia#>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W. Deficiência, direitos humanos e justiça. In: DINIZ, D; SANTOS, W. (Orgs.) **Deficiência e discriminação**. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2010, p. 97-115.

G1 SÃO CARLOS E ARARAQUARA. **Apenas 20% da frota de ônibus está adaptada para transportar deficientes**. São Carlos, 12 de julho de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/07/apenas-20-da-frota-de-onibus-esta-adaptada-para-transportar-deficientes.html>> Acesso em: 10 jul 2016.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 14, n. 3, p. 104-9, set./dez. 2003.

GALHEIGO, S. M. et al. People with Disabilities and Participation: Experiences and Challenges of an Occupational Therapy Practice in the City of Sao Paulo, Brazil. In: POLLARD, N.; SAKELLARIOU, D. (Org.). **Politics of Occupation-Centred Practice: Reflections on Occupational Engagement across Cultures**. 1 ed.: John Wiley & Sons, Ltd., 2012, p. 128-145.

GIL, A. C. Pesquisa social. In: _____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Edição. São Paulo: Atlas, 2008. p. 26 -32.

GULATTI, S.; et al. Adolescent Group Empowerment: Group-Centred Occupations to Empower Adolescents with Disabilities in the Urban Slums of North India. **Occupational Therapy International**. v.18, p. 67-84, 2011.

HARTMAN, L. R. et al. How Do We ‘See’ Occupations? An Examination of Visual Research Methodologies in the Study of Human Occupation. **Journal of Occupational Science**, v. 18, n. 4, p. 292-305, 2011. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1080/14427591.2011.610776>> Acesso em: 12 jun 2015.

HELLER, A. Estrutura da Vida Cotidiana. In: HELLER, A. **O Cotidiano e a história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 17-42.

HERGENRATHER, K.; et al. Photovoice as Community-based Participatory Research: a qualitative review. **American Journal Health Behavior**, v. 33, n. 6, p. 686-698, 2009.

INFOJOVEM. **Participação Social**. Disponível em: <<http://www.infojovem.org.br/infopedia/descubra-e-aprenda/participacao/participacao-social/>> Acesso em: 14 jun. 2015.

IBDD. Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Cartilha IBDD dos direitos da pessoa com deficiência** . 2ª Edição. Rio de Janeiro: IBDD, 2009. 83p. Disponível em: <<http://www.ibdd.org.br/arquivos/cartilha-ibdd.pdf>> Acesso em: 25 jul 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro, 2012, 215p. Disponível em: < http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf> Acesso em: 07 mai. 2015.

_____. **Censo Demográfico e Contagem da População**. Sistema IBGE de Recuperação Automática SIDRA. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010CGP.asp?o=13&i=P>>. Acesso em 16 mai. 2015.

_____. **Cidades**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

_____. **Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade São Paulo**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?codigo=35>. Acesso em: 29 mar. 2015.

_____. **Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade Brasil**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php>. Acesso em: 29 mar. 2015.

IDRM. International Disability Rights Monitor. **Regional Report of the Americas**. International Disability Network, Chicago, 2004, 465 p. Disponível em: < https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj7s7LksI_OAhVHbR4KHdtmBaoQFggfMAA&url=http%3A%2F%2Fbbi.syr.edu%2Fpublications%2Fblanck_docs%2F2003-2004%2FIDRM_Americas_2004.pdf&usq=AFQjCNEp-gf_8uCBuxV43W0dHECfxcN-aw&sig2=y0ymJDT7g6jOj6-ICzFw_w>. Acesso em: 20 jul. 2016.

KANAVAGH, A. et al. Inequalities in social capital between people with and without disabilities. In: **DISABILITY STUDIES CONFERENCE**, 7., 2014, Lancaster. **Abstracts...** Lancaster: Lancaster University. 1 p.

KANG L. J.; et al. Determinants of social participation--with friends and others who are not family members--for youths with cerebral palsy. **Physical Therapy**. v. 90, p. 1743-1757, 2010.

LANNA JÚNIOR, M. C. M. (Comp.) **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. 443p.

LAPLANE, A. L. F. Condições para o ingresso e permanência de alunos com deficiência na escola. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 34, n. 93, p. 191-205, maio-ago. 2014.

LEÃO, G.; DAYRELL, J. T.; REIS, J. B. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302011000400010&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 de abr. 2015.

LEÓN, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (Org.) **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação educativa, 2005. p. 9-18 (e-book). Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>> Acesso em: 2 set 2015.

LOPES, L. A orientação profissional para jovens com déficit cognitivo: um relato de experiência. **Boletim Psicologia**. v. 56, n. 125, p. 189-203, 2006.

LOPES, R. E.; SILVA, C. R.; MALFITANO, A. P. S. Adolescência e juventude de grupos populares urbanos no Brasil e as políticas públicas: apontamentos históricos. **Revista HISTEDBR On-line**, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP/ SP, v.23, p. 114 -130. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/23/art08_23.pdf>. Acesso em: 27 ago 2015.

LORENZO, T.; CRAMM, J. M. Access to livelihood assets among youth with and without disabilities in South Africa: Implications for health professional education. **South African Medicine Journal**, v. 102, n. 6, p.578-581, 2012.

MALFITANO, A. P. S. Juventudes e contemporaneidade: entre a autonomia e a tutela. **Etnográfica** (Lisboa), vol. 15 n. 3, p. 523-542, 2011. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/1060>> Acesso em: 29 abr. 2015.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Edição. São Paulo: Atlas, 2003.

MEJIAS, N. J; GILL, C. J.; SHPIGELMAN, C. Influence of a Support Group for Young Women With Disabilities on Sense of Belonging. **Journal Of Counseling Psychology**. v. 61, n. 2, p. 208-220, 2014.

MINAYO, M. C. S. (Org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

OHL, N. G. et al. Escolarização e preconceito: lembranças de jovens com e sem deficiência. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional - ABRAPEE**, v. 13, n. 2, p.243-250, Jul/Dez 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a06.pdf>> Acesso em: 20 jul 2016.

ONGS BRASIL. **Ongs em São Carlos**. Disponível em: <<http://www.ongsbrasil.com.br/default.asp?Pag=1&Destino=Instituicoes&Estado=SP&Cidade=Sao%20Carlos>> Acesso em 20 jun. 2016.

OMOTE, S. Deficiência e Não-Deficiência: Recortes de um mesmo tecido. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.1, n.2, p. 65-73, 1994a.

OMOTE, S. Perspectivas para conceituação de deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.1, n.4, p. 127-135, 1994b.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Direção geral da saúde. **Classificação internacional de funcionalidade, incapacidade e Saúde**. Tradução: Amélia Leitão. Lisboa: OMS, 2004. 238 p.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Secretariado Nacional de Reabilitação. **Classificação Internacional das Deficiências, Incapacidades e Desvantagens (Handicaps)**: Um manual de classificação das consequências das doenças (CIDID). Lisboa: SNR/OMS; 1989.

OMS. Organização Mundial da Saúde. The World Bank. **Relatório Mundial sobre a Deficiência**. Tradução: Lexicus Serviços Linguísticos São Paulo: SEDPcD. 2012, 312p.

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO- PROEX. **Programas**. Disponível em: <http://www.proex.ufscar.br/site/arqs_menu_programas/programas> Acesso em: 30 jul. 2015.

SAITO, C. M. **Atividades de lazer**: tessitura de espaços para alteridade. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Reabilitação) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5163/tde-04112010-173800/>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

SALLES, M. M.; MATSUKURA, T. S. Estudo de revisão sistemática sobre o uso do conceito de cotidiano no campo da terapia ocupacional no Brasil. **Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar**, São Carlos. v. 21, n. 2, 265-73, 2013.

SALMINEN A. L; KARHULA M.E. Young persons with visual impairment: challenges of participation. **Scandinavian Journal Of Occupational Therapy**. v.21, n.4,p. 267-276, 2014.

SANTOS, M. P. Deficiência e Eficiência: Quem é o sujeito? In: FERREIRA; C. A. M.; RAMOS, M. I. B. (Orgs.). **Psicomotricidade**: educação especial e inclusão social. Rio de Janeiro: Wak editora, 2007. p. 17-26.

SANTOS, W. Deficiência como restrição de participação social: desafios para avaliação a partir da Lei Brasileira de Inclusão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n.10, p. 3007-3015, 2016.

SANTOS, K. S.; MENDES, E. G.; et al. Público alvo da educação especial e jornal local: Análise das matérias veiculadas de 1991 a 2000. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 6., 2014, São Carlos. **Resumos...** São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014. p. 1-13.

SÃO CARLOS, Prefeitura Municipal. **Prefeitura lança Programa Cartão Mais Acesso para deficientes**, 2016a. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2016/170230-prefeitura-lanca-programa-cartao-mais-acesso-para-deficientes.html>> Acesso em: 10 out 2016.

_____. **Centros comunitários e centros de referência de assistência social**, 2016b. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/saude/115420-unidades-de-saude.html>> Acesso em: 20 jun. 2016b.

_____. Lei nº 17.825, de 4 de maio de 2016. **Institui o Cartão Acessibilidade para pessoa com deficiência e dá outras providências**. 2016c. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-carlos/lei-ordinaria/2016/1783/17825/lei-ordinaria-n-17825-2016-institui-o-cartao-acessibilidade-para-pessoa-com-deficiencia-e-da-outras-providencias?q=17825>> Acesso em: 05 mar. 2017.

_____. Câmara Municipal. **Consulta às leis Municipais**, 2015a. Disponível em: <<http://www.camarasaocarlos.sp.gov.br/portal/index.php/2014-02-07-16-38-03/pesquisa-de-leis-municipais>> Acesso em 18 mai. 2015.

_____. **Conheça São Carlos**, 2015b. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/cidade/conheca-sao-carlos.html>> Acesso em: 03 abr. 2015.

_____. **Secretarias Municipais**, 2015c. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/prefeitura/secretarias-municipais.html>> Acesso em: 17 mai. 2015.

_____. **Unidades de Saúde**, 2016. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/saude/115420-unidades-de-saude.html>> Acesso em: 20 jun. 2016.

SÁ SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. ano I, n. 1, p. 1-15, jul. 2009. Disponível em: <http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.Pesquisa%20documental.pdf>. Acesso em: 20 mar 2015.

SATTOE, J. N. T. et al. Lagging Behind or Not? Four Distinctive Social Participation Patterns Among Young Adults With Chronic Conditions. **Journal of Adolescent Health**, v. 54, p. 397-403, 2014.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Localize uma Escola**. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/central-de-atendimento/consulta.asp?>>> Acesso em: 03 ago. 2015.

SHATTUCK, P. T.; et al. Participation in Social Activities among Adolescents with an Autism Spectrum Disorder. **Plos One**. v. 6, n. 11, p. 1-9, 2011.

SILVA, A. C. C. da. Organizações de e para pessoas com deficiência no município de São Carlos – SP: tecendo fios de histórias, conquistas e desafios. 2016. 179 f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SILVA, C. R. **Percursos juvenis e trajetórias escolares**: Vidas que se tecem nas periferias da cidade. 2011. 332 f. Tese (Doutorado em Educação)- Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

SILVA, M. J. **O estado da arte sobre juventude (s) na pós-graduação brasileira escrito sensu**: Pesquisas na área das ciências da saúde (1987-2010). 2014. 617 f. Dissertação

(Mestrado em Terapia Ocupacional) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

SILVA, R. S.; SILVA, V. R. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. **Caderno Centro de Recursos Humanos**, Salvador, v. 24, n.63, p. 663-678, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000300013&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 09 jul. 2015.

SMIT, J. W. A. A representação da imagem. **INFORMARE Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.28-36, jul/dez 1996.

SOUZA, A. P. L.; et al. Participação social e protagonismo: reflexões a partir das conferências de Direitos da Criança e do adolescente no Brasil. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, Colombia, v. 28, n. 2, p. 178-193, 2010. Disponível em: <<http://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/1439/1315>> Acesso em: 22 jul 2016.

SPOSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação, **Revista Brasileira de Educação**. n. 13, p.73-94, jan/fev/mar/abr. 2000.

_____. A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: SPOSITO, M. P. (coord.) **O Estado da arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, M. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p.16-39, set/dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03>> Acesso em: 29 abr 2015.

STOTZ, E. N. Participação social. In: PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. (Org.). **Dicionário de educação profissional em saúde**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009. Disponível em <<http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/parsoc.html>> Acesso em 18 out. 2015.

TACONELLI, F. Em segundo turno, Câmara aprova o Código de Acessibilidade. **Primeira Página**, São Carlos, 22 de abril de 2015. Disponível em: <<http://www.jornalpp.com.br/politica/item/94532-em-segundo-turno-camara-aprova-o-codigo-de-acessibilidade>> Acesso em: 23 abr. 2015.

TANNÚS-VALADÃO, G.; et al. A avaliação do aluno público alvo da educação especial no município de São Carlos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 6., 2014, São Carlos. **Resumos...** São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014. p. 1-18.

TRAINOR, A. A. Using Cultural and Social Capital to Improve Postsecondary Outcomes and Expand Transition Models for Youth With Disabilities. **Journal of Special Education**. v. 42, n. 3, p. 148-162, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. Pesquisa Qualitativa. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-175.

TUFFREY, C; BATEMAN, B. J.; COLVER, A. C. The Questionnaire of Young People's Participation (QYPP): a new measure of participation frequency for disabled young people. **Child Care Health Dev.**, v 39, n. 4, p. 500 -511, 2013.

TURATO, E. R. Decidindo quais indivíduos estudar. In: _____. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 351-368.

UNFPA. Fundo de População das Nações Unidas. **Direitos da População Jovem**: Um marco para o desenvolvimento. 2ª Edição. Brasília: UNFPA-Fundo de População das Nações Unidas, 2010. 123 p.

UNITED NATIONS. Division for Social Policy and Development Disability. **#Envision2030 Goal 1: No Poverty**. Disponível em:
<<https://www.un.org/development/desa/disabilities/envision2030-goal1.html>> Acesso em: 20 jul 2016.

UNICEF. United Nations Children's Fund. **Children and Young People with Disabilities Fact Sheet**. 2013. 36p. Disponível em:
<http://www.unicef.org/disabilities/files/Factsheet_A5__Web_NEW.pdf> Acesso em: 20 jul. 2016.

VERHOOF, E. et al. Growing into disability benefits? Psychosocial course of life of young adults with a chronic somatic disease or disability. **Acta Paediatrica**, v.101, p. 19–26, 2012.

WEISS, J. A.; RIOSA, P. B. Thriving in Youth with Autism Spectrum Disorder and Intellectual Disability. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 45, p. 2474-2486, 2015.

ZANELLA, A. V. et al. Jovens, juventude e políticas públicas: produção acadêmica em periódicos científicos brasileiros (2002 a 2011). **Estudos de Psicologia**, Natal. v.18, n.2. p. 327-333, abr/jun 2013. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2013000200019&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 09 jul 2015.

APÊNDICE A – Carta às Secretarias do Município

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Of. nº 01/2016

São Carlos, 7 de março de 2016

À Secretaria Municipal de ,

Prezado(a) gestor(a) responsável por esta Secretaria Municipal:

Venho por meio desta, pedir gentilmente a disponibilização da relação de ações e políticas desta secretaria voltadas aos jovens com e sem deficiência.

Este procedimento metodológico é objeto de pesquisa documental pertencente ao projeto de pesquisa intitulado “**Jovens com deficiência: estudo de percursos de participação social no município de São Carlos, São Paulo**”, projeto de mestrado da mestranda **Natasha Reis Ferreira**, RG nº **48.278.437-4**, regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, na Universidade Federal de São Carlos, e sob autorização do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CAAE nº 50770915.7.0000.5504, Parecer nº 1.434.441).

As ações e políticas existentes deverão ser entregues em prazo determinado pela pesquisadora (um mês a partir da entrega desta carta), no qual a mesma receberá de forma presencial ou por meio de contato eletrônico (**E-mail**: natasha.ferreira.90@hotmail.com).

Agradeço desde já a colaboração na pesquisa e fico à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

Natasha Reis Ferreira
Mestranda do Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Participantes e/ou Responsáveis



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Departamento de Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “**Jovens com deficiência: estudo de percursos de participação social no município de São Carlos, São Paulo**”. O estudo tem como objetivo reconhecer as oportunidades e barreiras na participação social de jovens com deficiência desvinculados da escola. A pesquisa será realizada por meio de três etapas: (1) pesquisa documental, na qual serão levantadas ações e políticas voltadas ao jovem com e sem deficiência pela prefeitura do município, (2) entrevistas semiestruturada com jovens com deficiência desvinculados do ensino regular entre 2005 e 2010; e (3) levantamento do cotidiano, por meio de registro de fotos (baseado no método *Photovoice*), com participantes previamente entrevistados e contatados posteriormente à entrevista. A sua participação poderá ser na etapa 2 e 3, podendo escolher se deseja participar de ambas ou apenas da etapa 2.

Na etapa 2, a entrevista, ocorrerá com base em roteiro elaborado, com o objetivo de conhecer seu cotidiano e sua participação na comunidade durante os anos escolares, motivos da saída da escola, além de sua participação na comunidade após a desvinculação escolar (espaços que frequenta, atividades que realiza, pessoas com quem se relaciona). A entrevista será gravada em áudio e os dados serão transcritos. Você poderá verificar as suas respostas, acrescentar ou modificar informações se achar necessário.

Na etapa 3 será realizado o levantamento do cotidiano, que ocorrerá após a primeira etapa (entrevista) em sete dias corridos, no qual você registrará por meio de fotos (baseado no método *Photovoice*) suas atividades cotidianas, espaços frequentados e suas relações sociais. Essas fotos serão realizadas ou com equipamento próprio (celular ou câmera digital) ou com equipamento emprestado pela pesquisadora. Após sete dias, um terceiro encontro será realizado com a pesquisadora, no qual ocorrerá a discussão das imagens e entrega das mesmas (por transferência, e-mail ou pen-drive/cd disponibilizado pela pesquisadora).

Ao participar desta pesquisa, você estará contribuindo para o reconhecimento de oportunidades e barreiras na participação social de jovens com deficiência do município,

oferecendo suporte aos jovens, familiares e serviços, e com isso o fortalecimento de seus direitos.

A princípio, você poderá se sentir desconfortável por não conhecer a pesquisadora, sendo esse desconforto amenizado no decorrer da entrevista e/ou nos contatos estabelecidos para o registro de fotos. A pesquisa apresenta como riscos a perda de privacidade em decorrência das perguntas ou imagens registradas pelas fotografias.

Durante a entrevista, você terá a liberdade de responder o que considerar significativo e terá o direito de não responder às perguntas ou desistir da pesquisa a qualquer momento, além da pesquisadora manter sua identidade em sigilo para garantir sua privacidade.

No levantamento do cotidiano por meio de fotografias, você realizará o registro das fotos, deixando-as a disposição da pesquisadora e da pesquisa. A pesquisadora tomará todos os cuidados para o sigilo e preservação de imagem, como o desfoque de sua imagem e das demais pessoas presentes na foto para que não ocorra qualquer identificação, e você também tem direito de desistir se assim desejar. Caso queira que sua imagem apareça, assine em local específico no fim deste termo.

Em qualquer uma das etapas do estudo, você terá acesso à pesquisadora para esclarecimento de eventuais dúvidas, ou acompanhamento dos resultados se solicitado. Você possuirá também uma cópia deste termo de consentimento que possui os dados e contatos da pesquisadora. A pesquisadora executante é Bacharel em Terapia Ocupacional e Licenciada em Educação Física. Você não terá nenhuma despesa pessoal para participar de qualquer etapa da pesquisa, ou qualquer compensação financeira, sendo sua participação voluntária. A pesquisadora se compromete a utilizar os dados coletados somente para os objetivos relacionados a este estudo e descrito neste termo de consentimento.

Natasha Reis Ferreira

Rua: Antônio Carreri, 250 – Jardim Ricetti – São Carlos/ SP
(16) 9 9176-0353 (claro)/ E-mail: natasha.ferreira.90@hotmail.com

Selecione em quais etapas deseja participar:

Etapa 2. Participação na Entrevista ()

Etapa 3. Participação no Levantamento do cotidiano por meio de fotografia ()

Declaro que entendi os riscos e benefícios de minha participação na pesquisa descritos acima e concordo em participar. Fui informado (a) que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP –Brasil. Fone (16) 3351-8110. E-mail: cephumanos@power.ufscar.br.

São Carlos, ____ de _____ de 2016.

Participante da pesquisa

Responsável pelo participante da pesquisa
(Se necessário)

Caso queira que sua imagem seja divulgada sem o desfoque, assine abaixo:

Participante da pesquisa

Responsável pelo participante da pesquisa
(Se necessário)

APÊNDICE C - Entrevista Semi Estruturada com Participantes

Dados Gerais

Data da entrevista: ____/____/____

Nome: _____

Endereço: _____

Telefone: _____ Celular: _____ E-mail: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Sexo F () M ()

Tipo de deficiência: Física () Intelectual () Auditiva/Surdez () Visual () Múltipla ()

Outro: _____

A deficiência

Quando e como a sua deficiência surgiu?

Você utiliza algum equipamento para te auxiliar? Qual?

Você realiza ou realizou algum tipo de tratamento ou acompanhamento? Qual? Onde? Por quanto tempo? Quais os profissionais que te atendem/atenderam?

Recebeu alta ou abandonou o tratamento?

Faz uso de algum medicamento? Qual e para que?

Alguma limitação te impede de realizar alguma atividade do dia-a-dia? Quais limitações e quais atividades? O que faz para lidar com isso?

De 0 a 10, como avaliaria sua independência? Por quê?

Constituição familiar e rotina

Incluindo você quantas pessoas vivem na sua casa? Qual(is) o(s) parentesco(s)?

Quantas contribuem para a renda familiar?

Como é o relacionamento entre você e os demais membros?

Sua família te estimula a realizar atividades fora de casa (trabalhar, estudar, sair com os amigos, praticar esporte, entre outras)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Atividades de vida diária:

Você realiza as atividades de autocuidado (alimentação, vestuário, higiene) sozinho(a)?

Se realiza, de 0 a 10, qual o grau de dificuldade? Por quê?

Se necessita de ajuda quem o auxilia? E de que forma?

Atividades instrumentais de vida diária:

Você realiza ou é estimulado a realizar atividades em sua casa (fazer comida, lavar roupa ou louça, limpar a casa, usar o telefone, administrar medicações, administrar o próprio dinheiro, fazer compras, utilizar meios de transporte)? Se sim quais? Se não, por quê?

Se realiza, de 0 a 10, qual o grau de dificuldade? Por quê?

Rotina:

De maneira simples, diga qual a sua rotina em uma semana típica (Segunda a domingo)?

Educação

Qual a sua escolaridade? Onde estudou no Ensino Fundamental II (5° a 8° série)? E no Ensino Médio?

Em que série você saiu da escola? Em que ano isso aconteceu? Quantos anos você tinha?

Como realizava o trajeto da sua casa até a escola? Enfrentava dificuldades? Quais?

Como foi a sua vida escolar? (Repetiu de ano, tinha boas notas?)

Como era a sua relação com professores e demais colegas?

A escola divulgava atividades extracurriculares como grupos de estudo, grêmio estudantil, jogos, teatro, estágios, entre outras? Você participava? Se sim, quais e como?

Na sua opinião, a escola estava preparada para os alunos com deficiência? E os professores?

Quais as limitações/barreiras que enfrentou na escola?

De 0 a 10, como avaliaria sua participação na escola? Por quê?

Caso não tenha terminado o ensino básico (Completar o Ensino Médio):

Qual motivo o levou a sair da escola?

Você frequenta o ensino de jovens e adultos? Por quê?

Caso sua escolaridade seja o Ensino Médio Completo:

Você pensa em realizar um curso profissionalizante/técnico/superior? Por quê?

Caso você seja estudante de graduação ou pós-graduação:

Qual o curso?

Recebe algum auxílio da universidade? Se sim, qual?

A universidade divulga atividades extracurriculares como participação em eventos científicos, centro acadêmico, festas, jogos, apresentações culturais, entre outras? Você participa de alguma? Se sim, quais e como?

Na sua opinião, a universidade está preparada para os alunos com deficiência? E os professores?

Quais as limitações/barreiras que enfrenta na universidade?

Em relação ao ensino básico, você acha que sua participação melhorou ou piorou? Por quê?

De 0 a 10, como avalia sua participação na universidade? Por quê?

Trabalho e renda

Exerce/exerceu algum tipo de atividade remunerada? Qual?

Você trabalha ou já trabalhou formalmente? Qual(is) o(s) lugar(es)? Por quanto tempo?

Se não, por que não trabalha mais?

Se nunca trabalhou, por quê?

A vaga de emprego era relacionada à alguma ação política? (Jovem aprendiz, por exemplo)

Entrou pelo sistema de cotas?

Qual era a sua função?

O salário era correspondente à função?

Recebe ou já recebeu benefício de prestação continuada? Por quanto tempo?

Você enfrenta/enfrentava dificuldades em seu trabalho? Quais?

De 0 a 10, como avaliaria sua participação no trabalho? Por quê?

Participação social: mobilidade, acesso aos serviços, vida social, e engajamento em atividades políticas e de cidadania, físico-esportivas, culturais e de lazer

Você sai de casa? Quais lugares frequenta? Com que frequência? Alguém vai com você?

Faz uso de algum meio de transporte? Qual? Você enfrenta dificuldades para utilizá-lo?

Quais?

Como avaliaria a acessibilidade do seu bairro? E dos lugares que frequenta? E na cidade de um modo geral?

Participa de algum projeto? Qual (is)? Em que local (is)? São projetos exclusivos para pessoas com deficiência? Se sim, acha que deveria ser aberto aos demais? Por quê?

Se não participar de nenhum projeto ou o mesmo não envolver atividades esportivas, culturais e de lazer:

Você realiza atividades físico- esportivas? Quais? Com que frequência? Em quais locais? Alguém vai com você? São atividades exclusivas para pessoas com deficiência? Você realiza atividades de lazer (passeios ao ar livre, frequentar casa de amigos, bares, casas noturnas, shows ou festas, entre outras)? Quais? Com que frequência? Em quais locais? Alguém vai com você? São atividades exclusivas para pessoas com deficiência? Você realiza alguma atividade cultural (ir em museu, cinema, teatro, apresentação artística, entre outros)? Quais? Com que frequência? Em quais locais? Alguém vai com você? São atividades exclusivas para pessoas com deficiência?
Você enfrenta dificuldades para realizá-las? Quais?

Atividades políticas e de cidadania:

Você tem documentos de identificação? Quais?
 Você tem título de eleitor? Já votou? Se não, por quê?
 Você participa/participou de algum movimento, organização ou conselho (além do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência)? Era voltado para as causas das pessoas com deficiência ou demais causas? Por quanto tempo? Como é/era sua participação?
Você enfrenta dificuldades para realizá-las? Quais?

Acesso aos serviços:

Com que frequência você utiliza serviços da comunidade (polícia, hospitais, unidades de saúde, centro de assistência social, entre outros)? Alguém o(a) acompanha?
Você enfrenta dificuldades para utilizá-los? Quais?

Vida social:

Você tem religião? Qual? Você frequenta o ambiente religioso (igreja, templo, centro, entre outros)? Alguém o(a) acompanha? Com que frequência vai? Participa de atividades neste local? Quais? Fez amizades por meio desse local?
 Quantos amigos você tem? Com que frequência você encontra seus amigos? Em quais locais? A maioria dos seus amigos têm ou não algum tipo de deficiência? Qual (is) a(s) deficiência(s)?
 Como é a sua relação com seu(s) amigo(s)?
 Você tem acesso às redes sociais? Quais? Com que frequência utiliza? Você fez amizades por meio dessas redes?
 Qual o seu estado civil? (namorando, noivo, solteiro, casado, separado, viúvo)

Caso você já tenha se envolvido ou esteja envolvido em um relacionamento sério/casamento e que não tenha aparecido na constituição familiar:

Por quanto tempo? O seu parceiro(a) é/era deficiente ou não? Como é/era a sua relação com essa pessoa?
 Tem filhos? Quantos? Como é a sua relação com seu(s) filho(s)?

Outras informações:

Já passou ou passa por alguma situação adversa ou constrangedora em algum desses locais ou situações? Se sim, qual(is)? O que fez/faz para enfrentar essas situações?
 Já sofreu discriminação ou preconceito? Quantas vezes isso ocorreu? De que maneira? Você denunciou?
 Avaliando todos os setores de participação social (mobilidade, acesso aos serviços, vida social, participação em atividades políticas e de cidadania, físico-esportivas, culturais e de lazer), que nota de 0 a 10 você daria para sua participação? Por quê?
 Alguma coisa a mais que gostaria de falar e que não foi perguntada ou dita na entrevista?

ANEXO A – Comitê de Ética: Parecer nº 1.434.441

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Jovens com deficiência: estudo de percursos de participação social no município de São Carlos, São Paulo

Pesquisador: Natasha Reis Ferreira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50770915.7.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.434.441

Apresentação do Projeto:

É um estudo de caráter exploratório e de abordagem qualitativa, prevendo como procedimentos a pesquisa documental das ações das Secretarias Municipais voltadas à participação social dos jovens, entre esses os com deficiência, além de pesquisa de campo, com entrevista com jovens com deficiência entre 18 e 29 anos desvinculados da escola regular entre 2005 e 2010, com o intuito de tratar de sua participação social durante os anos escolares, motivos de sua desvinculação, além de participação social após essa desvinculação.

Objetivo da Pesquisa:

O estudo tem como objetivo primário identificar as oportunidades e barreiras para a participação social de jovens com deficiência desvinculados da escola. Como objetivo secundário, a pesquisadora se propõe a: identificar os percursos e cotidiano de jovens com deficiência desvinculados da escola; identificar espaços de pertencimento e de estabelecimento de relações interpessoais e de participação social entre os jovens com deficiência; conhecer os motivos de desvinculação escolar de jovens com deficiência; localizar nas ações municipais elementos que fomentem a participação social dos jovens, inclusive daqueles com deficiência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa apresenta como risco possíveis constrangimentos e desconfortos no primeiro contato

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 1.434.441

com a pesquisadora e perda de privacidade durante o questionamento de algumas perguntas da entrevista ou durante a utilização de câmeras para o registro de fotos do cotidiano. A participação no estudo é voluntária garantindo sigilo quanto à identidade e origem do respondente. Não apresenta benefícios diretos aos participantes, mas destaca a contribuição para o reconhecimento de oportunidades e barreiras na participação social de jovens com deficiência do município de São Carlos, oferecendo subsídios aos jovens, familiares e serviços, e com isso o fortalecimento dos direitos desse segmento populacional.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto bem estruturado, claro e conciso. A pesquisa proposta tem relevância científica e social e respeita os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS 466/2012 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados os seguintes termos de apresentação obrigatória:

- Folha de rosto
- Termo de consentimento
- Projeto
- Informações básicas
- Autorização do local da pesquisa

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) apresenta linguagem simples e adequada permitindo boa compreensão dos procedimentos e objetivos da pesquisa, assim como o entendimento sobre o caráter voluntário e gratuidade da participação na pesquisa. A participação está condicionada à concordância dos participantes e seus responsáveis em participarem da pesquisa e assinatura do TCLE.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto adequado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683	E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 1.434.441

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_600907.pdf	15/12/2015 10:09:14		Aceito
Outros	AUTORIZA.pdf	15/12/2015 10:05:58	Natasha Reis Ferreira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Natasha_Ferreira.pdf	15/12/2015 09:52:17	Natasha Reis Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/12/2015 09:51:39	Natasha Reis Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	05/10/2015 23:44:59	Natasha Reis Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 02 de Março de 2016

Assinado por:
Ricardo Carneiro Borra
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

ANEXO B- Resposta da Secretaria Municipal de Trabalho, Emprego e Renda



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS
Secretaria Municipal de Trabalho, Emprego e Renda
Departamento de Políticas de Trabalho e Emprego para Juventude

Av. São Carlos, 1800 - Centro - CEP: 13560-001 - São Carlos - SP
 (16) 3374-1750 - dptej@saocarlos.sp.gov.br

Ofício nº014/2016/dptej/smter

São Carlos, 06 de abril de 2016.

Senhor Secretário

Conforme ofício nº01/2016/UFSCAR, assinado por Natasha Reis Ferreira, solicitando informações sobre ações e políticas voltadas aos jovens com e sem deficiência, cabe a informação que na Secretaria Municipal do Trabalho Emprego e Renda através do DPTEJ, existe dois projetos em andamento sendo:

- Aprendiz São Carlos - O qual atende aos jovens de 14 a 24 anos e portadores de Deficiência sem limite de idade, com parceria com as entidades formadoras de Aprendiz.
- Startup Jovem e Empreendedor - o qual incentiva Jovens Empreendedores das Escolas Técnicas, Superiores e agora conta com um trabalho na rede publica, desenvolvendo o empreendedorismo Jovem.

Ambos os projetos, consiste em muitos detalhes, sendo que se possível, poderíamos agendar uma explanação, para que enriquecesse a pesquisa, que será de muita valia, tendo em vista o Tema abordado que hoje está sendo trabalhado nestes projetos.

Sendo estes os esclarecimentos, subscrevo.

Atenciosamente.

Antonio Ribeiro da Silva
 Diretor do Departamento de Políticas
 De Trabalho e Emprego para Juventude

Ilmo. Sr.
 Hilário Apolinário de Oliveira
 Secretario Municipal de Trabalho Emprego e Renda
 Prefeitura Municipal de São Carlos

REC 010/16
 Arino Amador

ANEXO C- Transcrição das entrevistas

Gustavo (G.A.C.) 09/01/1992 - Deficiência visual

Entrevista realizada em 29-03-2016 às 09hr, na casa do entrevistado.

A deficiência

P: Quando e como a sua deficiência surgiu? R: Então, na verdade a minha patologia se chama Retinopatia da prematuridade, eu nasci de seis meses... É... a minha mãe, ela teve um câncer... Ahm... nos ligamentos (áudio não entendível), e... Isso antes... Ela tava grávida da minha irmã... Então, ela teve minha irmã, aí teve tratamento da rádio, quimio e tudo mais... E aí.. É... O órgão sexual interno dela tava atrofiado... E ela não poderia ter mais filho né... E enfim, acabou engravidando... E como o útero tava atrofiado, ao seis meses... É, o corpo dela não conseguiu segurar a criança e eu nasci.... Então, a minha rotina do olho esquerdo ela não existe, ela não é formada, na verdade hoje em dia é atrofiado né, porque, como não foi usando... acabou atrofiando com a prótese...E do direito, é... Eu não enxergo cem por cento, mas enxergo, e a retina ela está esticada por vasinhos que foram formados justamente pra preencher espaço da retina... Até esticar... Basicamente essa é a retinopatia da prematuridade... (não entendível)

P: Além do óculos, você utiliza algum equipamento para te auxiliar? Qual? R:

Atualmente não... É...Quando tava em escola eu utilizei um monóculo, também... Que eu consegui uma dessas exceções para as pessoas com deficiência...Mas atualmente só esse óculos mesmo...Porque é o mais viável... Ele tem uma lupinha no meio né que é por onde enxergo... Inclusive a minha visão ela é central...Ela não é periférica... Então por isso que a lente é mais centralizada, é mais no centro do rosto mesmo... Que eu coloco (não entendível) ... E assim, utilizo computador assim né... Não preciso aumentar letra, nada, porque com (não entendível) tenho que ficar bem próximo, porque o foco dele é muito próximo... tem que tá muito próximo pra lente aumentar...Se não fica embaçado... Mas hoje em dia não... hoje em dia é só... É... Hoje em dia só o óculos mesmo, e notebook né, computador assim, ajuda bastante mesmo... principalmente na faculdade...ajuda bastante

Após a entrevista, o entrevistado informou que utilizou gravadores nas aulas da faculdade.

P: Você realiza ou realizou algum tipo de tratamento ou acompanhamento? Qual?

Onde? Por quanto tempo? Quais os profissionais que te atendem/atenderam? R: É, desde pequeno né... Na verdade quando meus pais descobriram que eu tinha deficiência visual, eles procuraram médicos né, enfim, aquela rotina sempre, vai, aparece um médico, vai vim falando que é bom, e a gente vai... já fui pra Campinas (Nome da Universidade), São Paulo, Ribeirão Preto, enfim... E atualmente eu tô fazendo acompanhamento é... anual né... Com um retinólogo... Justamente pelo atrofiamento que aconteceu no olho esquerdo, pode acontecer no direito...Mas, enfim.. a gente tá fazendo acompanhamento...É... na verdade é ... isso é... Algo que pode acontecer, não é uma coisa que vai acontecer... E de vez em quando eu passo né, com.. É... No médico que ... que... é... indicou né, a prótese pra colocar... porque a gente fica mudando né.. porque é... vai ficando velho... eu coloquei quando era mais novo, então o rosto acabou crescendo aí teve que mudar e tudo mais... E...atualmente é só esses acompanhamentos né... Os médicos disseram que cirurgia e tudo mais, por enquanto não existe nenhuma a respeito né... E que alguns tentam fazer é esticar a retina... Pra completar certinho... Isso obviamente iria aumentar minha acuidade visual, mas ia correr o risco muito

maior dela romper né... Então, enfim... Então por enquanto ainda não apareceu nada a respeito... Né, de... melhora em relação a (não entendível)...

P: Recebeu alta ou abandonou o tratamento? R: Não.. é, é... O único tratamento que, se é que pode chamar de tratamento assim, que eu tive, foi usar o recurso né, que no caso seria o óculos... Mas o óculos normal mesmo... Mas isso quando era pequenininho... Então, uns sete anos acho que usei... Só que não fazia diferença né...Então, o médico acabou abandonando também...Eu nunca tentei nenhum tratamento assim...Com colírio... Na verdade, assim.. Quando eu era pequeno, eu fiz, é... Fisioterapia... Eu não sei o nome específico, mas enfim... E aí foi todo o processo e tudo mais né... obviamente ajudou bastante... Mas tratamento em relação a visão mesmo, em si, não a melhora da condição, é... nunca fiz.. Só os recursos mesmo..

P: Faz uso de algum medicamento? Qual e para que? R: Não.

P: Alguma limitação te impede de realizar alguma atividade do dia-a dia? Quais limitações e quais atividades? O que faz para lidar com isso? R: Bom, é... tem dificultores assim, tem fatores que dificultam algumas situações né... Mas que impede... Eu acho que não... Assim... É.. Mas obviamente tem... Tem algumas coisas que... Você precisa se adaptar... É... de forma a conseguir realizar... Por exemplo... Locomoção né... Eu por exemplo não vou dirigir.. Apesar que eu enxergue e tudo mais... Mas como eu só enxergo de um olho eu não tenho noção de profundidade...Então eu não posso dirigir... Tenho que depender de carona, né... E de... Principalmente locomoção... É... Outra... Mas, enfim... E isso depende também de uma... De um bom... É... funcionamento aí né... Da parte de acesso da cidade... Que não acontece né...Então...Acaba dificultando mas... Mas é... Impedir mesmo... **P: Nada de impedimento né?** R: É...

P: De 0 a 10, como avaliaria sua independência? Por quê? R: Hoje... Hoje, eu acho que uns quatro... É, porque ... Na verdade, assim... Eu já fui muito mais independente, né... Onde eu morava antes, tinha muito mais ônibus... Linhas de ônibus.. Aí antes diria uns oito, nove... Hoje é quatro porque aqui passa ônibus de três em três horas...(risos) É...então assim... Então, por exemplo, na minha área inclusive, não é.. Não sou quem faço os horários, né... São os horários das aulas, e principalmente quando eu dô personal, o horário que as pessoas têm disponível né... Então dependo muito mais de carona hoje em dia... Principalmente dos meus pais, e familiares né... Do que... Do que.. (não entendível) sozinho, assim...

Constituição familiar e rotina

P: Incluindo você quantas pessoas vivem na sua casa? R: Duas **P: Duas.. Quais são essas pessoas?** R: Meu pai e minha mãe.

P: Quantas contribuem para a renda familiar? R: Ahn... O meu pai ganha a maior parte, né... Ele trabalha ainda... É... Eu diria que uns noventa, noventa e cinco por cento... E minha mãe tá começando a trabalhar atualmente também... E eu comecei a trabalhar recentemente também... Mas... É... Como eu e minha mãe começamos a trabalhar agora, ela se formou ano passado também... Então, enfim... A parte bem... Bem grossa da renda é do meu pai **P: Mas vocês a partir de agora vão começar a contribuir ou ainda não é certeza?** R: Não... Assim... É, a gente... Não vai ser uma contribuição significativa... Mas, mas... É... A gente vai sim acrescentar à renda... **P: Não está aqui, mas por curiosidade, qual o curso que sua mãe se formou?** R: Ela fez cosmética... Estética e cosmetologia.... Na (Nome da Instituição)

P: Como é o relacionamento entre você e os demais membros?

R: É um relacionamento muito bom assim, é... principalmente com minha mãe assim, a gente é muito igual, muito parecido em vários fatores assim, e... de personalidade mesmo, então, assim, a gente é muito parceiro assim, ela na verdade, especificamente com minha mãe, é..., desde pequenininho ela sempre me acompanhou em várias atividades, porque por exemplo, é... quando eu era pequeno eu estava em uma sala de recursos, e... enfim, a gente tinha uma festinha alguma coisa ela sempre ia comigo. Meu pai sempre trabalhou. Minha mãe também trabalhava, ela era diarista na época, só que ela conseguia remanejar, ela era mais flexível ao horário dela, então, é... a minha relação com ela é muito mais, é, é... profundo vamos dizer assim do que com meu pai, não significa que com meu pai não seja, mas algo assim, por exemplo, que nem, nos últimos quatro, cinco anos que eu tava na faculdade, ele saía pra trabalhar, eu tava dormindo ainda, ele chegava em casa eu tava na faculdade, eu chegava da faculdade, ele tava dormindo. Então, a gente se via mais de final de semana, é engraçado, assim...

P: Sua família te estimula a realizar atividades fora de casa (trabalhar, estudar, sair com os amigos, praticar esporte, entre outras)? Se sim, quais? Se não, por quê?

R: Então... Atualmente sim, meu pai na verdade, é.. é... por preocupação, ele fica “toma cuidado”, “leva bengala”, porque eu utilizava a bengala branca pra atravessar a rua né, como meio de segurança. E... Mas assim no começo foi muito difícil assim quando eu comecei a, a... na adolescência, pré-adolescência né, que eu queria sair de casa e tudo mais foi bem difícil. E a minha mãe assim, foi, teve um papel muito importante nesse desenvolvimento, porque que ela falou ‘vai’... Porque assim, eu tenho amigos que enxergam mais do que eu e bem mais do que eu na verdade e talvez na verdade, na parte desportiva, é... a avaliação desportiva da deficiência eles não são considerados, ele no caso né, não é considerado nem uma pessoa com deficiência... Não sei se você manja de classificação, mas mais que três, ou três, enfim... E com o recurso né, ele não é considerado nem uma pessoa com deficiência... ele não consegue sair de casa assim, ele.. e...é... é extremamente inseguro, inseguro mesmo assim, ele , é, é..., mas isso devido a.. ao, ao tratamento da, da família, né, e no meu caso não , no meu caso meu pai, obviamente, meu pai e alguns familiares ficaram, ficaram extremamente receosos no começo né, mas, mas, é... acabaram aceitando o que minha mãe entendia que seja por ela né, como sempre né. E, então assim, hoje em dia, hoje em dia ele aceita assim, aceita não, ele entende, é, como fundamental né, mas ele ainda, é, é... tem preocupações, né, obviamente. É que as pessoas elas costumam a olhar muito o que as pessoas com deficiência não conseguem fazer né, e, bom, na minha área, no caso Educação Física Adaptada, EFA né, a gente entende que você deve olhar primeiramente o que ela consegue fazer, pra depois olhar as coisas que ela tem alguma dificuldade né. E minha mãe teve essa visão desde o começo assim, sem, sem ter nenhuma orientação da área, na época era difícil né, e ela teve esse pensamento assim, então facilitou muito esse processo né, o que é muito diferente de outras situações como citado anteriormente né.

Atividades de vida diária:**P: Você realiza as atividades de autocuidado (alimentação, vestuário, higiene)**

sozinho(a)? R: Sim, é, tranquilo.

P: Se realiza, de 0 a 10, qual o grau de dificuldade? Por quê? R: Zero.

P: Se necessita de ajuda quem o auxilia? E de que forma? R: Não.

Atividades instrumentais de vida diária:

P: Você realiza ou é estimulado a realizar atividades em sua casa (fazer comida, lavar roupa ou louça, limpar a casa, usar o telefone, administrar medicações, administrar o próprio dinheiro, fazer compras, utilizar meios de transporte)? Se sim quais? Se não, por quê? R: Algumas com mais dificuldades do que outras né, então, por exemplo, Ahn... lavar louça é tranquilo, fazer comida, eu só faço comida em panela elétrica, pra mim é muito mais fácil... Na verdade, foi a grande invenção, do, do século assim pras pessoas com deficiência visual..(Nossa, é ótima pra todos)... Com certeza... Lavar roupa tenho que te confessar, que sinceramente nunca experimentei... (risos)... Sinceramente não sei como vai ser, ainda não precisei, mas por exemplo limpar casa assim eu tenho uma certa dificuldade pra varrer por exemplo, eu não enxergo a sujeira, então as vezes quando eu tentava quando era mais novo e tals, eu sempre acabava sujando mais do que limpando, porque ficava muito mais espalhado né. Enfim, eu acredito que, é sei lá, vamos supor que eu vou morar sozinho, eu acredito que eu vou me adaptar em relação a isso, é... mas... atualmente como, como ainda não é fundamental, eu não desenvolvi... Aquela questão, assim... Você vai desenvolvendo é... Maneiras e métodos de, de facilitar o seu dia a dia né, e ainda não foi necessário que isso acontecesse como em muitas ocasiões né, fazer comida por exemplo. Mas... eu acho que, não sei, eu acho que é mais em relação a limpar casa assim, passar com a vassoura, limpar com a vassoura, varrer na verdade né, acho que seria realmente, é, é, algo que eu demoraria um tempo a mais pra me adaptar. (Mas seria realizado...) Sim, sim.

P: Em relação a essas atividades, de 0 a 10, qual seria o grau de dificuldade?

R: Nove. (Nove) É, nove...

Rotina:

P: De maneira simples, me diz qual a sua rotina em uma semana típica (Segunda a domingo)? R: Então... É... Atualmente... Eu tô basicamente indo apenas pro trabalho... Eu trabalho em dois lugares, dô personal em uma clínica... E dô aula em um outro lugar, em uma outra... Em uma academia... Então basicamente, atualmente assim... Até esse... Até então, tá sendo essa a minha rotina... Eu tô indo pro trabalho, casa, assim... É... na verdade eu gostaria de ter começado a fazer a Licenciatura, já nesse começo do ano, mas... mas algumas coisas não saíram como não eu imaginava... Até por que na verdade tá uma confusão... Parece que vai unir as duas áreas de novo, não vai, e tão meio que nessa, assim... E onde eu ia fazer não abriu, acabou não abrindo turma, então... Talvez no meio do ano comece a fazer... Aí minha rotina vai voltar no que era ano passado, por exemplo... Que era bem mais ... Bem mais movimentada... (Bem mais agitada) Mas atualmente tá ... tá bem tranquila assim, por enquanto... **P: Fim de semana, você costuma ficar em casa... Como que é?** R: Então... Final de semana...A gente sempre dá uma saída né... Eu não gosto muito de... De... Lugares escuros e movimentados... Justamente por causa da visão... Então, e bastante barulhentos, tá....Não gosto de balada, por exemplo ... De vez em quando eu vou, mas eu não... Não gosto.. é... Então normalmente eu vou na casa de amigos, ou... Vou bastante em casa de familiares... A gente sempre faz alguma coisa, tudo mais... É... de manhã, de domingo, vou na igreja, tals, né... A noite a gente sai, assim... Entre família mesmo... Mas... É... é realmente né.. rotina... Que eu tinha esquecido de comentar...

Educação

P: Já sei, mas vou perguntar pra deixar registrado... Qual a sua escolaridade? R: É... Ensino... Que na verdade, assim, eu tô sempre acostumado a responder... Agora é Ensino Comple... Como é que é? Ensino superior completo. (risos) (Verdade, dá aquela travada, quando a gente acaba de se formar).. Isso, não, que nem aquela questão de 'Você tem

quantos anos?’ ‘Vinte e três, não, vinte e quatro’, se perde... (Não, acabou de fazer aniversário, mais ou menos isso)... (risos) É mesmo...

Escola regular seria até o ensino médio, você já me falou, mas em que série, ano, você saiu? Saí em dois mil e nove. **P: Tá, dois mil e nove você tinha quantos anos?** R: Dee...Dezoito, dezenove... Dezesete ou dezoito?... Na verdade eu saí com dezesete, mas em janeiro eu fiz dezoito...

P: Como realizava o trajeto da sua casa até a escola? R: Era em frente de casa... Eu morava na frente da escola... Você atravessava a avenida e tava ali... **P: Você ia sozinho?** R: Ia sozinho... **P: Não enfrentava dificuldades?** R: Não... É... A questão de atravessar a rua... Mas era o de menos, era ali em frente de casa, era só atravessar a rua... Era uma avenida, era duas ruas né... Uma assim, tinha uma canteirinho e a escola... **(Bem tranquilo então)**...

P: Como foi a sua vida escolar? Tinha boas notas? Não tinha? Repetiu de ano? Coisas assim? R: Então... eu era um aluno bem ‘nerd’, pra ser sincero, assim... Até por que na verdade... Naquela época, eu realmente precisava, né... Ter essa, essa preocupação a mais... É... Por que não tinha nenhum recurso e tudo mais... Então tinha que depender do, depender muito mais de, de... É... de um cuidado maior em relação a isso do que na faculdade, por exemplo...Que eu tinha mais recurso, né... Então tinha que sentar na primeira carteira... Por que eles tratam a deficiência até hoje assim, né... A pessoa com deficiência precisa sentar na primeira carteira, né... E... E.. Ahn... Então assim... Até a quarta série, a professora, no caso, escrevia no meu caderno, e eu copiava em baixo, por que eu não conseguia enxergar na lousa... Aí eu na quinta série, lá... eu conseguia aquele monóculo que comentei com você... Aí eu conseguia copiar da lousa... conforme foi passando os anos foi ficando vez mais difícil... Por que tinha muito mais matéria, né... Então, eu abandonei por que era muito novo... Por que eu tinha que regular, ler, pra poder escrever, né... Daí puts, era muito tenso... E depois... na sexta, sétima série eu consegui esse óculos aí...Que aí ele me ajudou bastante...É... só que os professores não tinham preparo algum, assim, pra lidar com pessoas com deficiência... **(Bom, você já me respondeu a próxima pergunta, mas pode continuar...)** Tinha alguns professores bons, assim... Pess... Bons assim, né?! Professores, é... Interessados, né, em ajudar... Mas não tinham... Preparação... Tem.. Assim... A medida do possível eles ajudavam... Mas também não tinha muito o que fazer... Na verdade... O diferencial no... Na minha educação, inclusive na faculdade... Foi o meu discernimento da situação... Eu mesmo apresentava soluções...É... Por que assim... Eu tinha, tive amigos que estudaram... Comentei com você né, que saíram mais tarde... E eles não tinham esse... Esse... Esse discernimento... De... De como fazer, e tudo mais... E... E assim, eles ficavam sentados... Debruçados e... Boa, assim, sabe?... Então eu, eu me preocupei, assim, eu... Eu entendo que, em relação às pessoas com deficiência, pelo menos deficiência visual que eu tenho mais contato... Eu tive uma ... Uma... É... Uma educação básica um pouquinho melhor, né... Apesar de ser escola pública, mas enfim... **(Eu ia te perguntar isso, se era escola pública...)** É, escola pública, isso... Por que eu, eu... Eu... Ahm... Buscava... Eu tinha interesse de buscar, né... É... Mas se eu fosse depender realmente de fatores externos, é... Realmente seria complicado...

P: Bom, você já me respondeu bastante coisa, agora vou pular algumas perguntas... A escola divulgava atividades extracurriculares pra vocês? grupos de estudo, grêmio estudantil, jogos, teatro, estágios, essas coisas? E você participava de alguma dessas atividades? R: É... É... Tinha o grêmio, né... Grêmio escolar... E Jogos... Jogos escolares ... Que eu sinceramente não tinha... Não tinha... É... motivação alguma de participar, né... Na verdade, naquela época, é... Em que? Em Dois mil e pouquinho, vai... Tava se começando a

pensar ainda na educação física adaptada... A educação física adaptada, no cenário nacional, ela chegou em mil novecentos e oitenta, né... Na década de oitenta né... Onde teve... Teve vários congressos, e tudo mais... E ainda tava muito naquela... Naquela ideia da segregação... Então a pessoa com deficiência, ela fazia parte da aula... Mas ela não tava incluída na aula... Ela tinha o seu papel específico, né... E... E quando ela não era excluída, né?... Exclusão, é... Enfim... É... Foi esses dois cenários que eu, hoje como profissional, eu consigo enxergar nitidamente, né... O como ocorria a educação física, né... E.. E eu tenho esse... Esse parâmetro pra tá falando, né?... Então, assim... Eu ficava nas aulas de educação física, por exemplo, eu ficava sentado jogando pebolim... Com uns alunos que não queriam fazer atividade, né... E eu conversando com as meninas, e tudo mais, enfim... Mas... Até por que não tinha condição alguma, né... Naquela época, eu ainda não tinha... O conhecimento de habilidades motoras que eu tenho atualmente... Hoje, sei lá, se eu for brincar, por exemplo, de jogar alguma coisa, mesmo com o pessoal que enxerga, eu ainda, por ter uma noção maior de espaço, e de movimentos, né, de... Enfim... Do próprio jogar em si... Eu conseguiria ainda fazer uma coisinha... Mas naquela época, sem chance... E aí... É.. O professor não tinha a capacidade, é... De, de... Não tinha na verdade conhecimento, não é nem questão de capacidade, não tinha conhecimento... De fazer essa interação ... Ficar mais... É... Ficar mais... De fazer essa ... Essa inclusão acontecer... Que na verdade, a inclusão, ela nada mais é que fatores que facilitam a interação tanto das pessoas com deficiência, auxilia as pessoas com deficiência... E as pessoas sem deficiência... **(Exatamente...)**

P: Bom, além dos professores, alguma barreira... Não só da... Tirando os professores, outros profissionais... Ou da própria arquitetura... Entre outras coisas que você teria para acrescentar, que você acredita que não era uma preparação da escola? R: Não, é... A escola tinha um monte de escada, e... Pra ir pra quadra, assim... Na verdade escola tinha salas de aula, e pra ir pro pátio, tinha uma escadona, aí pra ir pra uma quadra externa, tinha outra escadona... Então a escola era totalmente irregular, assim... Escola pública, né? **(Escola...)** Pronto, já ... E assim... Então, inclusive... Eu lembro de algo bem engraçado que aconteceu... Engraçado hoje, né... Eu tava tipo, na segunda série... E aí tinha que descer pra cantar o hino... Não sei quantas vezes na semana lá, né... E aí eu fui descer, e tudo mais... Tava todo mundo lá em filinha pra cantar, e não sei o que... E aí tinha a galera do ginásio, lá do... Tava sentada... Na escada, né... E eu fui tentar desviar e acabei... Caindo, fui rolando escada abaixo... Tipo, uns vinte degraus, assim... fui rolando lá em baixo... (risos) Eu ergui assim... Todo mundo olhando... A escola inteira, assim... Bem coisa de... De filme mesmo, sabe?... E aí, os professores já vieram me levantar, não sei o que, nananá... Mas... Mas demonstra obviamente, um despreparo... Completo, naquela época da escola... Hoje em dia, eles reformaram... Não sei como que tá... Na verdade não tá muito melhor... Mas tem né... Tem umas rampinhas ou outras ali... Mas assim, por exemplo... Se tivesse uma pessoa usuária de cadeira de rodas, com certeza ela teria muita dificuldade pra acessar várias partes do... Da escola... Principalmente... É... Sala de leitura... é... pátio... refeitório... enfim, quadra... Não tinha como...

P: Essa pergunta não tem aqui, mas você não se lembra de terem, de ter outros alunos com deficiência nessa escola? Inclusive Deficiência física, que foi o que você citou aqui? R: É... na verdade... Eu fui meio que o percursor, assim... Na escola lá, sabe?... E então, os outros alunos com deficiência que... Que... Que vieram... Eu sempre fui... Eu sempre fui muito próximo da direção, assim... Dos professores... Por que tinham muitos professores que realmente não se interessam, e tinham muitos que se interessavam... Então essa... Essa conversa... É... É.. De, de como melhorar... Era meio que diária, assim, sabe?... E... E como também eu era meio nerd, então era bom aluno, então a relação com o professor era muito

facilitada, assim... Principalmente com a direção... Então... Quando chegava um aluno com deficiência, eu mesmo... Engraçado isso, né... Engraçado e trágico, mas enfim... É... quando eu tinha, sei lá, doze anos que eu comecei a ter um discernimento maior ... Eu meio que falava 'ó, é legal vocês fazerem isso, isso e isso' ... É... 'tentem não fazer isso' ... (risos) Inclusive me colocaram uma vez, pra conversar com a mãe de um aluno **P: Você era o anfitrião, então?...**
R: Isso, basicamente, isso, assim... Eu basicamente... Basicamente meio que... Auxiliava a escola a como lidar com esse tipo de situação... então eu lembro que tinha duas pessoas com deficiência visual... Mas elas chegaram na escola, acho que eu estava na sétima série, tava já... É... tinha um menino, que ele tinha... Ele era hiperativo... Ahm... Ele era hiperativo... Era... E ele tinha um déficit de... De... Cognitivo... E deficiência visual, também... Déficit visual também... Ele tinha duas deficiências, né... A cognitiva e visual... E... Eu acho que depois teve uma... Uma menina que estudava a tarde... Que tinha deficiência física... A menina, ela andava de cadeira de rodas, e... Acho que o que eu lembro, só, mas... Deve ter tido mais assim, que eu não lembro...Eu lembro só esses...

P: Agora finalizando essa parte, de 0 a 10, como avaliaria sua participação na escola? R: Hmm... é difícil falar, né?... Se você por pensar hoje em dia, no que é ideal, seria três, quatro... Mas... Mas pra aquela época, o que eu já participava, era muita coisa.. Tinha outras pessoas com deficiência naquela época que não faziam metade do que eu fazia... Então.. É difícil você, enfim... São dois pesos, duas medidas, sabe?... Você tá perguntando em relação a hoje em dia, ou à aquela época? **P: É em relação à aquela época. Como que você avaliaria?**
R: Uns sete, oito...

P: Bom, eu já sei seu curso, mas qual o curso que você se graduou? R: Eu fiz bacharel em Educação Física...

P: Recebeu algum auxílio da universidade? R: Em que sentido? **P: No sentido de precisar de alguma coisa, ou auxílio financeiro... Coisas assim? R:** Não.. É... A universidade, ela... Em relação ao coordenador do meu curso, né... Auxiliou no sentido de ... de... da matéria em si... específico... Mas em relação à infraestrutura, por exemplo, por mais que a (nome da universidade)... não sei se podia dizer (**Não, não, eu apago**)... Ah, beleza...Por mais que a universidade, ela, ela, tenha piso tátil, tenha bastante rampa, não sei o que, mas, mas ela... Eu estudava a noite, assim, é... [telefone vibrou, não entendível] Os blocos eram muito parecidos, eu já cheguei a entrar em banheiro feminino, pelo menos na faculdade, os primeiros meses, que eu não conhecia direito a estrutura... Eu cheguei a entrar em banheiro feminino... Por que não tinha... era muito igual, assim... O bloco, salas de aula... Em cima e em baixo, dois andares... E dois banheiros na ponta, um era feminino, então... É... Já, né, teve-se essa dificuldade, assim... Mas foi nesse tipo que eles auxiliaram, é em relação ao curso em si mesmo... (**E não a nada externo...**) Não.

P: Em relação a atividades extracurriculares da universidade, assim, você chegou a participar de alguma coisa? Eventos científicos, festas, jogos, apresentações? R: É, é, eu nunca tive muito saco pra isso, na verdade, sabe?... Então Ah, vai ter festa junina... Eu não ia pagar um negócio que eu tava pagando pra tá ali, entendeu?... Não ia, até por que eu... Como comentei com você, eu não gosto de lugar com muita gente e escuro, entendeu?... Eu já cheguei a ter amigos que apanharam, por que tava olhando pra frente, são cegos total, né... E aí apanharam por que tavam olhando pra frente... O cara achou que tava olhando pra mina dele... E aí, enfim... Então eu, particularmente, é algo da minha personalidade... Eu realmente não gosto... Disso, entendeu?... Então eu meio que não (não entendível)... Em relação a... a por exemplo, que a gente (não entendível) feira de conhecimento, é... Apresentar o curso pra galera que tá... se formando no colegial agora... Eu também nunca tive muito saco pra isso...

Então foi mais, algo, algo... Meu, de não querer participar, do que a faculdade em si não oferecer... Algo que eu participava por que... Era obrigado a participar, por que a gente tem hora pra apresentar, né... Hora curricular... É em relação às corridas, e tudo mais, ter que trabalhar, e acabava trabalhando, não sei o que... E aí era tranquilo, assim... Primeira corrida, obviamente, a gente... A gente estudou uma maneira de me colocar, pra garantir ser útil, né... E aí depois da primeira corrida que a gente viu que era tranquilo, e aí rolou assim, vários lugares de trabalhar...Dentro e até mesmo fora da... Da universidade, em relação ao próprio curso e tudo mais...

P: Começou na universidade isso então... Esses trabalhos com corrida, no caso? R: Isso, é...

P: Bom, em relação ao seu ensino básico, melhorou ou piorou sua participação, se você comparasse a sua participação na universidade e sua participação no...? R: Ah, melhorou... muito, muito... é...

P: Como de praxe, que estou fazendo...De 0 a 10, como você avalia sua participação na universidade? R: Hum... Dez... No sentido de... O que eu não participei foi por que não quis, não foi por que não consegui, entendeu?...

Trabalho e renda

P: Bom, em relação a trabalho e renda... Exerce ou já exerceu algum tipo de atividade remunerada? R: É... Já... Já exerci... E exerço, né... Na verdade... É... as coisas anteriormente eram como estagiário, mas estágio remunerado, né... E atualmente eu sou formado, mas... É... Aquela coisa né, não sei se você conhece como que é a área da educação física... **(Eu sei)** É... Você se esforça muito... Aí vem um profissional que nem aparece na aula e aí se permitem a ganhar extremamente pouco... Cinco reais hora aula... E aí no começo da carreira você tem que se propor a receber um pouquinho mais que isso... Por que se não você não trabalha...Os, os empresários preferem... É... preferem... ter profissionais não tão qualificados... E... só que (não entendível) com muito maior do que profissionais que são preocupados com a qualidade da aula... E... do que com os alunos, né.. Então, ou seja... Os empresários acabam visando.. É... O imediato, em vez de... de ... de visar ali, o benefício para o cliente, né... E obviamente... isso deve se tratar em relação a isso, infelizmente... essa é a realidade atual, assim... Eu tô ganhando o que eu ganhava enquanto estagiário numa empresa muito grande, muito boa, inclusive foi uma honra ter estagiado nessa empresa... Pra.. Não sei se você vai conseguir entender essa comparação, mas no primeiro ano de estágio que eu poderia estagiar, que foi no meu terceiro ano de faculdade... Que era estágio remunerado... Eu tava num lugar muito legal ... Onde estagiava, é... Que é algo que eu gosto bastante de trabalhar... Que é com natação, né... E já tava muito contente no lugar... Aí tive essa possibilidade, fiz um processo seletivo, acabei passando pra estagiar nesse outro lugar... É como se fosse um Barcelona, um Real Madrid da minha área, assim, sabe?... E eu... Eu... Cara, aprendi muito profissionalmente lá... E aí eu saí pro mercado... Tô recebendo até um pouquinho menos do que eu ganhava como estagiário lá... Pra você ver como que é... **(Eu sei de onde você tá falando...)** Então você imagina... **(Sim...É um sonho aquilo ali)** É, é um sonho... Não, imagina... Vou falar pra você... Tem algumas coisas que eu me decepcionei quando eu entrei ali, assim... É... Mas, cara... É fantástico... Mesmo não sendo aquele... Aquele... Aquilo tudo... É muuito mais, mas assim ó... Cara, não tem nem comparação... Não tem nem comparação...Os profissionais que trabalham lá, até no sentido de...De... É... De compreensão do que é educação física... E por que as outras áreas que tem vários profissionais de lá ... E é fantástico, eu vou trabalhar lá... Isso tá decidido já... **(Ah, tomara... Tá decidido então? Assim que se fala)**

P: Bom, não tem essa pergunta aqui, eu esqueci de fazer... você tem a pretensão de realizar algum curso de pós graduação? R: Pretendo, na verdade eu também gostaria de fazer a licenciatura... Eu acho que é um complemento muito bom, inclusive não sei porque eles separaram a área, só pra ganhar mais dinheiro... (**Também acho**) E...Mas assim, é... Eu gostaria por que na verdade, beleza, fiz bacharel, né... E aí quer dizer então que você não vai usar conceitos da licenciatura no bacharel? Não... Você fez licenciatura... Quer dizer que você não vai usar conceitos do bacharel na licenciatura? Não...Então eu gostaria de fazer esse complemento, primeiro... E gostaria de fazer duas pós... É... inclusive são na (nome da universidade) em Campinas...Uma em relação à natação... Que é a minha área (não entendível) desde pequeno tô nessa área aí...E gosto... Sei lá, eu me adaptei a dar aula.. Isso né... E também tem uma em relação a... a... Esporte adaptado em si, não apenas, não apenas... Isso é dentro da área da atividade física, da educação física, e não é da educação especial, né... Então.. É um pouquinho mais voltado ao alto rendimento ou pra, pra realmente prática de esporte do que pra inclusão social, assim... É um pouquinho diferente... Quer dizer, é a mesma coisa, mas tem um outro enfoque... (**Outro enfoque...**) É isso, é... E tem uma pós também que eu ... Algo que eu também tô trabalhando bastante atualmente, que eu gosto bastante, é treinamento funcional... Eu ten, eu odeio academia, ficar puxando ferro, tals, e treinamento funcional foi onde eu também me achei, uma outra área de interesse que eu pretendo também fazer uma pós... Quem sabe depois... Mas pretendo fazer uma pós, que é uma área muito legal de trabalhar...

P: Bom, em relação a trabalho e renda de novo... eu tinha perguntado pra você né, se tinha exercido atividade remunerada... Esse trabalho atualmente é formal? Assinado em carteira, e tudo mais? R: Não... Imagina, na minha área (risos)... Assinado em carteira tem que ser em um lugar bom, assim...(Exato) Os dois lugares que eu estagiei... Eu poderia, é...Eu poderia hoje tá registrado, né... Em primeiro lugar, eu preferi sair pra... pra dar um salto, né... De conhecimento e tudo mais... E talvez se eu continuasse lá, se eu estagiasse lá até o final da faculdade, eu talvez hoje estaria com a carteira assinada... Mas, é... Mas eu preferi, eu preferi, sei lá, pensar um pouquinho fora do... Da caixinha ali, né, e tentar esse objetivo... E eu só não estou nesse lugar por que esse lugar que eu estagiei, que eu comentei que é tipo o Barcelona, precisa passar em concurso, né, então... Enfim... Esperar abrir o concurso pra passar, né (**Só no aguardo**)

P: Tem uma pergunta aqui que chega a ser triste pra gente da área, mas o salário é correspondente à função? R: Imagina... (**Nunca é**) Imagina, olha... Eu, eu, assim... Cara, o que me faz continuar onde eu tô trabalhando, é por que você precisa de contatos, querendo ou não na nossa área contato é muito importante... E... E a alegria... Por que, assim, a alegria que você vê no olho da pessoa que tá fazendo a atividade física, é... E... vendo que atividade física, no teu exercício físico, assim, auxilia a pessoa... Então, eu...é... Eu não gosto muito dessa questão fitness... Eu não trabalho com fitness... Tem alunos que buscam a minha aula pra fitness, é obviamente um enfoque, é obviamente um objetivo, mas eu tô trabalhando, por exemplo, isso é um pensamento muito de onde eu estagiei e tals, assim, Por isso que... Por isso que eu quero de qualquer forma trabalhar nesse lugar, por que é um pensamento muito próximo... Nessa questão de qualidade de vida... Então a qualidade de vida... você tem sim a parte física, mas você tem também a parte... a parte social, de interação, entre professor e aluno, entre aluno e aluno, e você tem ganhos de outros fatores, como por exemplo equilíbrio, questão de atividade motora, enfim... E... então, o que me faz, assim, eu tô comentando isso, por que você me perguntou do salário...O que me faz seguir em frente nesse momento de... de... é... enfim, de trabalho escravo, pra ser sincero, é... é.. é você na aula, você é, não sei

assim... você que é da área, provavelmente já deve ter sentido esse sent... sei lá, essa sensação de... De... Eu tô fazendo a diferença pra essa pessoa, sabe? Então é o que me faz seguir em frente, por que, é... Com todo o respeito, assim, é ridículo, né, mas... Mas o que eu ganho em uma hora aula, eu... Se eu fosse cortar cabelo, eu ganhava em dez minutos, por exemplo... E... Mas, enfim.. Eu tenho certeza que o bom profissional, ele faz o seu salário a longo prazo... Então... Eu me considero já, um bom profissional, e sei que obviamente que preciso aprender muito mais, eu me formei recentemente, né... Mas tendo em vista os profissionais que eu vejo, sinceramente, não é, pô, você é da área... Não é querendo... Não é querendo me achar não, assim, mas ... Cara, você vê muita merda, muita merda, muita, muita ... **(Ah, você vê mesmo muito)** Nossa... é assim, algo que, cara... Eu sou uma pessoa muito... Eu sou uma pessoa muito sistemática, comigo mesmo assim, eu sou uma pessoa extremamente exigente comigo mesmo e com as pessoas que estão a minha volta, assim... Então as vezes eu vejo algumas coisas, e eu obviamente, eticamente e profissionalmente não posso falar, né... Não posso.. Mas até por que não é minha função, se fosse com certeza eu falaria, né... Mas eu vejo algumas coisas, eu falo 'cara, que que eu tô fazendo aqui' Assim... Mas enfim, isso, é... É.. Aquela questão, né.. Todo mundo precisa roer um pouco de osso no começo, né, e eu prefiro entender, prefiro ver isso como um aprendizado, como... Algo que quando eu alcançar o que que quero alcançar, eu vou olhar pra trás e... E vou ver tudo isso como um aprendizado... **(Depois que acabar a entrevista, eu tenho muita pra falar, vou até segurar a boca, por que eu super concordo com as coisas que você tá falando, mas vou focar aqui se não, não pode...)**

Participação social, entendo isso como mobilidade, acesso aos serviços, vida social, e engajamento em atividades políticas e de cidadania, atividades físico-esportivas, culturais e de lazer

P: Você já me respondeu, mas, você sai de casa? Com que frequência? R: Olha, eu, particularmente, eu, assim.. Sou uma pessoa muito mais caseira... Eu troco fácil uma... Sei lá... Uma... Qualquer barzinho, alguma coisa por um cobertor e um filme... Eu troco fácil, mas fácil mesmo, assim... Até por que eu não gosto de beber e... Os meus amigos, a maioria são, são mais velhos, são, tem namorada e tudo mais... Então.. Quando eu saio, a gente, a gente sei lá, vai na casa de um amigo, fazer alguma coisa, não sei o que... Agora sair mesmo assim, tipo barzinho, balada, cara... Esse ano acho que eu não fui ainda... Pra você ter ideia... De vez em quando eu vou e tudo mais, mas esse ano eu não fui ainda...

P: Bom, você já me respondeu também mas faz uso de algum meio de transporte? Qual seria? R: Ônibus, e ... É, é... é... Seria mais carona, né, carro... ônibus, quando passa nessa porcaria aqui, e a pé mesmo...

P: Bom, você já me respondeu uma das dificuldades que você enfrenta pra esse meio de transporte. Teria mais alguma pra me dizer em relação a ela? R: Ahm...É... É aquela coisa né, nunca é, assim... Não tem muita linha... Então você acaba sendo... É... Acaba tendo uma dificuldade maior pra chegar em alguns lugares... Eu já cheguei a perder empregos, assim... Emprego assim, né.. .Eu já cheguei a perder oportunidade de estágios, antes de estagiar nos lugares que estagiei... É... Por causa dessa dificuldade... Então ó, o ônibus até tinha ônibus perto de casa, onde eu morava, mas parava, sei lá, por exemplo, na rua *****, e ali era ali perto da... Do... Como que chama aquilo de jogar bola lá? Isso, *****... E era ali perto e... E aí eu não quis arriscar ter que ir pra casa todo o dia, aquela rua ***** ali por que...É a rua *****? Não é a rua ***** , Como é que chama aquela rua? Rua das... Aquela rua que vai pro shopping **(Ah, não sei se é ***** agora não vou lembrar)** É, acho que é isso...

(**Aquela grandona**) Isso, é... E aí que lá é muito movimentada... E aí não tem nenhum sinalheiro, não tem nenhum, ah, e eu não arrisquei...Então assim, é... Também tem essa questão de as vezes os pontos, os lugares que eu tenho que ir, serem um pouco longe... Não terem...Serem espaçados e tal... Seria mais essa dificuldade...

P: Bom, como avalia a acessibilidade do seu bairro? R: É... Pra mim é mais tranquilo, assim, sabe? Não preciso, por exemplo... De rampa, não preciso, por exemplo, de piso tátil... É... O bairro, é um bairro tranquilo... Então, quando eu ando por aqui mesmo, não utilizo nem a bengala pra atravessar a rua, por que não precisa...Mas, algumas ruas e algumas calçadas é... Complicado, assim... Algumas ruas, pessoas usuárias de cadeiras de rodas com certeza não iriam conseguir passar, assim, sozinhas né?... Então eu acho que vale como todo o Brasil... Não tem... Não tem como fugir disso... é... Infelizmente, as pessoas, elas se preocupam com isso mais, mais quando elas tem alguém na família ou passam por isso... Do que... Do que se não, tanto faz, vou fazer ali minha calçada e aí, vou colocar... Eu vou colocar um matinho, não sei o que, vou colocar lixeirinho, não sei o que... Colocar nananá... E assim vai né...Enfim... Mas é... Tamo caminhando, acho que melhorou bastante dos últimos anos pra cá em todo o Brasil, né?... Acho que... Pelo menos isso acho que... Acho que isso não retroceda, que a longo dos anos aí, eu espero ver na verdade, daqui alguns anos, espero poucos anos... Mas, mas por exemplo lá, na Europa, né, Estados Unidos que você tem calçadas que permitem uma acessibilidade muito importante... Por exemplo lá no mercadão, tem aquele piso tátil... Eu acho que isso é uma grande enganação né... As pessoas colocam piso tátil ali, colocou o piso tátil ali pra matar a pessoa com deficiência, Por que eles colocam bem em cima, bem na beiradinha da escada, assim... Se o cara dá uma escorregada, passa um ônibus, já era a pessoa com deficiência... Acho que é pra acabar com a estatística da cidade, não sei, enfim... Por que não faz sentido, não faz sentido colocar bem na beiradinha da calçada, (não entendível) cai atropelado, não faz sentido... E enfim.. aqui no bairro não tem piso tátil, não tem rampa, né... Mas pra mim, pra mim... Não tenho problema com isso...

Se não participar de nenhum projeto ou o mesmo não envolver atividades esportivas, culturais e de lazer:

P: Bom, você já me explicou sobre a acessibilidade, vou pular a outra pergunta... Em relação a atividades físico esportivas...Tirando o que você faz como profissional...Você realiza, com frequência atividade física? R: Olha, eu fui atleta, pra falar a verdade, né... e... É, depois que entrei na faculdade, eu tava em overtraining, hoje eu entendo isso... E acabei parando de treinar e tudo mais, e aí comecei a estagiar, tal, e aí engordei pra caramba.. Ainda mais época de TCC, e eu, enfim... Acho que eu preciso emagrecer urgente, mas atualmente eu não tô fazendo assim, por que... O que eu faço, é sei lá, eu to dando uma aula e tem quinze minutinhos, eu vou lá dar uma nadada assim, e papapá... Mas... Ou então tô dando personal, tô com personal, aí tem uma horinha aí... Entre um personal e outro, aí eu vou lá dar uma treinada de personal... Aí nada, nada... Eu ainda não sentei e montei um treino pra mim... Uma rotina de treino pra mim... E isso (não entendível) Ainda não peguei pra notar, mas eu sei que preciso (risos) (**Acabei dando uma indireta sem querer, tô brincando... Então a atividade física você faz nos seus intervalos que você falou..**) É... é... (**E já foi atleta então, tudo bem**)

As atividades de lazer, já perguntei, casas de amigos, bares você já falou que prefere mais ficar em casa!? R: É... (**com cobertor**) R: É... Por que na verdade, assim, né... Pra pessoa com deficiência, principalmente pra quem não dirige, é muito complicado essa questão de sair, de conhecer novas pessoas, e tudo mais... Então por exemplo, quando eu vou num bar,

por exemplo, talvez eu ache uma pessoa, uma menina que me interesse... É muito difícil eu, eu, me arriscar a chegar nela, sendo que eu não vejo se ela tá com aliança ou não... É algo, é algo, assim, é... Que só as pessoas com deficiência que vivenciam isso, sabem como que é complicado, né... Tanto é que você vê muitas pessoas com deficiência se relacionando com pessoas com deficiência... Por que elas acabam entendendo esse lado, né... É... As namoradas que eu tive, uma só foi, é.. Ela tinha deficiência visual também... E... É muito, é muito diferente, isso, é muito... As que não tinham nenhum tipo de deficiência... É... tinham, tinham alguns fatores que, que não tinham como explicar, não tinha como compreender, e isso, isso, é... Eu não tô falando que não é possível, isso é... Culturalmente do ser humano, entende?... Então por exemplo... Ah, eu tô a fim de sair... Beleza, vamos sair, onde você quer sair?... Ah, quero ir, pô, tem um show de não sei de quem... Cara, show é uma bosta... Por que você tromba pra caralho, desculpa... Você tromba, você, pô, eu não bebo.. Então, nego, sabe? Enfim... E, e... A... A pessoa com deficiência, é claro, tem suas exceções, tem gente que gosta, enfim... É... Mas, mas, acaba sendo um pouco mais, mais facilitador, esse tipo de discussão, assim, né.. E, assim, então sei lá, vou pra balada, por exemplo.. É.. a gente sabe que os fatores importantes, pra um bom xaveco, né, é a questão do olhar e tudo mais.. Então assim, é... Pô... É muito, é muito difícil isso... Será que a pessoa tá olhando pra mim, ou tá olhando pra pessoa que tá olhando pra pessoa que tá atrás de mim... Ou não tá nem olhando pra mim, tá só com o rosto virado?... Então assim... Eu, eu, obviamente eu só tento, aquela questão, né... Você fica reduzido a alguns momentos em que você sabe que, que, é... Você tem certeza que, você tem cem por cento de certeza que pelo menos a pessoa não é comprometida, entendeu.. Então, é, sinceramente eu não vejo muito... Muito.. É... muito, muitas vantagens em sair, assim, por que você corre o risco de apanhar, por que né... E às vezes coisas de bobeira, assim, sem saber.. Tive amigos que tavam em bar, não sei o que, e o cara já chegou socando, enfim, já comentei com você isso antes, né... E... Então assim... Eu prefiro, além da minha personalidade, normalmente prefiro mesmo ficar mais em casa...Eu sou mais, mais interior, né... Mas também tem esse fator né, então são vários fatores que interferem... Tem essa questão do lado social mesmo de, de ter dificuldade de relacionamento... E tem a questão da personalidade... Então isso, esses dois fatores me, me ... Eu prefiro ficar mais tranquilo, assim...

P: Bom, cinema e teatro estavam em outra colocação mas também tem?... R: Não, não...Eu vou, tipo, gosto de cinema, gosto de filme, adoro filme, na verdade, adoro série... Teatro, eu não, eu não gosto tanto por que é mais difícil, assim, mas eu vou também... Sei lá... Quando era mais novo, assim, a gente sempre ia... Mas cinema, que eu vou mais, assim... É tranquilo.. Cinema você senta na metade ali da sala, e já era, dá pra assistir tranquilo...Mas tem que ser dublado, tem que ser... Aquela questão, né... Volta, com quem que vai? Como que vai? Vai pegar qual ônibus? ... São fatores que acabam, acabam... Por exemplo, ah, sei lá, to com vontade de comer, pra sair um pouco do cinema... Tô com vontade de comer, sei lá, cachorro quente... Beleza, onde que eu vou comer cachorro quente? Pessoal que dirige, pessoal que anda tranquilo na rua, Ah, lá não sei aonde, tem em tal lugar... Vai lá, chama uma galera e vai... Mas isso é um pouquinho mais complicado por que... alguns fatores interferem... Locomoção... Cara, to saindo na rua aí, dois palitos pra tropeçar a noite ainda entendeu?... Então é um pouquinho mais dificultante, assim, essa situação... Cinema e teatro, principalmente cinema é mais tranquilo...

P: E aí você vai com uma certa frequência ou não? Só de vez em quando? R: Quando é um filme que realmente me interesse... Esse filme eu tenho que assistir no cinema, sabe aquele filme que você tem que assistir no cinema? Se for um filme que você fala ‘Ah, bacana mas eu espero sair na internet’ (risos)... Aí tudo bem... Mas quando o filme é muito bom... Eu realmente... Aí eu vou, mas... Também não é tão frequente assim...

(Mas é por escolha no caso?) R: É, é, isso... É mais... Na verdade a questão é mais por dificuldade mesmo, de ir, assim, de locomoção mesmo, é... Do que, do que pela questão social... Do processo... Por que na verdade, é aquela coisa, beleza, você vai no cinema... Aí vamos supor que eu vou sozinho... tem que comprar a porcaria do ingresso... Onde que é a porcaria da fila do ingresso?... Aí beleza, Ah, é na sala três... Onde que é a sala três?... Aí você entra na sala... Aquela puta sala escura... Você fala 'bom, tenho que ficar esperto pra não sentar em uma pessoa'... É a primeira preocupação, assim, não é nem achar um lugar legal pra assistir...É pra não sentar na galera, você vê (não entendível) meio que tá cheia a sala, sabe... Enfim, e inclusive é engraçado, né, voltando assim... É... é engraçado como eu tive que me adaptar no meu trabalho, né... Ano passado, no estágio que eu comentei com você lá... É... Eu trabalhava junto com criança né, então quando chovia e a gente não podia fazer esporte lá fora, então a gente ia pra uma salinha de, tipo cinema né, do lugar, pra fazer... pra assistir filme, alguma coisa né... E cara, assim, pra mim era, era um dos piores dias, assim, por que... Beleza, eu até chegava no cinema, e organizar as crianças, era tranquilo, por que tava tudo com luz acesa, não sei o que... Agora quando apagava as luzes pra começar o filme, não tinha o que eu fazer ali, por que não enxergava as crianças, elas podiam tá se matando ali.. Claro, né, assim, dadas as proporções né, mas o que quero dizer é que, por exemplo, uma pessoa que enxerga, ela.. Ela, ela teria mais é.. Condições de organizar naquele momento ali, então o que que eu geralmente eu fazia? Como a gente tava em mais professores, eu geralmente ficava na porta do negócio, pra que as vezes as crianças iam no banheiro, não sei o que, meio que organizava essa... Esse entra e sai da sala... Mas em relação a organização, não.. .Então, são adaptações, em que eu tive que fazer... Eu gosto de dar aula, ponto... E isso interfere no cinema e tudo mais, é exatamente essa questão, eu tive que me adaptar, em como comprar o... É... como que chama.. O ingresso, em como achar sala, como achar lugar, não sei o que... É uma adaptação que acaba correndo diariamente, conforme a gente vai participando dessas atividades né...

Atividades políticas e de cidadania:

P: Bom, agora mudando um pouco de assunto... Vamos sair do cinema, sair do bar...

Bom, atividades políticas e de cidadania... Você tem documentos de identificação? R: Tenho

P: Título de eleitor? R: Tenho

P: Já votou? R: Já.

P: Quantas vezes, você lembra? R: Ah, desde os dezesseis (**Ah, desde os dezesseis, bacana**) ... Se não foi nos dezesseis, foi nos dezoito...

P: Você participa/participou de algum movimento, organização ou conselho? R: Puts, tinha o CONDEF, aqui em *** ***, que é Conselho...Ah, não vou lembrar agora... Mas era pras pessoas com deficiência... E aí, mas assim... É... Teve um momento em que... Que... A própria prefeitura meio que tentou... é... por meio da secretaria de educação... tentou... tentou fazer parte do conselho... E aí... É... Algumas ideias não batiam e... É... Eu por fim, acabei preferindo me afastar um pouquinho...Até por que também não tinha muito tempo... Na época, comecei a estagiar e, enfim... E aí eu, acabei não continuando, mas eu cheguei a participar uns... Alguns anos, sei lá... (**Participou alguns anos..**)... É, por aí... Acho que no mínimo um... Não sei quanto tempo, exatamente... (**Então você ia nas reuniões, e discutia junto com eles algumas...**) Isso... A gente conseguiu bastante coisa... Esse... Esse...Busalert aí, esse aplicativo pra identificação de ônibus aí, é ... A gente conseguiu, nessa briga aí, né...

Ahm... Foi algo muito importante pras pessoas com deficiência... Principalmente as que não enxergam, né?... Hoje em dia, hoje em dia não uso tanto, por que eu não pego tanto ônibus... Por causa do... Como eu argumentei, né... Do... Da linha e tudo mais... Mas, quando eu morava em outros lugares, no outro lugar que tinha bem mais ônibus era ... Era realmente era uma mão na roda, assim... Principalmente pra pegar e pra voltar...Por que se não, tinha que ficar parando, e perguntando pra galera qual ônibus que era, enfim... Mas... (**Bom... Desculpa, pode continuar...**) Não... eu ia comentar... Mas é isso, assim... Foi essa... Foi talvez uma das grandes vitórias que nós tivemos nesse... Nesse processo todo, assim... Inclusive, na verdade o conselho continua, né... Mas.. Mas eu sinceramente não sei como que tá atualmente...

Acesso aos serviços:

P: Com que frequência você utiliza serviços da comunidade (, hospitais, unidades de saúde, centro de assistência social, até mesmo polícia, vamos lá)? R: Ah, acho que...Cara... é.. a frequência é muito pouco assim...(muito pouco mas...) mas por necessidade mesmo... não por outros fatores, né... Então, por exemplo... é... sei lá... é... **P: Não tem a frequência mas assim... enfrenta dificuldades ou já enfrentou pra utilizar algum desses serviços?** R: Não, não... É, assim... por exemplo, quando eu não tinha ... não tinha plano de saúde ainda né... Que era pelo SUS, era...Aquela questão de fila, né? O único problema era esse, assim... Achar as filas... Mas só chegar lá e pergunta, não tem erro não... (Entrevistadora e entrevistado brincaram sobre se sentir perdido – **Entrevistadora: Esse negócio de se sentir perdido, você se sente a todo instante, é questão de que uma hora a gente se encontra**)

Vida social:

P: Você já falou que vai à igreja, mas tem a pergunta aqui: Você tem religião? Qual é a sua religião? R: Eu sou católico apostólico romano.

P: Você frequenta o ambiente religioso, você já falou! R: Sim.

P: E tem alguma frequência? É sempre? De vez em quando? R: É... cara, eu sou muito ligado à igreja assim, então eu participo de grupo de jovens, vou à igreja, no caso a missa, né? Então a gente tem muita oração, enfim... Eu praticamente passo várias horas da minha semana lá...

P: Então você falou então que participa de atividades no local, grupo de jovens. Já fez amizades... Amizades por exemplo que são duradouras, até hoje, por meio desse grupo?

R: Já... Já sim... É... como é muito grande ... o que acontece? Eu... As pessoas, por eu enxergar... As pessoas ou elas... Elas tem um pré conceito de que eu enxergo mais do que enxergo, ou que eu enxergo menos do que eu enxergo... Então, o que acontece? Às vezes a pessoa me vê na rua, fala 'oi, ***, tudo bom? Não sei o que, nananã' ... Aí vai conversando, vai conversando... E sinceramente eu não faço a mínima ideia de quem que é... Por que eu não guardei o rosto... Então talvez se a gente se encontrar daqui uma semana... Se você não falar 'ó ***, é você quem tá falando, nananã', eu não vou saber quem que é... Então assim, eu já perdi amigos por causa disso... De não ter essa noção assim... E... mas assim... é ... Muitas pessoas que eu tinha um contato muito maior... que eu tenho contato na verdade, muito maior... É... Que acabaram ao longo do tempo se adaptando, né... A essa ... Na verdade, assim... Até eu, sinceramente, não sei dizer o quanto eu enxergo, ainda mais a pessoa que não sabe como que é...

[Após interrupção – Telefone da casa tocou] **P:Você tava falando né.. do grupo de jovens da igreja e tudo mais... A maioria dos jovens eram com ou sem deficiência?** R: Não... é... Tinha uma pessoa também com deficiência... Era deficiência física... Ela tinha metade do braço (não entendível).. e é.. era só a gente mesmo... Pelo menos, na verdade assim... Muitos

faziam, o curso né... Que a gente trabalhava... mas, mas é.. Não lembro de terem permanecido assim... É... e também não lembro se houve outros antes de mim e tudo mais, assim... É... Mas teve alguns amigos que fizeram... Que eram pessoas com deficiência... E aí no curso... No encontro, né, no caso... No retiro, onde a gente, a gente... provavelmente adaptou de uma melhor maneira possível, né... Ainda mais porque depois que eu tava no retiro.. A gente, a gente... Conseguiu auxiliar bastante nisso... E... Mas eles não continuaram por questões... Sei lá... Coisa de locomoção... Mas, mas vira e mexe sempre tão fazendo o retiro...

P: Bom, em relação a amigos você falou que frequenta as casas, tudo mais... A maioria dos seus amigos têm ou não têm algum tipo de deficiência? R: Hummm... Ahh, é meio dividido... Alguns têm... Alguns não têm... Mas assim... Algo assim que é comum nesses meus amigos, são pessoas, é... Muito mais ... Sei lá, muito mais coerentes, assim... Eu não tenho amigos, por exemplo, é.. Muito... Muito... Eu não queria usar essa expressão, assim... Mas eles não são muito, é... é.. ‘zuados’, assim, sabe?!... Que sai, bebe... Sei lá, não curte assim... **(São parecidos)** Isso, são parecidos, exatamente... Então, a maioria dos meus amigos é... Têm namorada, ou são casados... É... alguns estão pensando em ter filhos já... Eu sou, sei lá... Inclusive eu sou o mais novo, assim... Eu brinco que... Sei lá, eu... É, é... É uma outra relação, assim... É uma... uma outra forma de compreender o que é estar junto enquanto amigo e tudo mais...

P: Você tem acesso às redes sociais? R: Sim, é... (risos) Hoje em dia... Cara...

P: Geralmente várias... Quais são elas e com que frequência utiliza? R: Eu utilizo bastante facebook, whatsapp... Odeio instagram... Odeio twitter... **(Fotos, né?)** Não, é, instagram... Sei lá, tipo... O twitter, sei lá, não me chama atenção, assim... Inclusive, o facebook eu só utilizo mesmo porque um amigo meu não tinha no whatsapp, da época que eu tinha o Orkut, que inclusive hoje não existe mais... E aí de tanto ele encher meu saco eu fiz o facebook, assim, mas... Talvez até se tivesse uma insistência maior dessas outras, eu até... Sei lá... Mas eu... Tentei usar, mas não curti, parei, assim... E o que eu uso também é o Youtube...

P: Já fez amizades por meio dessas redes? R: Hmmm, eu fiz mais amizade, é... com pessoas que... que... jogam também né... Tem videogame e tal, né.. A gente joga online... Acaba fazendo amizade de rede social, assim né... Conheço uma pessoa que vira e mexe a gente conversa, mas... Amizade, de considerar ser amigo mesmo, eu acho que não... Eu, pelo menos, assim, de cabeça...

P: Que jogos você joga? R: Cara... eu gosto, eu jogo muita coisa, sou um jogador (não entendi) que hoje não dá, né (não entendi) e não sei o que né... Mas... Sei lá, futebol... Vários tipos de jogos, na verdade, né... Tenho um Playstation quatro... E, assim, a única diferença é que eu preciso sentar bem mais próximo da televisão, assim, mas tirando isso é tranquilo, né... Inclusive eu tenho alguns familiares e alguns amigos que jogam, assim... É meio que um hobby em comum, do meu convívio... Semanal, assim, sabe?! Mais tranquilo, assim **(Tem sempre que ter um encontro sagrado pra jogos né?)** R: É... não.. Tem, tem... É o famoso (não entendi) local, né... (risos) (não entendi)

P: Qual o seu estado civil? R: Solteiro.

P: Você já disse que namorou antes... Por quanto tempo? R: O mais longo.. Acho que foi um ano e três meses, sei lá... O mais curto acho que foi uns quatro meses, cinco meses, por aí...

P: Você já me falou que tinham namoradas que eram deficientes e outras não... Foram mais deficientes ou não deficientes? R: Mais sem deficiência.. Acho que foram umas seis... Sem deficiência e uma com deficiência...

Outras informações:

P: Já passou ou passa por alguma situação adversa ou constrangedora em algum desses locais ou situações? Se sim, qual(is)? O que fez/faz para enfrentar essas situações? R:

Tirando aquela confusão da escola lá que eu caí bem na frente de todo mundo, é... Acho que.. Deixa eu ver, deixa eu pensar... Assim... Tirando a questão do banheiro também, que eu entrei no banheiro feminino, e daí não tinha ninguém... É... Acho que... Só... Sei lá... Ah, uma vez, eu tava, assim... é engraçado né, vou aproveitar pra contar... Eu tava numa loja de roupas, e aí eu tava andando, vendo roupa, não sei o que.. Eu era pequeno, tinha uns doze anos... Pequeno assim, né, adolescente... Tinha doze anos, não sei o que... Andando assim, eu trombei em uma pessoa e pedi desculpa, não sei o que... Aí eu olhei, e era um manequim (risos)... Mas era muito igual... Pelo menos pra mim, naquela época, tendo a visão que eu.. Com a compreensão de visão que eu tenho de que eu tinha naquela época... era muito parecido... Aí o pessoal falava ‘nossa, que menino pancada’... Acho que sei lá, foi mais isso mesmo... Não lembro de nada mais, assim... **(Nada muito grave, que tenha constrangido demais)** Não, é isso ‘pô’ e vai dar risada depois... **(Na hora deixa bravo, mas depois)** Isso, é... Mas acho que é só isso aí.

P: Já sofreu discriminação ou preconceito, de uma forma assim, bem forte? Quantas vezes isso ocorreu? De que maneira? Você denunciou? R:

Bem forte não, assim, pelo menos.. Assim.. É... Já... Assim... Quer dizer... É... Preconceito a gente sempre sofre, né... É... Porque, na verdade, mas assim... Em qual momento você quer dizer ? Vou citar algumas ocasiões... **(Sim, fique a vontade pra citar todas)**... Acho que fica mais fácil pra gente depois poder, otimizar, como que vai ser o negócio... Então assim, a mais triste... Essa é realmente triste, é ... Eu tinha nove anos... E aí foi uma professora substituta lá na escola e tudo mais... Ela falou assim.. Eu sempre fui muito, muito tranquilo em relação à isso.. Então cheguei e falei ‘professora, olha só, eu não enxergo de um olho, a gente trabalha assim, assim, assim... Tal, não sei o que... Qualquer coisa conversa comigo, me pergunta...’ E naquela época eu tinha essa questão de estar aberto a conversar em relação a sobre né... Por que se não também não estudava... Aí ela virou pra mim e falou assim pra mim: ‘Não, beleza, fica...’ Não lembro o que ela falou, eu tô falando como eu lembro, tá? Mas enfim, ela falou: ‘Não, beleza, fica sentado aí, por que eu não sei trabalhar com você...’ Tipo... Exclusão total né... E naquela época era muito comum... Mas enfim, né... E algumas assim... No meu local de trabalho... Nos dois lugares de estágio, né... Nos dois últimos anos de faculdade... Então, por exemplo, no primeiro estágio... Que eu nunca tinha estagiado.. E pra ser sincero, nem eu sabia exatamente como que ia ser... Eu sabia que ia dar um jeito... Eu sabia que eu ia me adaptar.. Porque eu acho que é uma questão também de ter força de vontade, sabe?! De fazer... Como comentei com você... Que eu falei ‘Eu vou trabalhar nesse lugar que eu estagiei ano passado’... Parece até um pouco de... Pode parecer um pouco de... de... é... sei lá... Achismo, vamos dizer assim... Mas não... Eu acho que é uma maneira de falar que você vai seguir, entendeu?! Então quando eu comecei a estagiar... Eu percebia que... Que as pessoas... Elas me colocavam pra fazer algumas funções... É... que não eram tão relevantes.. Então por exemplo... Ah... Tô dando aula, sei lá... Tem quatro crianças... É.. Eu percebia que eu era monitorado ali... O tempo todo... Até eles pegarem confiança.. Depois que pegou confiança... Depois, sei lá, de um, dois meses... Aí era tranquilo... Aí eu realmente comecei... Inclusive, algumas aulas eu até... Como eu comentei com você eu era meio... Eu sou meio exigente... Eu até... Até por achar algumas coisas erradas, eu meio que tomava a frente no negócio assim, sabe... **P: E era um monitoramento além do que é comum para outros profissionais? R:** Além, além.. Isso.. Exatamente... Além... Exatamente... E... Mas eu entendo que isso, na verdade, infelizmente, é algo que tem que acontecer... O pessoal só vai ter confiança em

você, a partir do momento que ela achar que tem que ter confiança... Então.. Por mais que seja realmente um pré... Por que o pré conceito nada mais é que um conceito antes de ter um fato... É... É... Propriamente real, não é?! Então... Então eles achavam que eu não conseguiria dar conta... Isso não é um fato, Isso é um pré conceito... E aí realmente, conforme eu fui trabalhando, eu fui adaptando a minha forma de dar aula... Por exemplo... É... Eu dava aula de natação.. Então eu fazia bastante trezinho... Porque? Por que eu conseguia colocar as crianças de forma que eu conseguir ter uma visão maior.. Eu ficava muito mais próximo das crianças... Eu... Eu... Inventava brincadeiras em que elas não ficassem espalhadas ... Eu adaptei minha forma de dar aula.. E aí conforme eles foram entendendo isso... Provavelmente foram dando mais linha, assim... Então assim... no começo teve essa questão, tudo... Na verdade isso, não é nem uma questão de constrangimento , assim né?!.. Mas algo que realmente aconteceu... E aonde eu estagiei, ano passado, como eu comentei com você... Também aconteceu isso, no começo, obviamente.. Isso é natural... Isso... Na verdade, isso deve acontecer... É praticamente algo bem... Bem estabelecido... Na verdade não é que deve acontecer, mas é algo que infelizmente acontece porque (não entendível) mercado de trabalho, também com deficiência né...E por exemplo, eles não me colocavam pra dar aula de Hidro, porque existia o risco de cair na piscina... E quando eu fiquei sabendo disso, porque não me falaram... Não vieram pra mim e falaram ‘Apelido do entrevistado, como que é a situação pra você?’ ... Não me falaram.. E aí quando eu fiquei sabendo.. É, É... Eu falei: ‘puta, que bosta, né?!’ Tipo... Enfim... Hoje em dia... Eu dô aula de Hidroginástica... Eu adaptei minha forma de dar aula... Então.. Algumas aulas eu entro na piscina... Porque... A minha aula de hidro é diferente das aulas de hidro comum... Eu trabalho outras questões, como comentei... Equilíbrio... Socialização... Então eu acho importante o professor tá dentro da água junto com os alunos... E... Mas... Mas, por exemplo... Eu quando dô aula fora... Que as vezes a aula é mais fitness mesmo... Mas questão de adquirir condicionamento físico, né?!... Então eu geralmente me movimento bastante... Eu me movimento bastante em volta da piscina... Pra ter a maior quantidade de informações visuais possível... É importante... É um dado importante... E até mesmo pra evitar... Pela segurança do aluno, né?! E... Mas, mas... surpreendentemente, assim.. É.. Depois que as pessoas acabam conhecendo um pouquinho, assim, meu trabalho... Ficou mais tranquilo, assim... , Tanto é em relação a Hidro... Eu dei várias vezes lá... Onde eu estagiei, e tudo mais... Acompanhei mais aulas também... Mas assim.. O que falta... As vezes as pessoas tem um pouco de receio, de conversar, enfim... Não sei... Mas é um pré conceito, não deixa de ser um pré conceito...

P: Avaliando todos os setores de participação social (mobilidade, acesso aos serviços, vida social, participação em atividades políticas e de cidadania, físico-esportivas, culturais e de lazer), que nota de 0 a 10 você daria para sua participação? R: Hm... Oito. (Oito? Eu adoro pedir nota né?) Mas, mas é o famoso... Como que é?! Teste de?!... Como que chama aquele teste? (Ixe, agora...) Eu esqueço, mas enfim, eu utilizo bastante também nas aulas.. Eu utilizo bastante pra saber a intensidade das aulas...

P: Alguma coisa a mais que gostaria de falar e que não foi perguntada ou dita na entrevista? R: Como você percebeu, eu adoro falar... Eu falo muito pouco né... Eu acho que eu falei tudo que eu tinha que falar, assim... Não lembro de mais nada...

Jean (J.P.C.S.) 16/04/1986 – deficiência física

Entrevista realizada em 18-03-2016 às 13hrs, na casa do entrevistado.

A deficiência

P: Quando e como a sua deficiência surgiu?

Eu já nasci assim, meus pais tem o sangue igual, só que, o deles, o do meu pai é RH positivo, o da minha mãe é RH negativo, então eu já nasci com essa deficiência. *(A combinação do fator RH fez com que eu nascesse prematuro, por isso a hidrocefalia).*

P: Você utiliza algum equipamento para te auxiliar? Qual?

Não, (Só a cadeira?) só a cadeira.

P: Você realiza ou realizou algum tipo de tratamento ou acompanhamento? Qual?

Onde? Por quanto tempo? Quais os profissionais que te atendem/atenderam?

Eu faço fisioterapia, de quarta feira. (Fisioterapia só?) Isso. (Desde quando você faz?) Desde 2011. (Além da Fisioterapia, mais nada?) Mais nada. *(Também faço acompanhamento com médico neurologista.)*

P: Recebeu alta ou abandonou o tratamento?

Não. Mas eu já fiz fisioterapia e tive que abandonar por causa do cancelamento do convênio, por causa do meu pai trabalhava, e ele saiu da fábrica e teve que parar. (interrupção) A primeira vez. (Aí você parou e depois voltou) Isso.

P: Faz uso de algum medicamento? Qual e para que?

Faço. (Você saberia me dizer qual?) De convulsão, Carbamazepina e Edhanol. (Há quanto tempo, você sabe?) Ah, desde o começo.

P: Tem alguma atividade aqui dentro da sua casa, no dia-a-dia que você consegue realizar? Assistir tv e jogar vídeo game. (Jogar vídeo game é atividade que você consegue sem auxílio?) Sem auxílio (As outras todas você precisa de auxílio?) De vez em quando. (Quais seriam?)

Tomar banho eu preciso de ajuda, pegar sabonete, shampoo, essas coisas.. Que, éh, o chuveiro é no alto, precisa de alguém pra auxiliar pra mim ligar, aí peço ajuda. (Então são mais ou menos essas... E comer?) Comer, eu como sozinho (Trocar de roupa) Trocar de roupa eu troco sozinho, às vezes eu peço ajuda também.

Dou comida aos peixes e cuida do aquário.

P: De 0 a 10, como avaliaria sua independência? Por quê?

Ah, Uns 7.

Constituição familiar e rotina

P: Incluindo você quantas pessoas vivem na sua casa? Qual(is) o(s) parentesco(s)?

São 3, minha mãe, meu pai, e minha irmã.

P: Quantas contribuem para a renda familiar?

Ah, são três também, eu, meu pai, e minha irm (o entrevistado se confundiu e corrigiu), minha mãe.

P: Como é o relacionamento entre você e os demais membros?

Ah, é legal. (É Bacana?) É legal. (Tudo dentro da normalidade, tem dia que tem briga, tem dia que não tem? É mais ou menos isso?) É, mais ou menos.

P: Sua família te estimula a realizar atividades fora de casa (trabalhar, estudar, sair com os amigos, praticar esporte, entre outras)? Se sim, quais? Se não, por quê?

Ah, eu não gosto muito de sair não..(Você não gosta?) Eu não sou a fim de sair não. (Mas eles falam para você sair?) Eles falam pra eu sair, mas eu não sou muito a fim de sair não (Entendi..) Até pra ir no shopping é difícil (É difícil te arrastar pra sair daqui?) Éu prefiro ficar em casa. (O que mais que eles falam para você fazer?) Ah, sair, passear, ir a praça lá perto, mas eu não sou muito a fim de sair. Eu fico mais em casa. (Entendi, jogando vídeo game né?) É.. Jogando vídeo game e televisão.

Atividades de vida diária:**P: Você realiza as atividades de autocuidado (alimentação, vestuário, higiene) sozinho(a)?**

É, higiene também faço sozinho, *alimentação e vestuário também.*

P: Se realiza, de 0 a 10, qual o grau de dificuldade? Por quê?

7 também.

P: Se necessita de ajuda quem o auxilia? E de que forma?

Minha mãe, às vezes meu pai, e a minha irmã também (Os 3 ajudam?) É. (E tem alguma atividade que um ajuda mais do que o outro?) Os 3 ajudam a mesma coisa.

Atividades instrumentais de vida diária:**P: Você realiza alguma dessas atividades dentro de casa? Por exemplo, lavar..**

Lavar não. (Lavar louça, roupa..?) Não. Às vezes, eu arrumo a gaveta, a estante, só. (Arrumação então. Você faz isso sozinho?) É, sozinho.. Ali mesmo eu acabei de arrumar hoje (Fiz uma piada com ele, de conferir se estava bem arrumado.. Usar telefone, você usa sozinho?) Uso. (Administrar medicações, você toma seus remédios sozinho?) Não, isso aí é minha mãe que faz. (Sua mãe que organiza?) É, é que tem que partir, eu não sei como partir, então ela faz isso sozinha. (E você disse que você colabora com o dinheiro também?) É, isso. (E você que administra o seu dinheiro ou não?) A minha mãe tira pra mim, e me dá.. E quando ela precisa eu dô, quando minha irmã precisa pra abastecer o carro, eu também dô, e meu pai também às vezes pede e eu também dô. (Então o dinheiro fica com você e você vai fazendo as coisas) É. (Bom, utilizar meio de transporte você anda mais de carro, você anda de ônibus?) De carro. (E ônibus, você anda às vezes ou não?) Não, nunca andei.. uma vez só eu andei, quando eu era de colo. (E você sente dificuldade pra ir até o carro) Ah, no carro sim, por que minhas pernas é meio travada, então aí é meio difícil. (Aí você tem sempre o auxílio de alguém pra entrar e sair?) É

P: Se realiza, de 0 a 10, qual o grau de dificuldade? Por quê?

9. (Essas são mais difíceis?) Sim, pra entrar e sair do carro é difícil, (Então entrar e sair do carro é mais difícil do que por exemplo...) E pra subir escada também. (E aí sempre você precisa de ajuda) É, auxílio.

Rotina:

P: De maneira simples, diga qual a sua rotina em uma semana típica (Segunda a domingo)? O que eu gosto de fazer é assistir televisão...brincar com o cachorro...dar comida aos peixes...Que eu tenho um aquário, e dar comida aos peixinho, eu gosto de ficar olhando os peixes (**Você então dá comida pros peixes, cuida deles?**) É e gosto de brincar com o cachorro (**E brincar com o cachorro... Elém disso, assistir tv**) é, e jogar videogame (**E arrumar gaveta, né?**) Isso. (**O que mais você faz aqui?**) Ah, só. O que eu faço... (**Só?**) Só.

Educação

P: Qual a sua escolaridade? Onde estudou no Ensino Fundamental II (5º a 8º série)? E no Ensino Médio?

Até o começo do primeiro. (**Até o primeiro ano do ensino médio?**) É, mas eu não cheguei a terminar o primeiro...Foi no começo de abril, *dia 4 de abril de 2006*, pedi pra sair. (**Pedi pra sair do ensino médio? E por que você pediu**) Por que os professores é... meio...sem paciência, pra dizer a verdade... Eu tava escrevendo... Nem chegava a terminar de escrever, eles apagavam. Aí disse pra minha mãe que ia sair por que não tava dando resultado... E também acordava cedo e a escola lá só abria o portão às sete, e eu saía daqui seis e vinte, chegava lá e o portão tava fechado... E só abria o portão às sete horas...Quanto tava chovendo as ve... Quando tava chovendo eu não ia por causa da chuva...Aí eu peguei e pedi pra minha mãe me tirar da escola e estou até hoje sem estudar.

P: Qual ano que isso aconteceu? Dois mil e qua... dois mil e seis... É.. 2006
Quantos anos você tinha, você lembra? Eu tinha... ~~parece que 25 anos~~ 19 anos.
Como você realizava esse caminho, da sua casa até a escola? De carro. (**De carro. Quem que te levava?**) Meu pai. (**Seu pai te levava até lá.. E.. as maiores dificuldades nesse caminho, quais que eram?**) A chuva... imprevistos.. Como, as vezes o carro não pegava e eu não podia ir pra escola...E as vezes também os professores ... também... As vezes eles me humilhavam... Eu saí também por causa disso. (**De humilhação**) É... (**Em que sentido que eles te humilhavam?**) Como um professor de matemática, um dia ele me chamou de burro... pra dizer a verdade... ele me chamou de burro e de lazarento. (**sem motivo**) *Por conta disso eu quase dei convulsão no dia, por que eu fiquei muito nervoso...Aí pedi pra minha mãe... Isso foi na oitava série.. Aí pedi pra minha mãe me tirar da escola e ela não quis...Aí.. o... Eu pedi pro professor mudar.. o jeito de falar comigo, mas minha mãe e a diretora também foram conversar com o professor.. Aí deu pra continuar.. Depois, quando eu me formei na oitava série, tive que mudar de escola. Mas aí ... aí depois não deu mais certo e pedi pra sair depois (**E você resolveu sair**) Eu resolvi parar de vez.*

P: Bom, você já me falou um pouquinho, mas como foi sua vida na escola, desde o começo até esses últimos anos? Ah, foi bem.. aprendi a escrever, a ler...A mexer no computador.. Tenho amigos. (**Tem amigos daquela época até hoje?**) Mas hoje não falo com eles (**Não fala?**) Não, mas de vez em quando eu encontro alguém que estudou comigo...Deu aula pra mim..Só isso.

P: Você chegou a repetir de ano? Nunca

P: E as suas notas, você lembra como elas eram? Era de ci... Era mais ou menos em matemática de cinco pra baixo...em português era de 10... Inglês também...as vezes cinco, as vezes nove. Às vezes 10. (**Então português e inglês era melhor do que matemática**) isso, matemática era mais ou menos (**Ah, mas sempre tem uma matéria que a gente não é boa né. Não tem jeito**)

Bom, na escola. Tinham atividades assim, fora do horário de sala que eles divulgavam, como por exemplo grupos de estudo, jogos? Ah, grupo de estudo eu já participei..., mas educação física nunca fiz (**Educação Física não?**) Não. (**Mas teatro, estágio, várias outras coisas assim?**) Eu nunca fiz isso aí de estágio, essas coisas, nunca fiz (**Nunca fez?**) Não (**Não participou de nada, só o grupo de estudo?**) É. (**E como era esse grupo de estudo?**) Ah, era um monte de amigos, ao redor da mesa, aí nós estudamos, estudando a matéria (**A matéria, aí vocês se reuniam e estudavam?**) É.

Mas no ensino fundamental eu aprendi a tocar flauta e as vezes a minha turma fazia apresentações, no shopping, no SESC.

P: Na sua opinião, a escola estava preparada para receber os alunos com deficiência? E os professores? Não, eu fui o primeiro deficiente a entrar na escola, (**Foi você?**) Fui, o primeiro. (**E você acha que não estava nada preparado?**) Não. (**E o que você acha que devia ter mudado?**) As rampas, a educação, essas coisas. (**E professor, você acha que professor estava preparado?**) Também não. Eu era o primeiro, então tudo o que eles faziam era pela metade, essas coisas.

P: De 0 a 10, como avaliaria sua participação na escola? Por quê? 8. (Oito.) Isso.

P: Bom, você já me falou, mas caso não tenha terminado o ensino médio, qual foi o maior motivo de você não ter continuado a estudar? É.. Foram os professores (**O maior motivo foram os professores?**) É, e também a dificuldade de ir para a escola. (**A dificuldade. Entendi**)

P: Você pensa em voltar a estudar? Ah não sei, viu, acho que não (**Acha que não?**) Não.

P: Essa parte de educação já acabou... agora a gente vai para trabalho e renda

P: Você já exerceu /exerce algum tipo de atividade remunerada? Qual? Não, (**Nunca?**) Não, eu sou encostado (**Não, encostado não, tem outra palavra para isso.**) É, eu sou. Eu não sei como explicar essa. Essa palavra... (**Aposentado?**) É.. Isso (**Aposentado?**) Isso..., mas eu nunca trabalhei (**Entendi, você então recebe o benefício da prestação continuada**) isso. (**Desde quando você recebe ele?**) Desde 2006 também... (**2006 também?**) Isso *Não, eu não recebo benefício de prestação continuada. Acho que se chama aposentadoria por invalidez.*

P: De 0 a 10, como avaliaria sua participação no trabalho? Por quê?

3 pode ser? (**3 Pode ser**) por que eu nunca trabalhei. (**Sim, você nunca trabalhou então, mas teria. Tem vontade?**) Tenho. (**E no que você se imagina?**) Ah, coisas que eu consiga fazer... (**O que você imagina, por exemplo?**) Ah, secretário (**Secretário?**) Que é o mais fácil de fazer. (**Legal... já pensou em procurar?**) Não. (**Alguma vez, não?**) Não... é meio difícil (**Por que é meio difícil?**) Ah, não sei. Eu acho que é. A empresa também... E também é..as pessoas... não são, é. muito. Como posso dizer...educadas com deficientes. (**Entendi, então você acha que as pessoas podem não receber**) isso (**com muita calma**) isso, isso... (**com muita atenção, entendi**)

Participação social: mobilidade, acesso aos serviços, vida social, e engajamento em atividades políticas e de cidadania, físico-esportivas, culturais e de lazer (Explicou o que entendo como participação sociais)

P: Você sai de casa? Não (Não?) Não, eu fico mais em casa (**Fica mais em casa**) isso. (**Mas quando você sai de casa, quem vai com você?**) Minha mãe, para ir no médico, no posto, essas coisas...Dentista... minha mãe (**Só sua mãe?**) Só.

P: Já te perguntei né, você não faz uso de meio de transporte? Não (Só carro) Carro. (**E já me falou que é difícil para entrar e sair do carro**) isso (**E aqui no bairro, você já andou com sua mãe com a cadeira de rodas aqui?**) Aqui não... aqui é difícil... aqui é difícil... (**Muito difícil? Vamos contar de zero a dez, o quanto é difícil aqui**) aqui... para andar aqui precisa ter um pouco paciência com o carro. Aqui é muito movimento de vez em quando...então aqui é. é de zero a dez né? (**Isso**) uns quatro. (**De difícil?**) É.

P: Você participa de algum projeto? Não. (Nenhum projeto?) Não. (**Se você não participa de nenhum projeto, atividade de cultura, de lazer. Você não sai pra, por exemplo para ir ao cinema, ir ao shopping?**) Não muito, *saio de vez em quando*. (**Não. Então vamos lá. Por que que você não sai?**) Ah, eu gosto mais de ficar em casa. Aqui tem acesso para eu ir na cozinha, no banheiro, essas coisas. E outros lugares não. É muito difícil... (**É muito difícil, então você prefere ficar aqui**) é, eu prefiro ficar em casa...

Atividades políticas e de cidadania:

P: Você tem documentos de identificação? RG, CPF? Tenho, isso eu tenho. (**Título de eleitor?**) Não tenho (**Não tem título de eleitor**) não. (**Por quê?**) Por que deficiente dizem que não é obrigado a votar... então eu não gostaria de votar muito não... (**Você não gostaria**) não. (**Então foi uma opção**) foi, uma opção. (**Você participa/participou de algum movimento, organização?**) Não não. (**Nenhuma**) Nenhum.

Acesso aos serviços:

P: Você vai com bastante frequência em hospital, unidades de saúde... Eu vou de seis em seis meses no dentista. (**No dentista, e as vezes em médico também**) É. (**E você já me falou que é sua mãe que acompanha né?**) Isso (**E você enfrenta dificuldades para ir até lá e voltar?**) É meio difícil, é que eu vou de cadeira... motorizada...Então é meio difícil... Carro passando para tudo quanto é lado...Esperar... essas coisas... O posto é apertado...As porta também é apertada... Então.. O acesso é meio difícil... (**É meio difícil então, é complicado ir e voltar**) É..

Vida social:

P: Você tem religião? Tenho, eu sou católico (**Você é católico... Você vai a igreja?**) Não, mas eu assisto a missa todos os dias, de segunda a sexta.. (**Aqui na televisão?**) É, na televisão. (**Então você não vai na igreja**) Não, mas eu assisto a missa. (**Mas já foi na igreja?**) Já, quando eu fiz a primeira comunhão. (**E naquela época você participava de atividades lá na igreja ou não?**) Sim. (**O que é que era que você fazia lá?**) Eu fazia curso pra fazer a primeira comunhão. E a crisma também, eu fiz na igreja. (**Você ia sempre pra igreja**) É, fazer curso. (**E você tinha dificuldades pra ir até a igreja e voltar?**) É por causa que não tinha rampa naquela época... (**Não tinha rampa na igreja**) Não. (**E quem que ia junto com você?**) Meu pai. (**Seu pai ia... Você tem amigos que vem te visitar aqui?**) Tem meus primos, tem um que mora aqui do lado... meus primos, meus tios...Vem aqui de vez em quando. (**E você vai também visitar eles?**) Não, só eles que vem pra cá (**Só eles que vem pra cá.. Eles vem pra cá com muita frequência ou não?**) De vez em quando. (**De vez em quando... tá... E você tem redes sociais? Eu já te perguntei né?**) Não. (**Facebook,**

whatsapp) Isso aí eu não gosto não. (**Não gosta**) Eu não sou muito a fim de rede social.. (**Não, mas o videogame você gosta**) Gosto. (**Então vídeo game tem**)

P: Qual o seu estado civil? Solteiro (**Solteiro.. já namorou alguém antes?**) Nunca namorei. (**Nunca namorou.**)

De vez em quando minha irmã me leva pra ir participar em uma célula de jovens na igreja e as vezes a gente vai passar no shopping. Também já fui no cinema com um amigo, meu pai me levou e depois eu fiquei com meu amigo passeando pelo shopping.

Outras informações:

P: Já passou por alguma situação bem constrangedora Já. (**Em algum desses locais que...**) Já, na escola. (**Na escola foi a pior delas?**) Com o professor que eu já te contei (**Sim**), foi essa. (**Foi essa a maior**) O que a as amigas minhas (**fala não entendível**) quando escutaram isso do professor, começaram a chorar. Tavam do meu lado..três começaram a chorar (**fala não entendível**) do professor (**E o que aconteceu com esse professor?**) Ah, não aconteceu nada... Ele.. Minha mãe falava com ele mas não adiantava nada...Ele continuava na mesma (**Continuava na mesma e ele continuava dando aula**) Isso... Até a quinta série.. (**Até a quinta?**) É, isso (**E alguém mais fez reclamação dele?**) Fez, as minhas colegas, elas fizeram... As mães delas...Os pais, fizeram...Mas não adiantou nada. (**Não adiantou**) Não.

P: Bom, você já me falou então que a situação de preconceito foi essa que você passou né? Foi, foi. (**Avaliando tudo isso que a gente conversou, andar pelos espaços, ir até o posto, ir em cinema... E essas coisas assim, de zero a dez, quanto você daria para a sua participação. O quanto você acha que participa?**) Uns cinco? (**Cinco**) Isso. (**Por que você dá cinco?**) Por que não saio muito de casa, gosto mais de ficar em casa... na minha... sossegado... Sem fazer nada. (**Sossego é melhor pra você**) É... sossego pra mim e a melhor coisa

P: E tem mais alguma coisa que gostaria de falar e que não foi perguntado aqui, hoje? Não não, (**Nada?**) tá tudo Ok...(Tudo ok?) A não ser pra você (**Pra mim tá ok também**)

Mateus (M.M.P) 15/02/1989 - Deficiência física

Entrevista realizada em 18-03-2016 às 10hrs, no local de trabalho do entrevistado.

A deficiência

P: Quando e como a sua deficiência surgiu? Eu lembro que, com um ano e meio, dois anos minha mãe percebeu que eu andava com bastante dificuldade... Andava e caía, andava e caía.. E nesse período ela me levou em uma pediatra, ‘Bom doutora, ele anda e tá caindo demais, não sei o que’, Aí ele já falou ‘Mãe, você não quer que uma criança de um ano e meio, dois anos ande igual a uma pessoa adulta’ mandou embora sem fazer exame nenhum... Aí, continuei... Aí morava em Santa Catarina, daí lá fazia tratamento mas não era aquelas coisas e acabei parando, sempre a mesma coisa... Aí com oito anos.. daí, é, com oito anos eu vim morar em São Carlos, aí eu comecei a fazer os tratamentos na (***** - Instituição de Nível Superior da cidade que fornece atendimento à população). Daí lá, em questão de três meses me encaminharam pra fazer o teste genético na (***) instituição de ensino superior) em São Paulo, daí descobriram o problema, que é Amiotrofia Espinhal Progressiva tipo três...

P: Miatrofia? Amiotrofia. Aí descobriram lá .. o problema.. Daí tive assim, até uns onze anos onze anos e meio andava meio que com dificuldade e tudo, e daí conseguia subir degrau... Em menos de dois meses conseguia subir degrau, tava muito bom ... Mas como é progressiva, ela com onze anos e meio mais ou menos tirou a força da perna... E com uns dezesseis anos, dezesseis pra dezessete, tirou quase noventa por cento da força dos braços

P: Além da cadeira de rodas, você utiliza algum equipamento para te auxiliar? Qual?
Não.

P: Você realiza ou realizou algum tipo de tratamento ou acompanhamento? Qual? Onde? Por quanto tempo? Quais os profissionais que te atendem/atenderam?

Fisioterapia na ***** -(Instituição de Nível Superior da cidade que fornece atendimento à população) desde os oito anos, e dos treze ou quatorze anos acompanhamento na AACD em São Paulo... E faz um ano e meio mais ou menos que estou fazendo acompanhamento com o pessoal da Pneumo no HC em Ribeirão Preto.

P: Recebeu alta ou abandonou o tratamento? Não, ah, só fui.. Não vou dizer assim que foi um abandono.. Foi, ano passado, Eu sei que uma parte (não entendi) Mas eu não gosto de exercícios respiratórios... É assim, e eu falo não, não é assim, eu tô respirando tô vivo... E sempre, que ia passar pela orientação dizia ‘você tem que fazer isso, isso e isso, você faz’... Eu vou pensar.. Fazia uma semana, fazia, tudo.. Largava mão, parava, não preciso fazer isso, eu tô respirando, eu tô vivo, então não fazia... Aí, chegava lá nas consultas, ‘você tá fazendo?’ Não, não não... Daí o pessoal falava ‘olha, você tá sendo sincero, está de parabéns, mas a gente não vai segurar você aqui, sendo que você não faz o que a gente tá orientando... Então você tá de alta dessa parte’. Tá bom, menos mal.

P: Então você recebeu alta dessa parte da respiração? É, fiquei tão triste.. (risadas)

P: Faz uso de algum medicamento? Qual e para que? Até o ano passado tava tomando pra depressão Fluoxetina .. Mas eu parei por conta própria... Falei ‘Já que eu.. A primeira vez que entrei em depressão eu sai sozinho, dessa vez eu eu iria tentar fazer a mesma coisa’

P: E aí você parou o remédio? Parei, mas eu sei que as vezes... dá vontade de tomar, mas eu tenho que ser forte.

P: Alguma limitação te impede de realizar alguma atividade do dia-a dia? Quais limitações e quais atividades? O que faz para lidar com isso? Jogar futebol..

P: Jogar futebol é a delas, assim? Bom, as atividades físicas, tipo, no meu caso, é totalmente limitado por que eu não posso fazer muito...

P: Ah, não, não as físicas, atividades do dia-a-dia, desde acordar até ir dormir... Alguma limitação que te atrapalhe de fazer alguma atividade? Não...Eu, tipo assim... Na hora que eu acordo, tipo, pra fazer a transferência, tem guincho de transferencia da cama pra cadeira cadeira pro (barulho ao fundo) no banheiro, tem tudo, então...

P: Nenhuma atividade do dia a dia é prejudicada, tá...De 0 a 10, como avaliaria sua independência? Por quê? Eu depois que operei, eu fiquei muito dependente, então de zero a dez, oito.

P: Oito hoje em dia? É.

Constituição familiar e rotina

P: Incluindo você quantas pessoas vivem na sua casa? Qual(is) o(s) parentesco(s)? Bom, hoje tem eu e a mãe só em casa, aí meu irmão foi pra um lado, minha irmã foi pra outro, e meu pai faleceu em dezembro.

P: Quantas contribuem para a renda familiar? Os dois.

P: Como é o relacionamento entre você e os demais membros? É... normal.. É.. às vezes a gente briga, mas briga normal, mas.. é de... 'dá o dedinho, vamos fazer as pazes'... Mas eu sei que assim, com a mãe, eu sempre fui mais apegado com a mãe, assim...

P: Sua família te estimula a realizar atividades fora de casa ? Sim. (trabalhar, estudar?) Uhum...

P: Quais ela mais estimula, se você for parar pra pensar? Pra sair pra dar uma volta, alguma coisa assim...Estudar ela sabe que não adianta, que eu não suporto ficar trancado na sala...E assim, trabalho, ela sempre... sempre ela ficou do meu lado quando eu ia atrás de alguma coisa, assim, ela sempre tava do meu lado.

Atividades de vida diária:

P: Você realiza as atividades de autocuidado (alimentação, vestuário, higiene) sozinho(a)? Auxílio dela.

P: Se realiza, de 0 a 10, qual o grau de dificuldade? Por quê? Por a roupa, essas coisas, banho é tudo ela, então isso aqui é 10... Mas assim, comer.. É uma ou outra vez que eu peço para ela cortar alguma coisinha mas..então já é bem mais...

P: Alimentação é um grau bem menor então? É bem menor.. um quatro no máximo

P: As Atividades instrumentais de vida diária seriam fazer comida, lavar roupa ou louça (risos do entrevistado).. É você que realiza ou sua mãe? A mamãe...(risos do entrevistado)... Como é que é? Eu faço a parte melhor, eu sujo tudo, ela que limpa...

P: Certo, então sua mãe fica com essa parte... Administrar medicação, é você? Ela.

P: Fazer compras, administrar o dinheiro, fica com você ou com a mãe? Mamãe (risos do entrevistado) ...

P: Mãe é melhor pra administrar o dinheiro mesmo! É.. Assim.. Eu e ela ...A gente... Assim como é que fala... Tem uma sintonia... Vou gastar, a gente vai no centro juntos (frase não entendível – barulho ao fundo)... Mas eu não tenho paciência...ela vai lá entra em tal loja... eu não suporto..

P: Então ela que fica de administradora de empresas?! (risos) É.. Só (fala não entendível).. Acho que tem uns dois anos atrás... eu vim com ela aqui no centro... e ela veio numa perfumaria.. acho que (Nome da perfumaria), sei lá... Aí ela falou é rapidinho (fala não entendível) ‘Já volto’... Fiquei lá na frente conversando... e ela demorou uns 40 minutos...(fala não entendível) E a mãe: ‘Pô, acabei de entrar’.. Olha a hora que é... (risos)

P: Em relação a essas atividades assim.. fazer comida, lavar louça, limpar a casa, usar telefone, administrar medicação, você disse que a maioria dessas atividades é ela? Uhum

P: Alguma que teria mais grau de dificuldade pra você, que você enxergaria? Mais grau e menos grau de dificuldade? Usar o telefone.. o resto... Então.. a medicação é ela.. As vezes ... (fala não entendível) eu tinha que tomar remédio controlado... aí eu ficava assim que eu não gosto de remédio...(fala não entendível) ela ficava meio que no meu pé..

P: Seria mais uma questão de não querer tomar do que de dificuldade de ir tomar? Isso.

Rotina:

P: De maneira simples, diga qual a sua rotina em uma semana típica (Segunda a domingo)?

Vou falar de segunda a sexta... Saio de casa às sete e meia, vou trabalhar...Chego às oito horas no serviço... Volto mais ou menos onze e quinze, o transporte pega no serviço... Chego meia dia no trabalho... Retorno de terça, quarta, e sexta às quatorze horas e saio às dezessete... Aí segunda e quinta, no horário da manhã, das oito às onze e meia eu tô lá no serviço... E a tarde vou pra fisioterapia... Aí as quinze horas volto... quinze horas saio da (Instituição que fornece fisioterapia) e volto para a (Instituição em que trabalha)... Chego umas quinze e trinta .. Quinze e trinta, e saio às dezessete Aí sábado e domingo... se aparecer alguma coisa, ótimo.. Se não...

Educação

P: Qual a sua escolaridade? Ensino médio completo... Ah, primeiro lugar... Dois anos atrás, que o promotor chamou, (não entendível) por ser cargo de confiança, não sei o que... Eu cheguei lá e ele falou ‘Ah, Qual sua escolaridade’... ‘Ah, acabei o colegial’... ‘Não é colegial, é ensino médio’... Eu tava tão desligado.. Aí falei, ‘Ah, doutor, tudo bem, me desculpa’

P: Em que ano você saiu do Ensino médio? Dois mil e seis, acho... Eu entrei no ensino médio em dois mil e três... Opa, dois mil e sete.. Era pra eu ter terminado em dois mil e seis, mas como eu era um aluno exemplar, que ia todos os dias pra escola... Assistia a primeira aula, e as outras ia embora... Aí fiquei retido em três matérias

P: Com quantos anos? Dezoito.

P: Não sei se você vai lembrar desse tempo, mas, como realizava o trajeto da sua casa até a escola? Enfrentava dificuldades? Quais? No colegial ou no geral? **(Pode ser do colegial, mais recente)** O colegial o transporte me pegava em casa dezoito e trinta mais ou menos... E ia pra escola... E vinte duas e trinta passava.. Aí quando eu ficava na escola né... Que as vezes (risos) **(Você dava uns passeios)** Da última vez, quando eu fui dar um passeio, me arrebentei na calçada e caí, (barulho ao fundo)... Nunca mais fui. **(Passeio parou nesse dia... Então, como você ia de ônibus, você enfrentava poucas dificuldades...)** Era transporte porta a porta, então não muito... Pegava na porta de casa, largava na porta da escola e... Depois pegava na porta da escola e levava na porta de casa... Foi um negócio muito tranquilo, num era... Negócio de pegar ônibus em ponto de ônibus...

P: Em algum ano, do seu período escolar, você teve muita dificuldade pra ir de ônibus? Era transporte porta a porta? Não, a única dificuldade de ir pra escola, que me lembro que quando, no colegial, que eu saí do (Nome da escola) em 2003, aí me matricularam em uma escola em uma escola de manhã...De manhã tinha duas salas em baixo, uma de vídeo e uma de aula... E na de vídeo não tinha como transferir minha sala, e na outra já tinha um cadeirante... Aí eu falei 'Eu não vou ficar subindo degrau' falei 'Vou escorregar de lá de cima e é... fatal' ... Aí me transferiram pra outra escola... O (Nome da escola), fica aqui perto... Aí lá... A rampa era totalmente inclinada... Sem chance nenhuma... Não tinha banheiro adaptado... Fiquei quinze dias... ia um dia sim, outro não porque (barulho ao fundo, não entendível) Só podia usar o banheiro às seis horas da manhã...e depois a uma hora da tarde, foi bem complicado... Aí entrei em contato com direção da escola e pedi pra me transferirem pra antiga a noite
A única parte de dificuldade mesmo... Foi essa por causa da questão de acessibilidade.

P: Você já me adiantou como era a sua vida escolar, de faltar bastante.. Mas em relação a notas assim, você tinha boas notas na escola, razoável, ruim? (risos) Ixe, química, física e matemática nem me pergunta **(Essa pergunta pula então?)** ... Mas assim, sempre.... Mãe falava que eu era dez em tudo mas eu sempre ficava na média, assim...Então... Matemática... Era a matéria que eu mais amava, que a professora dava(KKKKKKKK)... Falava exercício pra nota, e eu falava que não ia gastar folha a toa por que eu sei que vou ganhar zero, então...

P: Como era a sua relação com professores e demais colegas? Sempre.. Sempre.. A única vez assim que teve uma discussõzinha foi quando a professora... Ah... Que eu sempre gostei de ficar no fundão... Minha antiga sala tinha quinze alunos a noite... Era oito na frente fazendo lição e sete no fundo, na bagunça... E eu ficava lá no fundo... Daí eu tinha muita amizade com a diretora e a professora disse 'Ela fala tão bem de você...Por que você não vem pra frente, deixa o pessoal lá na bagunça.. Aí na única semana que eu resolvi fazer um teste... Fui pra segunda carteira... Aí eu falei assim pra diretora.. (não entendível), nem na segunda, nem na quarta não tem ninguém sentado, então vou encolher e vou ficar de assim... Não vai dar pra ficar certinho, vai ter que ficar atravessado... Não tem problema... Aí um dia chegou uma professora e deu as provas, olhou pra mim e falou 'senta direito' ... e eu 'como?' ... Assim você não vai ganhar a prova... Não tem como eu virar a cadeira... Ah, vira a mesa e a cadeira pra lá... vai ficar ruim... Todo mundo já sabe... Aí fica 'não sei o que'... 'você vai fazer isso'... Aí foi, foi, foi... Então você vai pra fora... 'ótimo, eu tô indo pra fora agora' ... Aí eu falei 'você vai dar falta pra mim?' Ela 'não' ... Você vai ficar com presença, mas vai pra fora, aí um amigo meu veio me ajudar... Peguei e desci... Ele já desceu... veio me ajudar, vim na cadeira manual, tirou a carteira... Falou 'você vai pra onde?' Vou lá pra baixo... Vou lá na

direção... Vou lá conversar com a diretora, aí fui falar com ela... Ela falou ‘o que tá fazendo fora da sala?’ Eu ‘Ah... É o seguinte, aconteceu assim, assim, assado... Eu tô lá, ninguém reclamou, só ela porque ia dar prova e ia ter risco de eu copiar de aluno...E falei só se alguém jogasse de longe pra mim... Não tem nem o que fazer.. Ela me pediu para eu me retirar da sala, que eu não ia fazer a prova... Foi só isso...Aí ela ‘não acredito’ ... Aí na semana seguinte a professora pediu desculpa, tudo... Não, relaxa, você está no seu direito... E também, o que que ia adiantar fazer sua prova... Eu não tinha estudado nada, ia tirar zero...

P: A escola divulgava atividades extracurriculares como grupos de estudo, grêmios estudantil, jogos, teatro, estágios, entre outras? É, mais no final do ano.. Do colegial... Do terceiro, sempre apareciam os estágios, essas coisas... (E você chegou a participar de algum?) Não, é por que... tinha tudo que sair... Vamos supor a... Vai ter exposição pra ir pra (Nome de faculdades...) sei lá... E eu quando era na questão de sair de um lado pro outro assim... E não tivesse como ir sem fazer transferência, eu preferia ficar quietinho... Com medo assim, alguém pega pra ajudar e derruba e quebra alguma coisa... Sempre fiquei... Sempre tive muito receio...

P: Na sua opinião, a escola estava preparada para os alunos com deficiência? E os professores? Olha, aquele tempo... Eu falo que dois mil pra cá as coisas foram melhorando... Que eu lembro que quando comecei na quinta série eu ainda andava com muita dificuldade... Daí até uma professora disse ‘você não quer deixar uma cadeira de roda pelo menos pra fazer transferência de uma sala pra outra?’... Nos primeiros dias eu ‘não não não’... Até que um dia... Às vezes eu não tinha força pra levantar e o pessoal das outras... da oitava série, me pegava no colo e levava, tá... Até que um dia uma professora falou ‘ó, aluno tal tá com dor na coluna, culpa sua’... Aí cheguei em casa e ‘mãe, aconteceu isso, a professora falou isso, isso e isso’ ... Aí no dia seguinte chamou o aluno e ele ‘não, não falei nada, não tô com dor nenhuma’... ‘É até estranho... até é minha alegria sair da sala pra poder te ajudar e ficar pra fora da sala’ e não sei o que... Aí maravilha... Aí nesse meio período eu comecei a pensar ‘é, seria bom ajeitar uma cadeira de rodas e deixar na escola’ E uns dias antes de ir pegar a cadeira, eu fui sair de uma sala (não entendível) degrau pra andar, minha dificuldade era caminhando...Cheguei na porta, desci um degrauzinho... quando fui subi o outro cai e torci o pé e caí... Aí ‘não, o negócio é a cadeira de roda’... Não adiantava mais eu insistir contra o meu problema... **(Então você acha que eles tavam preparados?)** Tavam vindo.. tavam come... Aí eu sinto que eles começaram mais técnica... banheiro... essas coisas...Foi tudo uma questão de pouco tempo foi tendo uma mudança... **(Preocupações começaram a surgir, entendi...)** E já nos quatro anos depois do colegial já deu pra ver que já tinha até programas do governo... Tud... que era... E até esse caso da professora, quando eu saí, não sei o que... até falei ironicamente com ela, olhei pra ela, bati palma ‘Parabéns professora, vocês tão bem preparados pra alunos deficientes’ e saí... E uma professora achou que eu não deveria ter falado.. Mas agora já foi... No começo sempre é... Eu percebo assim... Vamo supor, vai colocar... Tipo um susto, alguma coisa nas pessoas...

P: Bom, de 0 a 10, como você avaliaria sua participação na escola? (risos) Ah põe um oito...

Caso sua escolaridade seja o Ensino Médio Completo:

P: Você pensa em realizar um curso profissionalizante/técnico/superior? Por quê? Meu sonho era fazer jornalismo... Mas eu odeio ler... Então descartado esse curso... **(O sonho então está sendo repensado)** Eu tentei fazer... ano passado... Daí eu fiz uns cursos de

computação... Logo quando acabei o colegial... tudo.. Mas eu não consigo ficar parado na sala... Eu tenho que ir a cada meia... uma hora... sair pra dar uma volta... Eu não consigo ficar parado... E já não gosto de ler... Pegar e ler... Em casa tem um monte de livro.. A chefe me deu um desses dias atrás... Li acho que umas trinta páginas e larguei o livro... Eu não consigo.. começo a ler e largo... (**Então nesse caso a questão seria o ‘ficar parado dentro da sala’? Não seria outra dificuldade?**) Sim..

Trabalho e renda

P: Exerce/exerceu algum tipo de atividade remunerada? Qual? Sim. Diretor de Departamento.

P: Você já trabalhou formalmente antes? Já. É que meus pais é... são comerciantes... Então, sempre... Desde os meus nove anos... Sempre fui pra parte de atendimento... Essas coisas... Sempre ajudei... (**Você sempre auxiliou eles no comércio.. entendi**)

P: Alguma vaga de emprego sua foi relacionada à alguma ação política? (Jovem aprendiz, por exemplo, coisas de governo ou prefeitura) Não.

P: Salário, os seus salários... No caso o seu atual ou os antigos... Eram correspondentes à função? Eu acho que sim... (**Acredita que sim, não acha que seria mais ou menos**)

P: Recebe ou já recebeu benefício de prestação continuada? Por quanto tempo? Ahn... Eu recebi.. não lembro... um ano e oito ... um ano e seis meses.. Um salário mínimo.. Que era um o benefício lá do INSS... Que era um direito, mas depois de cinco anos tentando na justiça federal... Tava recebendo esse benefício... Aí veio um querido desembargador de São Paulo e mandou cortar.. Beleza.. Aí depois passei no concurso da (Nome da empresa)... E como no edital não constava... No edital não constava que eu seria obrigado a ficar fora da cidade pra fazer curso, eu tive que abrir mão do meu concurso... (**Que pena!**) Eu sei que... Aquilo lá foi... Foi tipo ... falar ‘vai pra lá’ e.... Eu sei que até o dia que eu tive que ir pra (Cidade) assinar, eles falaram ‘você tem que fazer noventa dias de treinamento em Campinas, Bauru, ou Ribeirão Preto... A gente vai te dar hotel, tudo... Aí eu pensei ‘mas como que eu vou fazer se eu sou dependente?’... Aí é com você.... Falei ‘Ahhh, que bom, no edital não tinha nada’ ... Ah, mas deve ser uma falha... Aí falei ‘então faz o seguinte... pode abrir minha vaga pra algum amiguinho de vocês.

P: Você já me respondeu se você já enfrentou dificuldade pra trabalhar... Esse caso foi claro a dificuldade pra trabalhar.. teve mais algum outro caso de enfrentamento de dificuldades? Até mesmo no emprego atual? Ahh... não... Ahh teve um... Quando... na (Universidade da cidade) tinha um projeto... Acho que o projeto (nome), se não me engano... Ahn... na (Universidade) ainda era lá na (Espaço dentro da universidade)... A gente começou lá.... Tinha as conversas... Mas, falaram... ‘você vai ficar no escritório, da empresa tal’ ... Maravilha... sem problema nenhum...

[Após interrupção] E com... Tipo, 17 anos, eu nesse projeto (Nome do projeto), sei lá você vai ficar na empresa tal, você vai ficar na parte do escritório, não sei o que, ai eu falei ‘maravilha’. Ai fui pra empresa, levei duas semanas de curso...Lá, com... Esses cursinho besta... Aí falou “ó, em breve vocês começam a trabalhar nessa empresa”. Ai passou uma semana, passou duas semanas, passou três, nada... Aí na outra semana falaram ‘pode começar’ .. Aí cheguei na empresa, no escritório, não tinha acessibilidade nenhuma.., Aí fui, daí o pessoal falou ‘ó, acompanhou a gente aqui’ ...Não sei o que... E me largaram... Largaram na linha da produção.. Falei ‘meu, como é que eu vou fazer?’... Cheguei lá... Sem choro, se

der pra fazer...Aí ficou eu e um colega meu lado a lado, de cadeira de rodas... Um diretor falou ‘Vocês... Vocês mesmo com todas as limitações... Vocês tão fazendo até a mais do que pessoa entre aspas normal... Sem deficiência nenhuma ... O que vocês fizeram hoje, tem pessoa que não consegue fazer nem metade do que vocês fizeram... falei ‘maravilha’... Aí no segundo dia... ‘Se é pra ficar lá, não tem problema’... ‘Vamo.. Se der, boa...’ Aí pegou... aí no segundo dia começou dor nos braços, dor nos braços... Aí entrei em contato com o pessoal, daí falaram: ‘Aii, não sei porque, a empresa não tinha nos passado isso, por que não sei o que lá...’ Começou... Aí eu falei ‘Mas... Pelo menos a empresa vai (não entendível) hoje?’... Ah não, esses primeiros vou ter que trabalhar de graça... O que? Tô fora.. Falei ‘Não vou ficar lá me matando, pra chegar no final do mês, tomar um pé no bumbum... Aí, um pouco tempo depois me ligaram da (Nome da empresa)... Aí a (Empresa) falou ‘ó, tem trabalho aqui, não sei o que...’ (não entendível) ‘ Se lá me falaram que era escritório e me jogaram na produção... Na (nome da empresa) vão fazer o que? Me colocar em um carrinho pra tocar lâmpada no poste? Eu não quero’...

P: Então parando pra organizar... quantos empregos, foram aproximadamente, assim, por ordem que você foi arranjando?

Eu fiquei dos nove aos dezenove lá com meus pais... Aí depois eu operei... Daí depois com vinte, vinte e pouquinhos eu passei no concurso lá, tive que abrir mão.. Aí eu voltei a ficar com meus pais...Aí depois comecei aqui na... A trabalhar na (Organização), no (localização)... Aí de lá, eu vim pra cá... Aí teve ... fora aqueles outros ali que entrou nesse meio período que tava com meus pais e... Nessa empresa.. E a outra que apareceu lá que eu falei que... (não entendível) (Foram tentativas, assim nesse meio né)

P: De 0 a 10, como avaliaria sua participação no trabalho? Por quê? Dez.. Que tem aquela coisa que eu falo... Se eu tô num lugar...Eu quero fazer.. Eu quero fazer acontecer.. E sair de casa, pra fazer meia boca.. Eu não consigo... Não me sinto bem...

P: Participação social: mobilidade, acesso aos serviços, vida social, e engajamento em atividades políticas e de cidadania, físico-esportivas, culturais e de lazer

Você sai de casa com frequência? Sim. Quais lugares frequenta? Olha... Assim..

Frequência... como você quer falar? Sair, fora do serviço? (É..) Ah... Vou pegar, uma ou duas vezes por mês eu faço trabalho voluntário nos hospitais, de palhaço... E as vezes.. eu não vou falar que é direto.. Mas assim, vou encontrar algum amigo em um barzinho, alguma coisinha mas... Mas assim, não é direto... Ou a gente se reúne na casa de um, se reúne na casa de outro.. Mas fim de semana (**Costuma ser de fim de semana?**)... Mas não é assim todo final de semana.. Tem vezes que faz um sim, um não... às vezes já chegou a ser direto... (risos)

P: Faz uso de algum meio de transporte além do ônibus? Não.

P: Já perguntei se você enfrenta dificuldades para utilizar e você disse que não tanto por conta de ser porta a porta? É.. Mas se for o caso do de linha, esse aí já é mais... É muito complicado pelo seguinte... É... Os motoristas... Um ou outro são... Às vezes não são preparados... É poucos que são... Você vai conversar com a empresa e eles falam que todos passam por treinamento... Você conversa no ônibus, tal... conversa com o motorista... Ele não teve preparo nenhum... Até chegou a acontecer casos do ônibus parar pra descer a rampa e o motorista não sabia como é que descia... Daí eu explicava ‘ó, só puxa o maneco, Infelizmente não é só em São Carlos, mas... Se for pegar a maioria das cidades... Ah... Os pontos de ônibus não têm acessibilidade... Calçada... São precárias... Que no meu caso mesmo... Eu pego.. de sair... Vamo dar uma volta?... Eu não ando na calçada... Eu ando na rua... Aí a pessoa deixa a

calçada... Eu brigo pra pessoa que tá comigo ficar na calçada e eu fico na rua.. Que eu não consigo.. É uma ou outra calçada que eu vou.. Mas eu prefiro andar pela rua mesmo.

P: Como avaliaria a acessibilidade do seu bairro? Zero. É ze... Talvez zero porque querendo ou não, ah... é uma ou outra calçada que tá mais... Aquela coisa... é... A pessoa não consegue ter consciência de... Que posso amanhã tá em uma cadeira de rodas.. Então.. Ah, vou deixar um degrau, vai passar alguma coisa... pra mim tá dando normal... Eu consigo subir... Então só tá olhando pro próprio nariz.. Nunca olha mais pra frente...

P: Então acessibilidade de um modo geral é? É.. é ruim...

P: Você me falou da sua atividade voluntária.. Seria considerado um projeto, né?! Isso, (Nome do projeto).

Não é um projeto exclusivo pra pessoa com deficiência? Não não... Lá teve um que era cego que participou do projeto, mas saiu... Daí teve uma cadeirante que tentou mas não continuou... Eu sou assim, acho que sou o deficiente que tá há mais tempo lá, acho que vai... Agora em setembro vai dar três anos.

Mas pessoas sem deficiência também participam? Participam... As sem deficiência, vai, a maioria... É o geral...E esse projeto incentiva a participação de pessoas com deficiência ou? Então, pra eles... Eu lembro que quando eu comecei no grupo, eu vi que eles ficavam meio que com medo... Não sei o que.... Aí fui e pensei 'Eu vou ter que tentar fazer alguma coisa pra eles se sentirem mais a vontade' ...Aí, vamos supor... Você tá a toa... Não, pessoal... Vamo supor.. O apresentador lá 'Hoje o fulano vai dar uma palestra, não sei o que, e todo mundo de pé' ... Aí eu sempre falava assim... 'menos eu e aí' ... Na hora que 'todo mundo de pé, não sei o que', aí eu pensei 'Vou começar a quebrar o clima deles nessas coisas, pra eles verem que eu não esquento' ... Aí 'Não vou ficar de pé não, por que eu tô cansado, vou ficar sentado'... Aí já... Eu sempre ia brincando... 'ó, vamo fazer isso, não sei o que lá'... As coisas se entenderam...Aí eles foram se soltando... Foram se... Como é que fala? Ah... Foram ficando mais tranquilo... Viram que não era aquele bicho de sete cabeças...

P: Não se envolve com atividades esportivas, culturais e de lazer? Hmm, não... Mas, esportivas né?! Ah... essa não sei se vale, assim, assistir jogo e tudo mais.. **(Sim) Vale?** Então... Às vezes eu vou aqui no estádio, com a turma **(É uma atividade de lazer, no caso, você vai lá, assistir ao jogo)** Sim... e querendo ou não já faz parte da cultura também...

P: E ir à cinema, parque...? Odeio cinema... Não tenho paciência de assistir... Eu queria gostar de assistir filme, mas não consigo... Cinema, quando eu tinha doze, treze anos... Ia eu, meu irmão, e um professor da (Nome da universidade)... 'Ah, vamo no cinema?' 'Vamo'... Eu catava, minha cadeira manual, encostava na frente da cadeira de obeso, encostava minha cadeira de frente com ela, pulava lá, e ficava na cadeira ficava dormindo... **(Não assistia o filme)** Eu não conseguia...

P: Outras atividades de lazer? Passeio ao ar livre, você já me falou que frequenta casa de amigos, bares. Já foi em shows, festas, algo do tipo? Já... Shows... O último assim que fui, eu até entrei no camarim com o César e Paulinho... Ohh meu Deus (risos)

P: E alguém foi junto com você? Ah, essas coisas assim... Se precisar, alguma coisa, eu chamo alguém... Mas, aonde que eu vejo que eu consigo ir sozinho, eu... **(Você já pega e...)** É que eu tenho, eu quero assim, mostrar a independência né...

P: Já te perguntei de museu, cinema, e você disse que está fora desse tipo de atividade né? Uhum... Ao parque, às vezes eu vou ao zoológico... Mas, lá também é... Eu acho que como um todo, deveria ter um projeto de acessibilidade, alguma coisa... Porque se entrar ali pela parte ali do lago, ali na... Tem uma rampa lá que fizeram, que não sei se é pra ver se é um apoio à natação, pra soltar a cadeira e já cair dentro da água, ou coisa assim (risos)... Ou se você for pelo outro lado você fica... Você não consegue ter acesso a uma parte, então... Acho que... A partir do momento que começam algumas limitações.. Você já começa a ficar meio... Você não quer participar...

P: Então a gente já fechou essa parte, físico esportiva, no caso praticar esporte não, mas vai em jogos! Uhum. **Em bares, casas de amigos!?** É... Esporte eu pratico, levantamento de copo e de garfo (risos)...

P: Tem alguma outra atividade de lazer, que você considera lazer, que você não falou aqui, que você faz? Não.

Atividades políticas e de cidadania:

P: Você tem documentos de identificação? Tenho

P: Você tem título de eleitor? Tenho.

P: Já votou? Sim.

P: Muitas vezes? Sim. (risos). Desde que eu tirei o título, só a primeira eleição que era pra eu participar e eu não participei, foi em dois mil e oito, que eu tinha operado fazia uma semana, daí o médico ‘você não vai sair de casa por nenhum motivo ... Fica quietinho, de molho’.. Mas se não, eu queria ter ido.

P: Você participa/participou de algum movimento, organização ou conselho? Conselho, qual? (Relacionado à ação política e cidadania aqui no município) Sim. (Qual seria?) Ah... Conselho participei já do transporte...Até hoje participo do de Deficiente... Participei da de cidadania... Faço parte ainda do conselho do transporte (**Da pessoa com deficiência é exclusivo?**) É... (**Mas o de cidadania e transporte, é exclusivo pra pessoa com deficiência?**) Não, não. (Todas as causas possíveis e relacionadas... **Por quanto tempo mais ou menos, você participa desses conselhos?**) Do transporte tá indo pra três anos.. De cidadania participei por dois anos.. Depois eu falei que não tinha mais paciência pra tanta coisa chata que não acontecia... E o de deficiente faz bastante tempo que participo...Ah... mas não deixa de...Foi no máximo acho que uns cinco anos... (**Cinco?**) Que eu nunca fui muito de ficar em reunião...Eu não suporto...

P: Como que você poderia me explicar resumidamente como que é sua participação nesses conselhos? Olha, o duro que não consigo ficar sério...Esse que é meu problema... Você já percebeu que... (risos)... Então... (**Essa então é uma dificuldade?**) Eu nunca... Como é que falo?... Eu não consigo levar as coisas sério.. É uma ou outra vez... Mas assim, se falar ‘Ou, preciso de não sei o que, é sério’ Aí já tento controlar.. Mas é sempre com alguma pitadinha de brincadeira por cima... (**Participação com humor né? Mas assim, suas funções, assim nos conselhos, como que você pode me dizer resumidamente?**) O deficiente, assim, eu sempre ajudei na organização de eventos, essas coisas... O de cidadania a gente tinha que fazer visitas nas entidades, é... Visitas estilo fiscal.. Então lá, era uma coisa assim que eu não gostava... Por que eu sei que... É muita... É muita coisa que o conselho exige... Nem é o

conselho, é a prefeitura exige, essas coisas lá ó... ‘Tem que seguir tal, tal, e tal’.. E você vê hoje que as entidades só quem tem muito .. Alguém muito forte por trás mantendo.. Que você consegue ter todos os cem por cento... E aí você fica com aquele... Como é que posso te falar?! Aquele receio de, eu posso colocar uma palavrinha aqui, eu posso detonar a entidade e acabar com ela.. Aí então eu já me sentia ‘eu não vou conseguir fazer isso’... Então até foi um dos... Uma das coisas que eu tive que... Preferi me afastar dessas visitas, dessas coisas, por que... Assim... A gente sabe o quanto é difícil...Então...Que você vê lá... Tá a gente conversando aqui.. você vai ju... Você vai juntar uma turma... Dez pessoas pra... Vamo montar um grupo aí... O nosso aqui vai ter... Trinta pessoas... E se você falar ‘ó, vai ter reunião tal’... É meia dúzia que vai só... Se tem churrasco, vai as trinta... Então... Dá pra ver que é difícil... Então são coisas que é difícil... Que é dolorido e se você falar alguma coisa, pode ferrar o outro, então... A gente sempre quer tentar fazer o bem... Mas às vezes infelizmente não dá...

Acesso aos serviços:

P: Com que frequência você utiliza serviços da comunidade (polícia, hospitais, unidades de saúde, centro de assistência social, entre outros)? Da polícia, não posso falar mal deles por que assim, tenho muita amizade até com eles... Até antes de voltar pra (local de emprego) eu tava de freelancer com um colega meu em site de notícias policiais... E as vezes eles ligavam ‘M., onde você tá?’... ‘Tal lugar’... ‘Ó, se der, você pode ir lá pra mim?’ ... Daí eu fazia tipo a parte jornalística... Tirava a foto, contava o que aconteceu, não sei o que lá... Passava pra eles... E tava no site... Ou ia pros finais de semana, ou a noite... Enquanto o policial ficava lá, tirando uma ocorrência... ‘ó, eu tô em tal lugar... vai chegar tal coisa... você tira foto? Vê o que aconteceu?’... Fechou... Então eu tive assim... Nunca tive problema nenhum com eles... Ahm... Já em hospital... Também nunca tive problemas... Só eles chegaram (não entendível) quando eu queria acabar com as fábricas de cerveja... E lá sempre.. Sempre foi super tranquilo...

P: O atendimento, o acesso então foi sempre tranquilo? A única coisa que eu acho... Que eu acho que...Que nessa parte de... Assim, eu vou num atendimento público... tanto faz em qualquer local... Eu acho que... Vai ter o balcão... Deveria ter aquele mais baixo... Que a gente vai pegar uma folha, sempre tem que tá assinando nesse alto... Então acho que se tivesse um lugar.. um balcão... alguma coisa... mais... na altura, com uns oitenta centímetros a menos... Aí já ia facilitar muito...

P: Alguém o(a) acompanha? Como for assim, a maioria das vezes, a mãe tá comigo... Mas assim... Ultimamente, assim, a mãe ia mais comigo quando eu tava com o problema da Cátia... A Cátia me derrubava, ela sempre ia comigo.. Mas do resto... Eu sempre ia em tudo sozinho...

Vida social:

P: Você tem religião? Tenho.

P: Qual? Católica.

P: Você frequenta o ambiente religioso (igreja, templo, centro, entre outros)? Não, não praticante.

P: Mas quando você ia, você participava de atividades nesse local? Eu já tentei entrar em grupo de jovens, essas coisas, mas não...Não consegui... (Não foi por dificuldade, foi por...)

Opção... Eu sei que eu não... É aquela coisa... Que eu cheguei até falar... Eu participei quase um ano de um grupo... da São Nicolau... Que era (nome do grupo), alguma coisa assim que eles falavam... Daí era uma semana na casa de um... Outra semana na outra... Aí esse aí eu participei... Mas do grupo de jovens eu não consegui... Eu não conseguia ficar quieto... Eu falei 'tão falando de religião e eu tô brincando'... isso, se for ver, vão falar que é blasfêmia... alguma coisa.. então é melhor eu não ir... **(a dificuldade nesse caso foi o humor, né?)** É... Isso é meu problema... Muitas pessoas já falaram isso... Que eu tenho que tomar cuidado..

P: Já fez amizades nesses... Grupos religiosos? Já, já.

P: Quantos amigos você tem? Amigos são poucos, colegas a gente tem bastante...

Com que frequência você encontra seus amigos? Olha, um que eu posso chamar de amigo é o N... Que inclusive encontro ele todos os dias pra trabalhar... Então, ele sim eu posso falar que é meu amigo... (Fora do trabalho vocês também se encontram?) Sim... Vira e mexe ou eu tô na casa dele... Ou ele tá na minha, então... A gente sempre... Eu tenho ele... Eu considero ele como um irmão... Ele como irmão... A esposa dele, também, muito gente fina... A gente se familiarizou muito, então...

P: A maioria dos seus amigos ou colegas, se você quiser considerar os dois, têm ou não algum tipo de deficiência? Ahh... São poucos que tem deficiência... Assim, a maioria assim dos colegas não têm... **(E dos amigos?)** Não.

P: A relação com seu(s) amigo(s) é tranquila? Tranquila, tranquila...

P: Você tem acesso às redes sociais? Nãoo (risos) Não tem como não ter...

Quais? Facebook, Whatsapp...? Tenho, tenho... Twitter, instagram...

P: Com que frequência utiliza? Diariamente

P: Você fez amizades por meio dessas redes? Sim. **(Bastante?)** Bastante. Até ainda quando no finado MSN e finado Orkut... Eu conheci uma menina lá de Santa Catarina, ela morava há setenta quilômetros da casa da minha avó... E acho que dois mil e ... Se não me engano dois mil e doze, dois mil e onze... Ah... Dois mil e dez... Eu peguei e fui de viagem pra lá... Daí falei pro pai e pra mãe 'Ah, pai, mãe (não entendível) tá conversando, não sei o que'... Mais a mãe que pegou amizade com ela, conversava, (não entendível), brincando ... Aí eu falei 'mãe, eu vou pra lá... Se vocês me levarem até na rodoviária, pra eu pegar um ônibus'... 'Não... Tá com carro, por que não vamos de carro? Vamo todo mundo'.. Fechou... Daí que a gente foi se conhecer lá... Foi, conheceu ela, conheceu a mãe dela, o filho dela, tudo... Foi um negócio assim que eu acho... Por um lado é tranquilo...mas por outro A gente tem que tomar cuidado que vai, hoje em dia a gente não sabe o que as pessoas são capazes.... Por outro a gente tem que ver que não são todos que tão ali pra maldade né...

P: Qual o seu estado civil? Graças a Deus, solteiro

P: Mas já namorou? Já, por três anos... Faz um ano e pouquinho .. **(Um ano?)** Nem isso. **(Quanto tempo de relacionamento?)** Três...

Caso você já tenha se envolvido ou esteja envolvido em um relacionamento sério/casamento e que não tenha aparecido na constituição familiar:

P: Por quanto tempo? A sua namorada ou namorado era deficiente ou não? (risos em questão da palavra namorado) Não... (risos)

P: Era deficiente ou não? Não.

P: Como vocês se conheceram? Foi assim, eu tinha amizade com os irmãos dela... Que eles eram da mancha verde... Então eram tudo palmeirenses... Ahnn (**Futebol então**)... Futebol tinha que tá no meio.. Aí eu conheci os irmãos dela.. Aí nesse meio tempo eu conheci a irmã dela... Aí a irmã dela tava mais ou menos... Conversa pra lá e pra cá... E meio que por causa dela eu conheci ela... Aí eu e a irmã dela, era assim... A gente as vezes conversava, as vezes não... Aí ela separou do marido dela... Depois que ela separou, a gente se conheceu... Aí eu fiquei com ela e não fiquei com a irmã dela... Até hoje a irmã dela não olha na minha cara...Não sei por que (risos)

Acabou o relacionamento, mas vocês ainda conversam? Sim...Ahh... A gente ainda tem ligação pelo seguinte...Até já fiquei mais de seis meses sem conversar com ela, tudo... Mas, como falei... Dela não vou conseguir, ah... Como que fala... Me separar muito dela... Assim... Por causa que ela tem um menino, do primeiro casamento dela... Ahm.. E aquele menino, eu conheci com um ano... Aí você já sabe, criança... Hoje ele tá com cinco aninhos... E onde que ele me vê é papai, papai, papai, então.... (**Essa é uma pergunta que eu ia fazer, se você tinha filhos**) Meu sonho... Mas eu me considero, como M. sendo meu filho... Que eu.. Que até no dia do meu aniversário, ele me viu, ele veio correndo, me deu um abraço... ‘Parabéns pai, não sei o que’... Que eu perdi o pai em dezembro.. Eu tava tão pra baixo que não tinha saído de casa... Aí minha mãe falou ‘vamos lá na lanchonete, no seu irmão também, não sei o que’... ‘Não quero’... Daí eu fui pra lá, nisso ele chegou, a minha irmã tinha ido buscar ele... Aí ele veio, e brincava, e conversava, e não sei o que ‘ai papai’... ‘Você é o melhor pai do mundo, você é meu paizinho’... Aquilo lá foi... Como que fala? Eu ganhei meu dia vendo ele... Não é que foi difícil... Assim, tava, tava a mãe, mas sentia muito por que era o primeiro aniversário sem o pai...Então... E na hora que eu vi meu pequenininho, eu ganhei meu dia... (**É considerado um filho né?**) É, mais que filho...

Outras informações:

P: Já passou ou passa por alguma situação adversa ou constrangedora em algum desses locais ou situações? Olha, nem esquento a cabeça com isso... Sei que... As vezes sempre vai ter um que vai olhar com cara torta, não sei o que, mas eu não esquento a cabeça com isso... (Interrupção para mostrar a foto do filho de sua ex-namorada)

P: Já sofreu discriminação ou preconceito? Quantas vezes isso ocorreu? De que maneira? Você denunciou? Que eu lembro...Ahm, a única vez, que eu não sei... Como é que... Que eu consegui me deixar abater, abalar, foi dois mil e oito, acho... Dois mil e sete sete, dois mil e oito... Eu... Não, foi mais... Que eu operei em dois mil e oito... Dois mil e nove... Que eu fui fazer um curso de computação, tava super empolgado com o curso... Cheguei na escola... Daí passou um cara do meu lado... ‘Você é vagabundo, você parou de andar por que você quis’... Aí fiquei meio assim... Daí o cara saiu... (não entendível) Falei ‘Eu conheço ele, só não lembro da onde’... Aquilo lá me virou pra baixo.. Fiquei ‘quem que é esse cara... quem que é?’... Daí falei ‘vou abandonar o curso e...’ (não entendível) Dois dias depois encontrei ele de novo... ‘Você sabe que você parou de andar por que você quis... Você queria que sua mãe só te levasse no colo, não sei o que...’ Nisso ‘deixa eu te fazer uma pergunta, te conheço da onde, que eu não tô lembrando de você?’ ‘A gente tinha loja perto de vocês, não sei o que...’ ‘Ah, tá...’ Aí eu.. Aquele negócio, na cabeça, não comentava com ninguém, guardei pra mim... Daí (não entendível) ‘não tô legal... Não sei se é aluno, se é professor da

escola... Aconteceu isso, isso e isso'... 'Aqui, é?' 'Acho que vou trancar o curso, pago a multa'... 'Não não, se alguém tem que sair, é ele'... (não entendível) 'não quero fazer isso...' 'então fique'... Aí o pessoal 'Mas quem que é?' Eu 'não, deixa quieto' ... Ai um dia eu conversei com um colega meu fora da sala... Aí ele apareceu... (não entendível) 'Se ele falar alguma coisa, ele vai tomar'... 'Não não, deixa quieto... Deixa que eu vou sair de um jeito que ele nunca vai esperar'... (não entendível) Aí ele Chegou, não sei o que , não sei o que lá... 'Você sabe que ele é vagabundo, que ele parou de andar por que queria, não sei o que lá...' 'Então vamo conversar, vamo... Eu só tenho três coisas pra te falar.. Primeira, você acha que eu não taria feliz agora se eu não pudesse andar mesmo que pouco... você acha que eu quis parar (não entendível)... Você acha que eu ia fazer tantos anos pra... Viajei até São Paulo... E duas ou três vezes por semana eu ia na (faculdade) fazer fisioterapia... Você acha que eu quis isso pra mim?... Acho que seria bom você se informar direito e outra... Quando você quiser eu trago o raio X da minha coluna, o jeito que ela ficou.. Você acha que eu queria passar por nove horas de cirurgia?... Eu acho que ... Se eu fosse vagabundo... Eu não teria... Passado por todos esses tratamentos...' 'Cabou.. O cara nunca.. Ele vinha, brincava, não sei o que... Daí depois eu falei, comecei a pensar 'não posso me abalar sério com esse negócios, e não posso...' ' Mas foi o caso assim mais... assim que me derrubou mais... No geral não tô nem aí...

P: Avaliando todos os setores de participação social (mobilidade, acesso aos serviços, vida social, participação em atividades políticas e de cidadania, físico-esportivas, culturais e de lazer), que nota de 0 a 10 você daria para sua participação? Por quê?
Olha... Eu daria um seis. (Seis pra tudo... Por que você daria um seis?) É que é aquela coisa... Nem sempre as pessoas tão... Tão.. Como que posso falar?... Dispostas a aceitar o que você tá falando.. Dispostas a fazer o que, sei lá... Você precisa fazer tal coisa... Assim, assim, assado... As pessoas não... Não conseguem... Se colocar no lugar... Então... (**Apesar de tudo, as pessoas ainda precisam se preparar mais, é isso?**) Isso.

P: Alguma coisa a mais que gostaria de falar e que não foi perguntada ou dita na entrevista. Não.. (Você acha que tudo que você imaginou foi perguntado?) (risos) Se você precisar de alguma coisa, pode falar comigo.

Ricardo (R.M.L.) 04/05/1993 - Deficiência física

Entrevista realizada em 29-04-2016 às 09hrs, em local de uso público.

A deficiência

P: Quando e como a sua deficiência surgiu? A minha deficiência surgiu quando eu era pequeno, tinha uns onze anos de idade... Foi um tumor na perna, na panturrilha...

P: Você utiliza algum equipamento para te auxiliar? Qual? Sim, uso a muleta e a prótese... A prótese eu não tô usando por que ainda... Ela tá dando uns probleminha

P: Você realiza ou realizou algum tipo de tratamento ou acompanhamento? Qual? Onde? Sim, eu fiz quimioterapia e bastantes exames... **(Você lembra quanto tempo que durou?)** Foi cinco anos de tratamento... **(Cinco anos? Certo, e hoje em dia não faz nenhum tipo de tratamento?)** O único que eu faço é só exame de ano em ano.. Uma rotina.

P: Quais os profissionais que te atendem/atenderam? Foi os ortopedistas, do câncer de osso

P: Recebeu alta ou abandonou o tratamento? Recebi alta.

P: Faz uso de algum medicamento? Qual e para que? Não, graças a Deus.

P: Alguma limitação te impede de realizar alguma atividade do dia-a dia? Quais limitações e quais atividades? O que faz para lidar com isso? Nenhuma atividade, (não entendível)

P: De 0 a 10, como avaliaria sua independência? Dez.

Constituição familiar e rotina

P: Incluindo você quantas pessoas vivem na sua casa? Qual(is) o(s) parentesco(s)? Minha mãe, meu pai e eu.

P: Quantas contribuem para a renda familiar? São os três

P: Como é o relacionamento entre você e os demais membros? Ah, o relacionamento entre eu e os demais são... São demais, que é um incentivo pra mim que eu tô dando pra minha família, pros meus amigos.. me apoiam...

P: Sua família te estimula a realizar atividades fora de casa (trabalhar, estudar, sair com os amigos, praticar esporte, entre outras)? Se sim, quais? Se não, por quê? No começo não, mas depois que eu comecei, sim **(Depois que você começou no esporte, no caso?)** Isso.

Atividades de vida diária:

P: Você realiza as atividades de autocuidado (alimentação, vestuário, higiene) sozinho(a)? Sim, realizo... Eu faço tudo sozinho

P: Se realiza, de 0 a 10, qual o grau de dificuldade? Ah, Zero

Atividades instrumentais de vida diária:

P: Você realiza ou é estimulado a realizar atividades em sua casa (fazer comida, lavar roupa ou louça, limpar a casa, usar o telefone, administrar medicações, administrar o próprio dinheiro, fazer compras, utilizar meios de transporte)? Se sim quais? Se não, por quê? Eu faço sozinho, medicamento, essas coisas ... Quando dá a coragem de passar roupa, arrumar a casa (**Seria mais por vontade do que por..**) É...

P: Se realiza, de 0 a 10, qual o grau de dificuldade? Ah, zero.

Rotina:

P: De maneira simples, diga qual a sua rotina em uma semana típica (Segunda a domingo)? Minha rotina é 'trabaiá' treino, e de domingo pesqueiro e descanso nenhum... A semana inteira, de segunda a segunda.

Educação

P: Qual a sua escolaridade? Onde estudou no Ensino Fundamental II (5º a 8º série)? E no Ensino Médio? Eu fiz o ensino completo e esse ano quero entrar na faculdade (**Ensino médio completo?**) É, ensino médio completo. (**Tá, e esse ano você tá pensando em entrar..**) Tô tentando, fiz o ano passado, fiz o ENEM, esse ano se Deus quiser vou fazer de novo

P: Em que série você saiu da escola? Em que ano isso aconteceu? Quantos anos você tinha? Eu saí na época em 2005, na época quando fui fazer o tratamento... Que foi obrigatório sair para os tratamentos (**Você estava no último ano do Ensino Médio?**) Não, quando era pequeno... Aí depois que eu entrei, fiquei cinco anos em tratamento, aí entrei... Aí fui fazer o EJA, por causa dos anos que eu atra... perdi...Aí agora, terminei e vou tentar... (**Você fez o EJA então?**) Sim. (**Que ano que você saiu da escola pra poder ficar os cinco anos em tratamento?**) A série acho que era a quarta série (**Quarta série?**) Quarta série (**E você voltou e fez o EJA da quarta série até o ensino médio?**) Aí, quando eu voltei, voltei na quarta série, aí terminei o oitavo, aí eles viram, pela minha idade quando vim pra cá, eu já tava na oitava aí eles me... Fez uma provinha, passei pro primeiro, aí depois fui fazer no EJA.

P: Como realizava o trajeto da sua casa até a escola? Enfrentava dificuldades? Quais? No começo, eu mesmo tinha, pra mim tinha, por que era preconceito você ir conhecer os amigos, pensando que eles iam ter preconceito com você... Mas não, era eu mesmo que tinha.

P: Como foi a sua vida escolar? (Repetiu de ano, tinha boas notas?) Antes da deficiência, na escola, era tudo normal, estudava, não era bagunceiro, de vez em quando tinha umas preguicinhas de escrever na lousa... Mas, agora, depois da deficiência foi uma superação nas escolas, por causa de (barulho ao fundo, não entendível) professores... Viu que eu tinha uma superação... E entrei no esporte agora e da escola, a superação dos professores.

P: Como era a sua relação com professores e demais colegas? Olha, a relação dos professores e dos colegas, é uma relação boa, os professores perguntava se precisava de ajuda, os colegas, na parte de aula de educação física, fazia algumas adaptações, eu mesmo fazia, os professor uns sabia como fazer adaptação, outros não, aí eu fazia a vontade as minhas adaptação.

P: A escola divulgava atividades extracurriculares como grupos de estudo, grêmios estudantil, jogos, teatro, estágios, entre outras? Você participava? Se sim, quais e como? Ó, não por que eu morava na Paraíba, lá eles não tinham muito tanto, que é uma cidadezinha pequena, não tinha assim tantos incentivos pra esporte... Depois quando vim pra cá, que eu já

tinha a amputação já, que foi lá que eu fiz a amputação, que eu vim prá cá, que eu conseguir mais ter o incentivo no esporte. (**Você mudou pra cá com quantos anos?**) Com... foi em 2010 (**Então esses cinco anos que você ficou parado, você ficou parado lá, sem estudar, e fez tratamento lá... E aí você veio já com o tratamento feito?**) Sim, por que eu vim pra cá em noventa e dois, não... Noventa e cinco pra cá... Aí voltei dois mil e cinco pra lá, por que eu adoeci... Depois fiquei os cinco anos lá e voltei em dois mil e dez.

P: Na sua opinião, a escola estava preparada para os alunos com deficiência? E os professores? As escolas tavam, algumas escolas tinham... já tava preparada pra receber, tudo... Mas tem umas...que no começo é difícil... Não sabe quais alunos que vai vim, se tem deficiente ou não... Tem escola que já é adaptada... Mas tem umas que não... Aí eles tem que ter um processo de pegar pra fazer adaptações... (**Isso aqui, São Carlos no caso?**) Em São Carlos teve uma escola que já tinha adaptado no caso... Teve outras escolas foram obrigadas a adaptar

P: Quais as limitações/barreiras que enfrentou na escola? Acho que barreira não teve nenhuma...

P: De 0 a 10, como avaliaria sua participação na escola? Ó, de zero a dez... dez.

Caso sua escolaridade seja o Ensino Médio Completo:

P: Você pensa em realizar um curso profissionalizante/técnico/superior? Sim. (Qual seria?) Educação Física. (**Por quê?**) Por que depois eu ia fazer Engenharia Me... Engenharia Mecânica, pra mexer com computador, essas coisas... E depois que entrei no esporte, eu falei 'ah, acho que não é aquela, é essa daqui'... (**Essa é mais sua cara?**) É minha cara.

Trabalho e renda

P: Exerce/exerceu algum tipo de atividade remunerada? Qual? Humm Sim.. Eu trabalho em um mercado (**Por quanto tempo?**) Agora vai fazer dois meses já, faz pouco tempo... (**Você já trabalhou em outro lugar?**) Eu já trabalhei em uma loja, aqui no centro mesmo... (**Isso já depois da deficiência né?**) Isso, já com a deficiência já... (**E foi formalmente, carteira assinada?**) Não, carteira assinada por que eu não posso, por que eu recebo um benefício, aí não posso, aí só posso assim...

P: Você está trabalhando atualmente no mercado né... Alguma vaga de emprego era relacionada à alguma ação política? (Jovem aprendiz, pra pessoas com deficiência, coisas do tipo?) Não. (**Era uma vaga aberta?**) É.

P: Na loja você era vendedor, e aqui no mercado também, certo? Isso. (Não sei se você saberia dizer, mas o salário era correspondente à função?) Sim. (**Você recebia o mesmo?**) Sim

P: Você já falou, mas eu vou perguntar de novo... Recebe ou já recebeu benefício de prestação continuada? Que é aquele valor que...? Sim, recebo. (**Por quanto tempo?**) Esse aí eu tô vai fazer dez anos e tô esperando o juiz me chamar pra ver se eu continuo recebendo.

P: Você enfrenta/enfrentava dificuldades em seu trabalho? Quais? Não.

P: De 0 a 10, como avaliaria sua participação no trabalho? Dez.

P: Participação social: mobilidade, acesso aos serviços, vida social, e engajamento em atividades políticas e de cidadania, físico-esportivas, culturais e de lazer

Você sai de casa? Quais lugares frequenta? Com que frequência? Eu saio sempre de casa, saio todo o dia... **(Alguém vai com você?)** É, no começo, quando eu não conhecia aqui a cidade, sim... Mas agora... **(Quem seria essa pessoa?)** É, minha mãe não conhecia tanto... Meu irmão, meus primos... Meus sobrinhos... Sempre contava pra conhecer a cidade.

P: Faz uso de algum meio de transporte? Qual? Sim, Transporte público. (Você enfrenta dificuldades para utilizá-lo? Quais?) Não... Graças a Deus, não.

P: Como avaliaria a acessibilidade do seu bairro? Em relação às ruas...? É, essa é muito difícil.. Que onde que eu moro é umas ladeiras que dá pra perder uns quilos... **(Ladeira então... Você acha que não é muito acessível?)** Pra mim, não é muito, principalmente pra um cadeirante é mais difícil... Pra mim até dá pra.. Mas chega em casa cansado... Pra um cadeirante é difícil...

P: E dos lugares que frequenta? É um pouco melhor...

P: E na cidade de um modo geral? Ó, de modo geral, quando eu tô com a perna é muito mais difícil, as subidas, por que tem calçada alta, calçada baixa, aí você tem que andar pelo meio da rua do que por cima da calçada...

P: Participa de algum projeto? Qual (is)? Projeto.. O projeto que eu faço é o Handebol.

P: O Handebol acontece na universidade, onde é? Na universidade.

P: Ele é exclusivo para pessoas com deficiência? Sim, são exclusivos.

P: Se sim, acha que deveria ser aberto aos demais? É aberto, mas é difícil pros deficientes saírem de casa pra ir, no dia a dia. **(É mais fácil os deficientes ou difícil de eles saírem)** É mais difícil que acho que eles tem medo de.. Que acho que eles sentem preconceito e acho que tem medo de o pessoal ter preconceito com eles...

P: E em relação às pessoas sem deficiência, você acha que deveria ser aberto pra elas também ou não necessariamente? Pras pessoas sem ser? Ó, sempre lá nos treinos, sempre tem uma pessoa normal que vai jogar com nós, que vai no primeiro dia, gosta e fica nas cadeiras treinando com nós. **(Então é meio que aberto?)** É aberto.

P: Essa parte eu já te perguntei... você realiza atividades físico- esportivas? Quais? Com que frequência? Frequência 10. **(Não, quantos dias da semana?)** Olha, terça, quinta e sábado... **(Alguém te acompanha?)** Comigo? Só os treinadores...

P: Você realiza atividades de lazer (passeios ao ar livre, frequentar casa de amigos, bares, casas noturnas, shows ou festas, entre outras)? Quais? Com que frequência? Vou, se ninguém me segurar, eu vou quase todo o dia... Agora não tem mais como ir, por causa do esporte, atleta sabe como que é... **(Depois que você virou atleta você diminuiu um pouco?)** Diminui o ritmo... **(E alguém costumava acompanhar você nessas saídas?)** Minha sobrinha. Sempre ela... Todo lugar que eu ia, eu chamava ela, ela me chamava... Sempre era essa rotina **(Vocês saíam bastante)** Saia bastante.

P: Você realiza alguma atividade cultural (ir em museu, cinema, teatro, apresentação artística, entre outros)? Quais? Com que frequência? Eu vou, sempre quando tem apresentação, ou eu mesmo tenho apresentação, vou, faço... Museu já fui... Quando eu passo perto eu passo pra dar uma olhadinha... Normal... **(Menos frequente do que sair no caso?)** Isso. **(Mas alguém te acompanha?)** Não... nas apresentações que eu faço, sempre tem o treinador, ou faço só.

P: Você enfrenta dificuldades para realizá-las? Quais? Não.

Atividades políticas e de cidadania:

P: Você tem documentos de identificação? RG CPF? Sim.

P: Você tem título de eleitor? Sim.

P: Já votou? Se não, por quê? É... Já.. (risos) Quebrei a cabeça pra votar...

P: Você participa/participou de algum movimento, organização ou conselho? Nunca participei... Só participei do Conselho do Esporte, Secretaria do Esporte. **(Aqui em *** *****?)** Aqui em *** *****. **(Por quanto tempo?)** Já vai fazer um ano já... Que eu sou do conselho dos deficientes... **(Então você está ligado ao esporte para deficientes)** É... esporte para deficiente. **(Então seria...)** Conselheiro... (barulho ao fundo, não entendível) para deficiente.. É, como que fala?! Portador de deficiência. **(E são pessoas exclusivamente com deficiência que participam desse conselho, dessa secretaria ou não?)** Não, cada conselho tem... secretaria do esporte e saúde...aí vai...

P: Você enfrenta dificuldades para realizá-las? Quais? Não. (E dificuldade relacionada à deficiência, tem alguma?) Ah, dificuldade em conseguir transporte para os deficientes e adaptações nas ruas, essas coisas. **(Então isso ainda é um desafio?)** É um desafio.

Acesso aos serviços:

P: Com que frequência você utiliza serviços da comunidade (polícia, hospitais, unidades de saúde, centro de assistência social, entre outros)? Ó, hospital sempre, quando é época de fazer algum exame, essas coisas, sempre precisa.. Mas a frequência assim... (Barulho ao fundo, não entendível) Tudo adaptado.. **(Sem nenhuma dificuldade?)** Sem nenhuma.

P: Alguém o(a) acompanha? Não.

Vida social:

P: Você tem religião? Sim

P: Qual? Católico.

P: Você frequenta o ambiente religioso (igreja, templo, centro, entre outros)? Frequento, a igreja católica, evangélica... **(Mas, toda a semana... As vezes não, as vezes sim?)** Era pra ser toda semana, mas agora depois do esporte tá difícil. **(Tá difícil?)** Aí é de quinze em quinze dias...

P: Alguém o(a) acompanha quando você vai nesses ambientes? Ah, sempre, minha mãe... As vezes quando vou na católica vou com a namorada.

P: Participa/Participou de atividades neste local? Quais? Ainda não.. (**Ainda não?**) mas tento participar.

P: Fez amizades nesses locais? Sempre faz

P: Quantos amigos você tem? Ixe, já perdi as contas (risos)

P: Com que frequência você encontra seus amigos? Em quais locais? Ah, no face, no whatsapp... Que até o whatsapp não para de apitar aqui... Se for brincar, dia sim, dia não, sempre encontra os amigos... (**De encontrar fisicamente?**) Isso. (**Dia sim, dia não?**) É... (**Se não só pelo virtual né?**) É, pelo virtual.. (**Quais lugares você mais encontra esses amigos?**) Ou nos treinos, ou quando eu tô na rua e de vez em quando a gente se encontra... Ou no serviço...

P: A maioria dos seus amigos têm ou não algum tipo de deficiência? A maioria tem. (**A maioria tem**) Principalmente da equipe, da equipe do atletismo, do handebol... (**Mas tirando só a equipe, no geral, a maioria tem também?**) Não. (**A maioria não tem?**) Não.

P: Como é a sua relação com seu(s) amigo(s)? Ah, a minha relação com meus amigos é tudo irmão... Nós conversa, brinca, zoa... (**Como qualquer outra amizade**) É...

P: Você tem acesso às redes sociais? Quais? Com que frequência utiliza? Se não fosse o serviço, acho que era todo o dia (**Todo dia, toda a hora**) É.

P: Já falou que fez amizades por meio das redes sociais também... Além do facebook e Whatsapp, quais você utiliza? Por enquanto só essas (risos).

P: Qual o seu estado civil? Eu estou solteiro. (**Solteiro...Você falou que é namorada, mas então está enrolado?**) É, enroladinho um pouco (risos) (**Mas você já namorou antes?**) Sim.

Outras informações:

P: Já passou ou passa por alguma situação adversa ou constrangedora em algum desses locais ou situações? Se sim, qual(is)? Não.

P: Já sofreu discriminação ou preconceito? Quantas vezes isso ocorreu? De que maneira? Você denunciou? Ah, assim, pessoal falando nunca sofri, agora... Faland pra mim, mas... nunca sofri. (**Então, que você saiba não**) Não. (**As vezes a pessoa pode ter olhado com uma certa...**) É. (**Mas que você saiba não**)

P: Avaliando todos os setores de participação social (mobilidade, acesso aos serviços, vida social, participação em atividades políticas e de cidadania, físico-esportivas, culturais e de lazer), que nota de 0 a 10 você daria para sua participação? Ah, Dez.

P: Alguma coisa a mais que gostaria de falar e que não foi perguntada ou dita na entrevista. Não, acho que é isso.